REVISTA DA SEMANA

Nº 42 ★ 21-10-50 Cr$ 3,00 EM TODO O BRASIL





EXTRATO · LOÇÂO · PÓ DE ARROZ

Promesa

· MYRURGIA ·



ESPIRITUOSIDADE MATUTA

A espirituosidade do matuto nordestino, sofredor e ignorante, batido pelas sêcas, envergado pelo costume de manejar a enxada, desconfiado pela incerteza do clima e humilhado pela estrutura social do meio ambiente, porém sempre arguto e lógico, — é como que uma dádiva da natureza para amenizar-lhe as angústias e fortificar a sua reação contra as misérias da vida. E êle esconde sempre com um sorriso irônico tôda a desgraceira que o rói por dentro... Não liga coisa nenhuma para a miséria, porque sabe "que desgraça pouca é tiquinho, que a fraqueza do home é falá fino, largá a muié, morá perto e comê o que ela ganha..." E' preciso conviver com o matuto, penetrar os seus costumes, sentir os seus problemas, assimilar a sua psicologia e entrar profundamente nos seus domínios filosòficos, para, então, gozar melhor a vivacidade e o humor espontâneamente naturais que enriquecem a santa ignorância dessa gente humilde. A região nordestina, se bem esteja hoje experimentando a influência da civilização moderna, é, ainda, uma terra à parte, longe dêste mundo agitado pelo radar e pela bomba-atômica. O matuto, com a penetração do rádio e dos jornais no interior, já não tem aquela tranquilidade criadora, dos tempos coloniais, quando as condições da vida rural eram outras e a natureza não precisava das previsões meteorológicas para trazer ou não o inverno abundante. Ainda assim, muito custará a civilização a destruir o espírito valente dessa gente forte e a fazê-la perder o seu manancial de ironia em face da vida.

Isso que se conta pelo sul do país, em revistas, em jornais ou em livros que raramente se escreve, não é a milésima parte do que existe, vivo e bruto, fulgurante e farto lá pelos sertões de espinho. Qualquer caboclo de pé raspado, sujo, esmolambado e pobre como Jó, é capaz de encabular um doutor que o pretenda empulhar. No mato, nas ruas ou em qualquer parte, a retentiva do matuto está sempre na agulha...

★

Em Caruaru, certo médico renomado gostava muito de melancia, porém só a de miolo encarnado. Nos dias de feira, ia êle mesmo em pessoa escolher a fruta de seu apetite. Muitas vêzes, teve de travar discussões com o fruteiro, a fim de chegar a uma conclusão sôbre a côr do miolo da melancia.

— Caboclo, essa melancia é de miolo encarnado?

— E', seu doutô! Pode comprá que eu garanto...

— E como V. sabe que ela é de miolo encarnado?

— Como sei, seu dotô? Èsse pé de melancia só dá fruita de miolo vermêio. Pode levá que é encarnadinho que nem beiço de moça...

— Olhe! Se a melancia tiver o miolo branco, eu lha devolvo mesmo partida...

— Pode levá sem susto, doutô! E' vermêio que nem sangue...

Quando o médico foi levando a fruta ao balaio do moleque, ouviu-se foi o estouro no chão: a melancia era branca como papel! Vieram logo os desaforos:

— Como é que V. não tem vergonha de dizer que a melancia é de miolo encarnado?...

E o caboclo, numa defesa enérgica, argumentou simplesmente:

— Tombém, doutô, com um susto dêsse!...

★

Num dia de feira, em certa cidade nordestina, um caçador exibia à venda um couro de onça pintada. Felino, hoje em dia, muito raro nos sertões. Formou-se uma ruma de gente, todos de bôca aberta para ver o couro da fera. Um sujeito inquieto, espalhafatoso, vara a multidão e dirige-se, ansioso, ao caçador:

— Isso é uma onça?

E o caçador, calmamente:

— Não senhor: é um couro...

— E' do senhor?

— Não senhor: é da onça...

★

Depois de vários anos de ausência, o autor destas linhas viaja, a cavalo, no município de S. José do Egito. Novas divisões de terra, novos cercados, grutilhões cavados pelas enchentes, caminhos por todos os lados, tudo era dúvida para o território desejado — a Vila do Brejinho. À beira da estrada, uma cabocla roçava os seios rijos no batente de uma janela estreita e contemplava, de sua tapera triste, a agonia do sol. Aproximei-me:

— Minha santa, êsse é o caminho que vai sair no Brejinho?

E ela, com um sorriso tímido e gostoso:

— Não senhor: êsse é o que vai entrar...

Encabulei e procurei concertar essa chavascada, perguntando-lhe o destino de outro caminho, que se esgalhava:

— E êsse outro caminho, para onde vai?

— Não vai para canto nenhum, meu senhor! A gente é que vai nêle...

★

Material ainda mais rico é o que corre na bôca dos cantadores, dos poetas que levam uma vida exclusivamente a serviço de seus devaneios, de suas sátiras, do seu humor permanente. Antônio Marinho, o violeiro mais espirituoso de quantos conheci, deixou um material riquíssimo, graças ao qual enchi mais de cinquenta páginas de um livro que tenho a publicar. Sublimemente feio, sizudo como uma pedra, cabelos e barbas devastadas pela febre tifóide, usando um chapelão desabado sôbre as orelhas, entrava êle no Mercado de S. José do Egito, quando uma senhora espantada, encolheu-se e resmungou:

— Virgem Maria! Que home feio! Isso é que é sê horrivel...

Marinho ouviu, voltou-se e começou a rodear a mulherzinha, olhando-a apuradamente, de modo patético, como que procurando uma coisa muito difícil de ser vista. E a mulherzinha foi rodando, à proporção que êle rodava. Não se contendo, perguntou exaltada:

— Que é que o senhô qué, meu senhô?...

Na maior calma dêste mundo, Marinho lhe respondeu:

— Eu quero apenas saber onde é que fica a cara da senhora...

★

Severino Pinto é outro cantador, o maior que já conheci e também um dos homens mais feios que meus olhos já viram. Misógamo. Tem horror do belo sexo. Onde há uma senhora êle baixa a vista e só responde em monossílabos. Indo, pela primeira vez, a S. José do Egito, hospedou-se na casa de seu colega, o Marinho. Uma senhorita amiga da casa, dessas tagarelas que têm uma agulha de vitrola na língua, não se conteve ao ver aquêle homem fechado e atômicamente feio:

— Antônio Marinho, quem é êsse homem?

— E' Severino Pinto, o grande cantador.

— Meu Deus! — disse a mocinha. — Mas por que é que tôda essa gente que canta é feia dêsse jeito?...

Severino Pinto só fêz levantar a cabeça e perguntar bruscamente:

— E a senhora canta?...

★

Há muita coisa perdida por êsses sertões afora, muita coisa que poderia encher centenas de compêndios, enriquecer o patrimônio de nossas letras e provar que o brasileiro, mesmo aquêle mais rude e mais pobre, é a afirmação irrefutável de um dos povos mais inteligentes do mundo. Resta-nos apenas o cuidado de não deixar que essas jóias brutas se percam na batéia do tempo, antes de serem destruídas pela civilização atômica em que vivemos...

ROGACIANO LEITE



A GUERRA NA CORÉIA



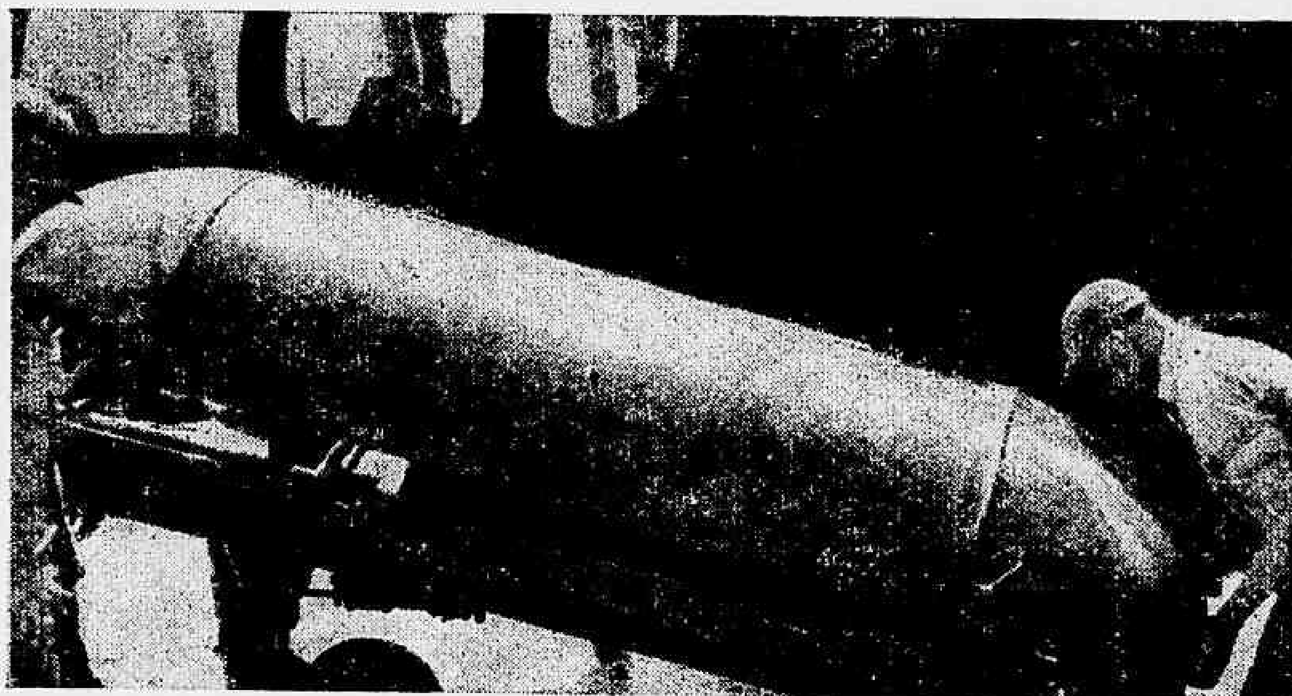
NESTA FOTOGRAFIA VEMOS um soldado norte-americano ao descobrir, dissimulado em um campo de arroz, um guerrilheiro nortista quando procurava infiltrar-se entre o inimigo.

CORÉIA, UM TESTE PARA A DEMOCRACIA

A luta na Coréia está chegando ao seu ponto nevrálgico: a guerra dentro do território da Coréia do Norte, dominada pelos comunistas e limítrofe da Rússia e da China de Mao-Tse-Tung. Já a ONU deu permissão para que as fôrças aliadas invadam o paralelo 38 e castiguem o exército coreano do Norte que, há pouco mais de um mês antes, estava senhor da Coréia do Sul, restando-lhe apenas uma pequena faixa na zona de Pusan. A situação é indiscutivelmente grave, não do ponto de vista militar em relação aos Estados Unidos, uma vez que a Coréia do Norte não constitui nenhum problema dêsse caráter para os americanos do norte e demais países da ONU; mas, estudando-se o caso pelo lado internacional, vemos que a situação se agrava com a marcha dos exércitos aliados na direção da fronteira da U.R.S.S.

Mac Arthur já mandou, pela segunda ou terceira vez um ultimatum às tropas de Kim-Ir-Sen, para que deponham as armas e se entreguem incondicionalmente, sob pena de serem destruídas essas mesmas tropas e arrasadas as cidades estratégicas do norte. A tôdas estas intimações, respondem os coreanos com o silêncio, mostrando que estão dispostos a lutar até à morte. As fôrças aliadas já dispõem, segundo as últimas estimativas de contingentes que beiram os 200 mil homens. Seus corpos de aviação também são vultosos, e, pelo mar, estão senhores de tôdas as rotas e de tôdas as águas. Os desembarques continuam e já caiu grande pôrto fortificado dos coreanos do Norte, dentro de sua própria expressão geográfica. Pela determinação da Assembléia da ONU, as tropas aliadas têm licença de continuar avançando até a capital de Piong-Yong, sede do govêrno nortista. Ocupada esta, o restante do país seria fàcilmente dominado, tratando-se então de promover eleição geral para solução imediata do caso coreano, antes de tornar-se um paiol de pólvora, cuja explosão atingiria o mundo inteiro. E' a Coréia, um teste para a democracia.





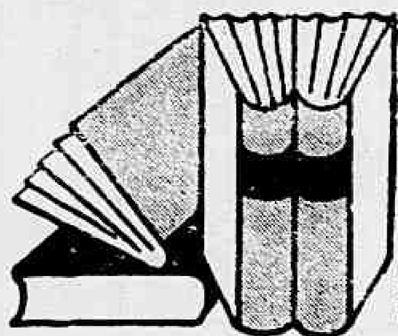
O CORPO DE SAUDE AMERICANO acaba de adotar na Coréia um serviço ultra-rápido, por helicopteros, afim de conduzir, sem nenhuma demora, os feridos mais graves e que necessitem de rápida intervenção cirúrgica. Colocado numa espécie de célula oblonga, de matéria plástica, são levados para hospitais de sangue. Aqui várias fases da operação aérea.



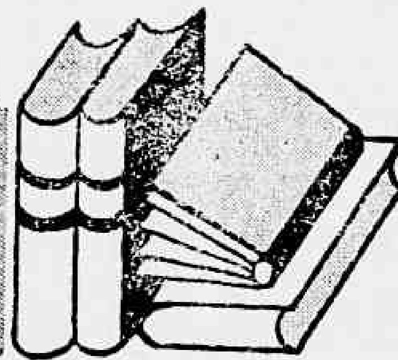




NA GARE DE NOVA YORK, o cabo James Kousden, do Primeiro Batalhão de Fuzileiros Navais, dá o seu beijo de despedida à sua noiva Annette Corrier. Havia pouco, chegára do campo de treino de Lejeune, na Carolina. E já entrou em combate na Coréia. Ao canto, uma foto de bombardeio em plena Coréia.



SEMANA LITERARIA



ÁLBUM DE FAMILIA



PEDRO CALMON

PEDRO CALMON (Pedro Calmon Moniz de Bittencourt), nasceu em Amargosa, Estado da Bahia, a 23 de dezembro de 1902. Bacharel em direito, professor, novelista, historiador, Pedro Calmon tem se dedicado sobretudo ao magistério e à atividade literária, que parecem ser suas vocações mais firmes. Orador e escritor de largos recursos, Pedro Calmon, no cultivo das letras, tem-se destacado sobremodo no terreno dos estudos históricos, onde melhor vem desenvolvendo suas atividades intelectuais. Senhor de um estilo brilhante, ágil e colorido, Pedro Calmon consegue amenizar sempre os mais áridos temas de história, tornando-os cheios de interêsse, mesmo aos leitores não especializados. Bem jovem ainda, aos 34 anos, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras (16 de abril de 1936), na vaga de Felix Pacheco, sendo recebido e empossado a 10 de outubro do mesmo ano. Diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, Reitor da mesma Universidade, Pedro Calmon foi recentemente nomeado Ministro de Estado da Educação e Saúde, cargo a que ascende aos 48 anos de idade.

Como homem público, Pedro Calmon sempre se destacou pelo equilíbrio de suas atitudes, pelo espírito democrático e pela serenidade que imprime às suas decisões.

De sua obra literária, bastante numerosa, vamos destacar os seguintes livros: "O Marquês de Abrantes", 1933; "O Rei-Cavaleiro" (Vida de D. Pedro I), 1933; "História da Civilização Brasileira", 1935; "Espírito da Sociedade Colonial", 1935; "História Social do Brasil"; "História da Casa da Tôrre", 1939; "História de Castro Alves", 1947; "A Bala de Ouro". Sua última obra, que se anuncia para breve, intitula-se "O Segrêdo das Minas de Prata", tese com que se apresenta ao concurso para a cadeira de História do Brasil, do Colégio Pedro II.

EDMUNDO LYS

CRÍTICA E CRIAÇÃO

De ANTÔNIO OLINTO

A crítica não é apenas uma enumeração estatística dos elementos constitutivos de uma obra de arte. O que a confunde com essa atividade, puramente de fichário, é o uso indevido da palavra "objetividade". Tornou-se comum a tese de que "ser objetivo é não ter opinião". Essa exigência de neutralidade vem da idéia de que o crítico não pode deixar-se empolgar por uma, devendo manter uma frieza em relação ao objeto de seus estudos. Em suma, há quem deseje que a crítica seja apenas uma ciência.

Ora, contemplar é, de certa maneira, participar do contemplado. No plano das coisas humanas, querer colocar-se de fora de um assunto equivale a dêle não tomar conhecimento. O "fora" não existe. O fenômeno do conhecimento é dual, está sempre ligado a um "sujeito" e a um "objeto". As propriedades particulares de cada coisa existem, independentes de quem as conhece. Mas acontece que a obra de arte é feita para os homens; embora não sendo funcional, preenche uma função, sacode a quietude interior, provoca desejos, desperta sentimentos. Há uma interrelação no caso. O homem tem de participar da obra examinada, tem de se sentir, em relação à sua mensagem, num plano de humanidade. E' claro que há uma diferença entre a apreciação do "artesanato" e a da "idéia". Uma obra pode não chegar a uma conclusão filosòficamente certa e, no entanto, ser bem realizada. O entrosamento entre a técnica e o sentido precisa, porém, de ser completo. E, mesmo sendo filosòficamente errada, uma obra de arte pode mostrar uma face particular das coisas, uma fase verdadeira como detalhe, embora falsa na generalização. Os dramas particulares de cada homem interessam, de acôrdo com a sua pungência, a todos.

O exame neutro de uma obra seria simples trabalho de classificação. Filiar um autor a uma escola não chega a ser criação. E não nos esqueçamos de que criticar é criar. A crítica pode ser também uma obra de arte. Sua finalidade principal é esta: indicar um caminho, dar opiniões, sempre dentro de um conceito de estética, procurando, por isto, descobrir, na obra, o que esta contém de inesgotável, de ainda não revelado. Nisto está o seu trabalho de criação.

"PRÊMIO DA AMÉRICA" PARA GABRIELA MISTRAL

Segundo notícias de Washington, a poetisa chilena Gabriela Mistral conquistou o «Prêmio da América» de 1950.

Essa laurea é anualmente concedida pela «Academy of American Franciscan History», em reconhecimento por qualquer contribuição notável para o estreitamento inter-americano.

Gabriela Mistral, Prêmio Nobel de 1945, é atualmente o cônsul do Chile em Vera Cruz, México. A declaração da Academia diz que «Gabriela Mistral é universalmente considerada um porta-voz da cultura da América Espanhola». Os prêmios anteriores foram concedidos a Sumner Welles, ex-vice secretário de Estado Americano, Pablo del Rio, arqueólogo e historiador mexicano, e Herbert Bolton, professor de História Hispano-Americana da Universidade da Califórnia.



GABIELA MISTRAL

★

LADRÃO COM ALMA DE POETA

Os jornais já deram a notícia, mas fazemos questão de oferecê-la aos leitores desta página, aos quais pode ter passado despercebida.

Guilherme de Almeida, que era candidato do **P. R.** à deputação federal, **foi assaltado por um gatuno, quando fazia o seu "lunch", na Galeria Guatapará.** O gatuno lhe roubou **a carteira**, sem que o poeta, pensando em **um poema** ou na sua cadeira do palácio **Tiradentes**, desse por isso. Instantes depois, entretanto, o gatuno, tendo percebido que **havia roubado** o grande poeta de São Paulo, **voltou a** avistar-se com Guilherme, desculpando-se pelo ato que cometera, restituindo a carteira e solicitando, apenas, que **o poeta** lhe desse uma de suas cédulas, **pois queria** votar nêle.

Comentando o fato, Guilherme de Almeida, bem-humorado, disse que "o ladrão, com aquêle gesto, demonstrou que também tem alma de poeta".

NOTICIARIO



TEREMOS, em breve, "O Livro dos Provérbios", atribuído a Salomão, tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, prefácio de Tristão de Ataíde, Coleção Rubaiyat; "Mistérios e realidades dêste e do outro mundo", por A. da Silva Melo, 2ª edição; "A Sombra do Pecado", romance de Frank Yerby, tradução de Lia Cavalcanti, Coleção Fogos Cruzados; "Contra-Mão", e "Viagem para Málaga" por Antônio Olavo Pereira e Leonardo Arroyo, respectivamente, vencedores do "Prêmio Fábio Prado" de 1949, o primeiro, uma novela, e o segundo, um volume de contos; "Quase Política", 9 discursos parlamentares e uma conferência de Gilberto Freyre; "A Política Trabalhista no Brasil", por Getúlio Vargas; "Contos de Aprendiz", de Carlos Drummond de Andrade; "O Grande Pescador" (A Vida Romanceada de São Pedro), por Lloyd Douglas, tradução de Wanda Murgel de Castro, Coleção O Romance da Vida.

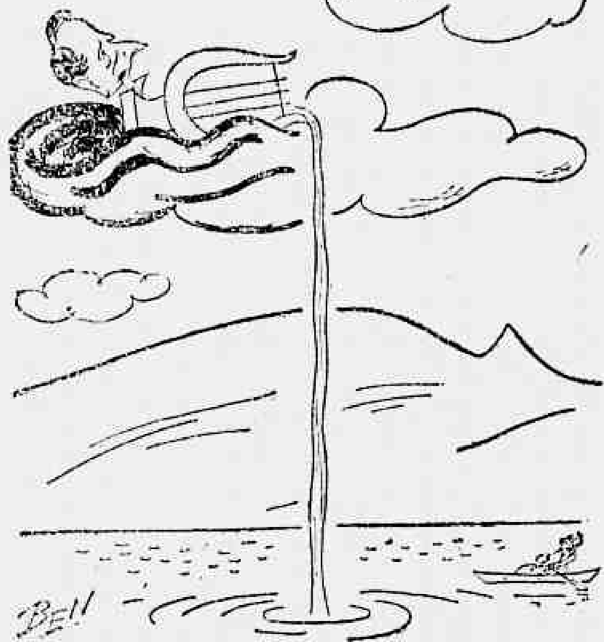
★

Viajou para Recife, onde se demorará até meados de novembro, o sociólogo Gilberto Freyre. O autor de "Casa-Grande & Senzala", cujos contactos com a provincia natal parece que mais estimulam sua extraordinária atividade intelectual, voltará breve ao convívio dos seus leitores, por intermédio de "Quase Política", discursos parlamentares, e as segundas edições de "Sobrados e Mucambos" e "Nordeste". "Sobrados e Mucambos", nesta nova edição, aparecerá desdobrado em três volumes, com acréscimos de capítulos, notas e ilustrações, pràticamente um livro novo. "Nordeste", igualmente refundido pelo autor, está valorizado com novas notas, bibliografia e acréscimos, sendo aliás por muitos críticos considerado a mais perfeita obra do autor.

★

Anuncia-se para breve o lançamento das Obras Completas de Oliveira Viana, cujos estudos de história e sociologia são dos mais importantes e fundamentais para um exato conhecimento das atuais condições do nosso povo, em tudo que se refere à evolução de suas instituições políticas, sociais e econômicas. Autor de obra já numerosa, que se destaca pela solidez da erudição e pela objetividade com que foi construída, Oliveira Viana vai agora apresentá-la de maneira uniforme e sistemática, coroando assim longos anos de estudo e meditação sôbre os grandes problemas nacionais. E' o seguinte o plano de suas Obras: I — *Populações Meridionais do Brasil*; II — *Pequenos Estudos de Psicologia Social*; III — *Raça e Assimilação*; IV — *Problemas de Política Objetiva*; V — *O Ocaso do Império*; VI — *Evolução do Povo Brasileiro*; VII *Instituições Políticas Brasileiras*, em 2 vls.; VIII — *Problemas de Direito Corporativo e Problemas de Direito Sindical*; IX — *Problemas de Organização e Problemas de Direito* (inédito); X — *Direito do Trabalho e Democracia Social* (inédito); XI — *História Social do Capitalismo no Brasil* (inédito); XII — *História Social do Pré-capitalismo no Brasil*; XIII — *Estudos diversos*, inédito.

"A LEGENDA DAS LETRAS"



UMA «charge» de Ben, para a série que «Les Nouvelles Littéraires» está publicando: «A Segunda das Letras». Êste é o idílico e etereo Lamartine, flutuando sôbre o famoso «O Lago» — cuja água parece escurecer de sua lira.



Outra caricatura de BEN, na série «A LEGENDA DAS LETRAS»: Voltaire.

UMA EXPOSIÇÃO DO POPOL-VUH NA UNIÃO PAN-AMERICANA

A Divisão de Música e Artes Visuais da União Pan-Americana acaba de inaugurar uma exposição de várias edições e de iconografias do Popol-Vuh (Livro Sagrado dos Mayas), a qual permanecerá aberta ao público, nas galerias de arte da mencionada instituição, até o dia 20 do corrente. A exposição foi organizada sob os auspícios dos Representantes do México e de Guatemala junto à Organização dos Estados Americanos, Embaixadores Luis Quintanilha e Antônio Goubaud Carrera.

Compreende a exposição várias das obras publicadas sôbre o Popol-Vuh, em particular a mais recente delas, editada pela Editorial Leyenda, do México, com ilustrações de José Garcia Narezo e comentários de Ermilo Abreu Gómez. Devido à cooperação da Bibliotéca do Congresso de Washington, exibem-se igualmente fotografias dos manuscritos originais de Popol-Vuh, de autoria do Padre Ximénez, os quais pertencem à Biblioteca de Newberry, Chicago. O Popal-Vuh é um dos clássicos da literatura índia da América.. Pertence essa obra à civilização Maya-Quiché, cujo principal centro se achava nas regiões correspondentes ao Yucatã e à Guatemala Suas lendas religiosas e históricas são hoje consideradas como constituindo a Bíblia dos Mayas, e muito embora não se conheça nenhum texto original, supõe-se que essas lendas eram traismitidas de pais a filhos até os dias da conquista, quando as diferentes versões foram recolhidas pelo Padre Ximénez, que as verteu em castelhano. O texto Maya-Quiché do Pe. Ximénez, e suas diversas interpretações, foram utilizados por escritores ocidentais para estudos e para traduções em inglês, alemão e francês. Entre as mais famosas traduções do Popol-Voh, contam-se as de Villacorta-Rodas, Brasseur de Bourbourg, Raynaud e Recinos.

MORREU J. CARLOS

Faleceu repentinamente, a 2 dêste mês, o caricaturista J. Carlos. Sua morte surpreendeu e consternou o mundo intelectual e artístico do Brasil, onde J. Carlos era uma das maiores figuras e das mais queridas.

José Carlos de Brito Cunha foi artista extraordinário, inexgotável de criação, original e brilhante, fazendo da caricatura um motivo de sátira e de encantamento, pela finura de seu traço, pela elegância de seus bonecos. Foi, no mais justo sentido da palavra, um «humorista». Sua verve comentou, em «charges» primorosas, vultos e fatos dos últimos cinquenta anos no Brasil, sendo possivel reconstituir a história de nosso meio século, através de sua obra, numerosa e infatigavel, sempre renovada, sempre «à la page», de espírito e de fórma.

Na data de seu falecimento, completavam-se 48 anos de sua estréia na imprensa carioca, onde ocupou sempre um posto de destaque, o posto de que jámais desertou: os primeiros sinais do mal que o vitimou, em poucas horas, êle os sofreu na própria redação de «Careta», o semanário a que deu, desde seu primeiro número, assídua colaboração, em cujas páginas deixou o melhor e o mais cintilante de sua grande obra.

FORA DO PRELO

MACHADO, PÖE E DOSTOIEVSKI - CONSTANTINO PALEÓLOGO - Revista Branca — São Paulo — Constantino Paleólogo, que nos deu o notável ensaio sôbre Eça de Queiroz, visto através de sua obra, com isso uma solução clara do problema do escritor, aparece de novo, no mesmo campo, fazendo a psicanlise da obra de três escritores, sondando, neles, as fixações e os «réfoulemens», assim nos mostrando, a nú, essas almas, criadoras de almas, que transferiram aos seus personagens as sombras e os fantasmas que os perseguiram.

Êste livro, uma bela edição da «Revista Branca», reúne três estudos que podem ser situados entre os que de melhor e de mais original tem se escrito, não apenas entre nós, no gênero. Constantino Paleólogo enriquece suas análises pela isenção, pela sinceridade, pelo escrúpulo que põe em tratar assuntos delicados desta espécie. Acumulando elementos probantes, colhidos na obra copiosa dos autores que estuda, nos leva êle, fàcilmente, à visão clara do que pretende, expondo-nos essas almas torturadas de estranhas agonias — como no caso de Machado, Pöe e Dostoievski, grandes gênios literários e grandes documentos humanos, facinantes por isso mesmo que tipos excepcionais, duplamente excepcinais, tanto neles podemos descobrir, através um estudo como êste, o que possuiram de miseravel e de dramático.

Na apresentação desta obra, afirma o autor que não é psicanalista, «na acepção técnica do têrmo». Na realidade, parece-nos que Paleólogo nos tem dado o que de melhor vem se fazendo em psicanalise por aqui. Diz êle que aplicou a psicanalise a estes casos, como poderia ter aplicado outra ciência, desde que fosse adequada ao fim que se propunha. Compreendemos o ponto de vista, a delicadeza do autor, falando assim aos seus leitores, afim de que sua obra não seja confundida com a charlatanice, de que Freud têm sido grande vitima, nem com a dos pornógrafos, também desculpando, com a psicanalise, seu gôsto do escândalo. Não, não se trata de nada disso, neste livro sério, facinante, áustero, de um interêsse invulgar para a biografia desses grandes espíritos a que se dedica, mais do que com admiração, com afêto. Daí a grandeza e o alcance da obra, onde Paleólogo nos comunica a nostálgia fúnebre de Edgar Pöe, a insatisfação de Machado e a obcessão homicida de Dostoievski. Livro de um estudioso digno do maior respeito, cuja contribuição, no domínio psicanalítico, à história literária, torna-se dia a dia mais significativa.

★

O ESPÍRITO HUMANO — Neves - Manta — (3ª edição) Pongetti — Rio Esta coleção de pequenos ensaios de Neves - Manta, agora publicada em 3ª edição, não necessita noticia detida, visto como o aprêço que lhe dedicou o público ledor se denuncia na sua tiragem. De fato, estamos em presença de um trabalho despretencioso, feito ao acaso dos assuntos e das sugestões do momento, nem por isso frivolos e superficiais, focalizando tipos padrões, fatos e figuras que representam forças do espírito humano através do tempo e dos acontecimentos. Anotações de reflexão e pesquisa — eis como se denomina esta obra. São vinte e tantos titulos, dos mais interessantes, em que o autor nos apresenta o fruto de suas reflexões e o sentido das indagações que fez, em torno dos grandes e misteriosos problemas do espírito. Autor consagrado por uma obra já extensa e significativa, nêste livro Neves-Manta mais uma vez demonstra sua vocação de analista e suas excelentes qualidades de escritor, servindo-se de um estilo simples e comunicativo para expôr os assuntos mais áridos e mais sutis.

CÂNTICOS DA ÁGUA E DO FOGO — Cid Corrêa Lopes — Pongetti — Rio Entre os muitos livros de versos que nos deu êste eleitoral de 1950, e os muitos que ainda nos vai dar até dezembro, podemos destacar como um dos melhores e mais representativos de nossa poesia, de nossa atualidade poética, êste «Cântico da Água e do Fôgo». Realmente aqui se assinalam valores incomuns de técnica e de inspiração, aqui se encontram muitos momentos de poesia, além da simples arte poética. Cid Corrêa Lopes é senhor dessa forma sintética de exprimir poesia, não apenas porque faça os poeminhas curtos, de três, quatro, meia dúzia de versos, de extraordinária economia verbal e ritmica: êle realmente atinge fàcilmente à síntese, sem prejuizo algum do conteúdo lírico. Vejam um exemplo:

MÃE D'AGUA

Enchi o cântaro da minha ternura
No arroio dos teus olhos...
Faltou-me o trigo do teu sorriso
Para a festa dos meus sentidos.
E já era de tarde quando partiste...

Na maneira poética de Cid Corrêa Lopes, admiro, sobretudo, a simplicidade que êle põe nos versos, pois, no geral, o verso curto, o poemeto de nosso néo-parnasianismo conduz a todas as preciosidades, inclusive às preciosidades cafagestes. Reparem, no exemplo acima, a propriedade, a naturalidade dêsse — E já era de tarde... E imaginem como a maioria dos poetas seria logo levada a dizer: já era tarde... o que botaria tudo a perder.

Mas, não precisamos estar para aqui a dizer do livro de Cid Corrêa Lopes: muito mais importante do que isto, de fato, é a carta de Álvaro Moreyra que antecede os poemas e onde, melhor do que ninguem, Álvaro fala desta poesia e dêste poeta: Leiam:

«Li todos os poemas dêste livro. E todos reli. Agora, com o prazer bom de lembrar, falo com você, mas sinto que me dirijo a muitos, a tantos que vieram pelo tempo, até você. N'«A Dansa das Sombras», o princípio da «Exortação» diz: «Homem cuja origem se perde na madrugada do infinito...» Grande madrugada, Amigo! De lá partiu o Poeta que chegou aqui, e trouxe em palavras poucas, o resumo da longa viagem. Foi preciso viver, viver, viver, para atingir a tão pura simplicidade. Os excessos ficaram no caminho. Hoje, você dá, aos que o escutam, o essencial! Os que o escutam lhe pedem mais, a você que teve alegrias, que teve amarguras, e tem esperanças; a você que continuou sorrindo. Bem imagino, Cid, que, desde longe, você seguiu o conselho do Sábio: dos dois pães que possuia, trocou o melhor por uma rosa».

★

A CANÇÃO DA VIDA — Hélio Chaves — Rio. — O poeta Hélio Chaves não é um desconhecido habitante do mundo das letras. Na lista de suas obras vindas e por vir, encontramos livros de versos, ensaios, romances, discursos etc.. Também entre os títulos com que se apresenta, somam-se o de membro do P.E.N. Club, da Academia Petropolitana de Letras e do Centro Cultural Euclides da Cunha, do Paraná. De forma que a «A Canção da Vida», poema, cobrindo setenta e seis páginas, com versos que variam no ritmo e no tom, do trágico ao humorístico, do solêne decassílabo ao setessílabo brejeiro, vem amparada por alguns antecedentes respeitáveis, a cortejar a estima pública. Em resumo, o poeta está em que a mocidade de hoje anda muito sorumbática e desanimada. Propõe-se a fazer-lhe esta canção, a vêr se êla se alegra, se acredita, se «mete os peitos», como se diz em linguagem vulgar. E, realmente, os assuntos que versa, melhor, com que engalana sua «Canção», muitas vezes são de molde a animar a paisagem e os espíritos. Veja-se, por exemplo, a história da moça da esquina:

«Aquela moça da esquina,
que é vaidosa e que é bonita,
êla tem fama de «boa»,
mas boa fama não têm!»

Outro exemplo:

«Aquela mulata airosa,
que tem cheiro de jasmim,
é bela, quase tão bela
quanto a ideal Miss Brasil!»

Finalmente, êste exemplo, naquêle sentido de desanuviar os corações sucumbidos de nossa mocidade, «sem paz, sem ideal, sem luz, sem fim», conforme a angustiada descoberta feita pelo poeta:

«O branco heróico se uniu
ao negro sentimental;
dêsse amálgama bendito
surgiu a mulata ardente,
que, com o tempo e gerações,
fixará a tez morena,
do meu país tropical!»

Neste capítulo, «A Canção da Vida» se extende, minuciosa, para vêr se levanta um pouco os brios dêssa mocidade que tanta lástima inspirou ao poeta. Como se vê, trata-se de um vate bem animado e cujo merecimento consiste nessa obra generosa de oferecer, à nossa juventude, uma poesia tonificante.

NOSSOS ILUSTRADORES



Uma impressionante ilustração de Darcy Penteado para o conto «Velório», de Antônio D'Elia.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 42 ★ 21-10-50

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street. New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2530; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

AERONAVES MISTERIOSAS



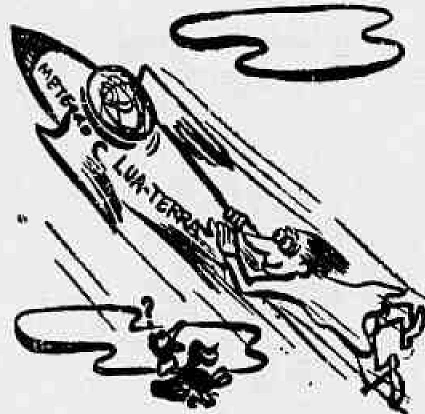
Publicaram os jornais do Rio, louvados em notícias telegráficas vindas de Nova York pela A.F.P. que, em Oakland, na Califórnia, o pilôto de um avião comercial declarou ter visto, na noite de 5 para 6 do corrente, misteriosa máquina voadora muito bem iluminada por oito luzes brilhantes. Avistando o estranho itinerante dos céus, o pilôto, que se chama Cecil Kardin, tratou de tomar altura para evitar uma colisão. Elevou-se muito acima de quinhentos metros, quando então o mistério passou como um raio ao seu lado. Isso sucedeu na rota de San Francisco a Van Nuys, perto de Los Angeles, e o aparelho estranho levava uma velocidade espantosa. Que seria isso, agora? "Pires Voador"? "Disco"? "Prato"? Acha o pilôto Kardin que se tratava de uma máquina voadora, iluminada e visível; mas com uma velocidade supersônica. Os meios oficiais da aeronáutica norte-americana, até agora não deram qualquer opinião a tal respeito, não havendo quem se anime a dar um palpite. Mas, afirma Cecil Kardin, que êle viu mesmo o bicho estranho... Tudo isso só tem servido para aumentar a tensão nervosa do povo, especialmente lá nos Estados Unidos, já envolto numa guerra no Oriente. Qualquer coisa que surja acima de suas cabeças e ligada a aeronáutica, provoca inquietação. Seria conveniente que os senhores aviadores comerciais não se deixassem levar por certas aparências. Não é provável que, sôbre a Califórnia estejam voando aparelhos misteriosos... Os tais "discos", desde muito se desmoralizaram, muito antes de ficar provado que eram balões de sondagem atmosférica!

REVOLTA DE SURDOS-MUDOS



Não era de hoje que alunos e professores do Instituto Nacional de Surdos-Mudos, procuravam, junto às autoridades do govêrno, substituir o atual Diretor daquele estabelecimento, alegando que o mesmo impusera no educandário verdadeiro regime de terror. Órgãos de responsabilidade da imprensa carioca divulgaram declarações assinadas por alunos do Instituto, narrando procedimentos violentos do Diretor contra educandos, inclusive espancamentos pelas mãos do próprio responsável pela direção e boa ordem do Instituto. Mas, apesar de protestos e movimentos junto ao govêrno, o Diretor permanecia, e segundo declaram os que ali vivem como alunos ou como professores, os rigores continuaram redobrados. Um grupo de professores, há algum tempo, pediu abertura de inquérito; mas deu em nada. Ou melhor: ainda mais se agravou a situação, pois a comissão se limitou a ouvir os acusados e terminou por pedir a punição dos denunciantes! Com êste resultado, o Diretor mandou arquivar o processo e se manteve como antes: aplicando castigos corporais, conforme declaram as vítimas e a imprensa do Rio divulgou. Uma das causas dêsse estado de intranqüilidade entre o Diretor e docentes e discentes, é a simpatia que sempre houve dos últimos para com o antigo Diretor. A situação foi subindo de intensidade, com os ódios cada vez maiores dos alunos que não podem falar, pois são mudos, até que, a 5 dêste mês, rebentou a rebelião! Depredaram o edifício, quebraram vidraças, móveis, tudo o que iam encontrando ao seu alcance! E, para não serem identificados, cobriram o rosto com toalhas!

LOTAÇÃO COMPLETA



Não há habitante dêste Planeta que não goste de admirar a lua, especialmente quando está cheia. O mistério da lua é apenas o de não se saber o que é que há do outro lado. O satélite da Terra, por um capricho de sua rotação em tôrno de nós, só nos apresenta uma face. A outra fica sempre oculta aos nossos olhos e às lentes de nossos telescópios. Por êsse motivo, logo que começaram a falar em uma próxima viagem à lua, muita gente se interessou, especialmente as mulheres. Elas estão loucas por saber o que é que a lua tem... do outro lado! Em Londres, conforme publicamos em edições anteriores, já está organizada uma sociedade para construir o primeiro foguetão super-super-supersônica, para o transporte de gente da Inglaterra à lua. Mas, como os norte-americanos não querem ficar atrás, já organizaram também uma excursão muito maior. Abriram as listas de pretendentes e foi tanta a afluências aos escritórios da emprêsa lunar, que tiveram de suspender a venda de bilhetes. Não se espante o leitor: mas, nada menos de 18 mil pessoas querem ir da Terra à Lua. A estação de inscrição é o "Planetarium" de Nova York, o famoso "universo em miniatura", onde é apresentado ao visitante tudo o que há no céu. No "Planetarium", podemos ver a Terra lá da Lua, e penetrar na fosforescência da Galaxia, como se já estivéssemos "anjinhos"... Ora, se isso é belo e empolgante por meio mecânico, puramente artificial, embora com tôdas as proporções de visos de verdade, que não será num aparelho voando a 40 mil quilômetros por hora, podendo levar gente à lua e voltar no mesmo dia?...

PROCESSO CONTRA ELEITORES



O exercício do voto, no Brasil, é obrigatório, sendo facultativo apenas para as mulheres que não sejam funcionárias públicas. Também não podem votar, as praças de pré, os cegos, os hansenianos e os analfabetos. Mas, tôdas as vêzes que o brasileiro é chamado a depositar nas urnas o envelope contendo os nomes dos seus candidatos a cargos legislativos ou do executivo, do município ao Catete, nota-se vultosa percentagem de abstenção. Nas eleições de 3 de outubro êsse sintoma foi alarmante, em vários Estados e mesmo no Distrito Federal, havendo seções que apresentaram elevadíssimo nível de ausentes nas primeiras eleições realizadas depois do golpe de 29 de outubro de 1945, apesar de registrar-se o fenômeno de desinteresse em alguns pontos do país, a Justiça Eleitoral não tomou providências no sentido de punir os faltosos. O máu exemplo frutificou agora. Nas recentes eleições a percentagem de abstenção foi maior do que nas anteriores. Se o desinterêsse houvesse recebido a correção legal conforme preceitua o Código Eleitoral, talvez não se verificasse o que foi observado a 3 de outubro. Agora, porém, segundo publica a nossa imprensa, o procurador geral do Distrito Federal vai providenciar no sentido de serem chamados à responsabilidade os eleitores faltosos. A demora é sòmente à espera que os juízes das zonas eleitorais remetam à Procuradoria Geral do Rio de Janeiro a lista dos eleitores que ficaram no mole e não foram cumprir seu dever de cidadãos. Dentro de uns dois meses, porém, será oferecida denúncia contra os mesmos. E, da próxima vez, os resultados hão de aparecer...

A PERSONAGEM DA SEMANA

O cientista, especialmente no campo da medicina, de natureza caracteristicamente experimental e objetiva, não se faz da noite para o dia, improvisadamente, contando simplesmente com a sorte. O homem de ciência para chegar ao gôzo do título mais glorioso da vida humana, que é o de possuir a auréola de Sábio, muito tem que sofrer, que meditar, que experimentar, torturando-se como Edison nas vigílias sem tréguas diante da lâmpada incandescente debruçado sôbre a qual passou dez anos e fêz duas mil experimentações. Como Santos Dumont, a arriscar a vida em aparelhos voadores de incrível fragilidade, experimentando, calculando, sondando os ares, até descobrir a dirigibilidade e o mais pesado que o ar, como meio de transporte. Assim sucedeu com o sábio e cientista brasileiro dr. Manuel de Abreu, famoso hoje em todo o mundo pelos seus estudos e suas inovações nos métodos de combate à tuberculose, pelo processo de levantamento toráxico das populações. O sistema lhe tomou o nome: "Abreugrafia". As companhias de seguros de vida não dispensam a recomendação da "posição de Abreu", quando precisam de maiores detalhes sôbre as condições de saúde ou estado físico dos seus seus candidatos a seguros. O dr. Manuel de Abreu, porém, não chegou à culminância de sua glória sem longos anos de pesquisas, de estudos, de desilusões, de injustiças. Mas nunca se entibiou e continuou a investigar, até conseguir o mais retumbante triunfo. Seu nome sempre foi acatado pelos estudantes de medicina que tiveram a ventura de aprender com êle os mistérios da radiologia, bem como por todos os outros mestres que com êle privavam e com êle se correspondem. A grande finalidade da "Abreugrafia" está em poder-se obter o exame radiológico pulmonar em massa de indivíduos, possibilitando diagnósticos seguros, com custos mínimos. Ora, sem isso, milhares de pessoas ainda com a moléstia incipiente, morreriam, dadas as dificuldades e custo de tais diagnósticos. Sucede, porém, que a "Abreugrafia" já estava sendo anunciada como descoberta de sábios de outros países... O dr. Manuel de Abreu excursionou pela Europa e EE. UU., tomando parte em vários Congressos Médicos, e restabeleceu a verdade. Resta, agora, que o Prêmio Nobel de Medicina lhe seja conferido.



DR. MAUEL DE ABREU



NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura média	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — Como era o nome completo do pintor Debret, vindo na missão artística francesa a convite de D. João VI:

Jean Baptiste Debret?
Grandjean de Montigny Debret?
Auguste Marie Debret?

2 — Que quer dizer a palavra «sargento»:

Instrutor de recrutas?
Servente de Armas?
Correio de batalhão?

3 — Quais os planetas que têm nove satélites:

Urano e Marte?
Terra e Plutão?
Jupiter e Saturno?

4 — Que nome se dá a uma porção de porcos:

Récua?
Vara?
Cardume?

5 — Qual o nome do primeiro jornal saido no Brasil:

Jornal do Comércio?
Diário de Pernambuco?
Gazeta do Rio de Janeiro?

6 — Qual o título de D. João VI, no Brasil, até março de 1816:

Príncipe Regente?
Rei?
Imperador?

7 — A qual destes paises o Brasil declarou guerra:

À França?
À Inglaterra?
À Turquia?

8 — Qual a maior ambição de Carlota Joaquina, esposa de D. João VI:

Ser Imperatriz do Brasil?
Fundar um Império na América do Sul inteira?
Mudar a séde do Reino lusitano para o Rio?

9 — Em que data foi o Uruguai incorporado ao território brasileiro:

31.7.1821?
20.1.1817?
15.4.1820?

10 — Que nome tomou o Uruguai ao passar para o Brasil:

Território das Missões?
Banda Oriental?
Província Cisplatina?

11 — Qual o revolucionário pernambucano de 1817 que tinha o apelido de «Leão Coroado»:

José de Barros Lima?
Domingos José Martins?
O padre João Ribeiro?

12 — Qual foi o fim do Gen. Gomes Freire de Andrade, grão méstre da maçonaria portuguêsa e cabeça de conspiração no Brasil:

Fuzilado?
Morto em combate?
Desaparecido num naufrágio?

13 — Que significa em nossa História, o dia do «Fico»:

A permanência do Príncipe D. Pedro no Rio?
A introdução do «Ficus Benjamim»?
A vinda de D. João VI para o Brasil?

14 — Qual a patente militar conferida a José Bonifácio pelo Govêrno Português:

Capitão?
Major?
Tenente-Coronel?

15 — Qual o brasileiro que passou à História do país com o título de «Patriarca da Independência»:

José Clemento Pereira?
José Bonifácio?
Gonçalves Ledo?

16 — Em que data, o então Príncipe Regente, D. Pedro, lavrou decreto rompendo as relações oficiais entre o Brasil e Portugal:

Janeiro de 1822?
Dezembro de 1821?
Agosto de 1822?

17 — Quantos Papas portuguêses já houve:

Um?
Três?
Nenhum?

18 — Qual o nome real de Madame Pompadour:

Marie Anne Chateauroux?
Anne Marie Pompadour?
Jeanne Antoinette Poisson?

19 — Em que época foi proclamada, para o mundo, a Liberdade de Imprensa:

Em 1789?
Em 1842?
Em 1800?

20 — Qual a árvore do Nordeste Brasileiro, considerada «providencial»:

A oiticica?
A barauna?
A carnaubeira?

(Resposta na página 58)

Os Sofrimentos das Mulheres



Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Êsses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use *Regulador* **Gesteira** sem demora.

Regulador **Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador **Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* **Gesteira**

MAIS uma vêz repetimos: O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Essa advertência precisa ser renovada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não pertencem mais ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, informando que suas reportagens seriam publicadas em nossas páginas. Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exibida pelos interessados.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

SETE DE SETEMBRO, 97 e ASSEMBLÉIA, 90.

A 10 metros da Avenida



A CONFUSÃO ERA GERAL — E OS CANDIDATOS DE VÁRIAS CORRENTES MISTURAVAM-SE COM AS "LEGENDAS" DOS "RETALHOS COM GRANDES PREJUIZOS". TODOS PEDIAM "O TEU VOTO", POVO AMIGO!

UMA CAMPANHA ALEGRE!

DOIS MESES DE ORGIA E AUTO-ELOGIOS ★ A LIBERDADE DE OPINIÃO DEGENEROU EM JÔGO DE BOLSA ★ CAMPANHA ORGANIZADA NOS MOLDES COMERCIAIS ★ DINHEIRO A RODO ★ DADOS E EPISÓDIOS CURIOSÍSSIMOS

Texto de SABINO CANALINI

A campanha eleitoral levada a cabo em todo o Brasil, teve, no Rio de Janeiro, o ápice do espalhafato, permitido por vários fatores: maior centro populoso, Capital da República, matriz de todos os partidos, maiores interêsses em jôgo, maiores fortunas à disposição, e sede do parlamento constituido pelos representantes de todos os Estados. Além dessas razões de âmbito nacional, ofereceu o Rio outro primado: o maior número de candidatos à Câmara Municipal, a famosa Gaiola de Ouro. Para cinqüenta vagas, houve perto de mil candidatos. Imaginem quantos, a esta hora, não estarão amargamente arrependidos da aventura política, do ridículo a que se expuseram, do dinheiro gasto!

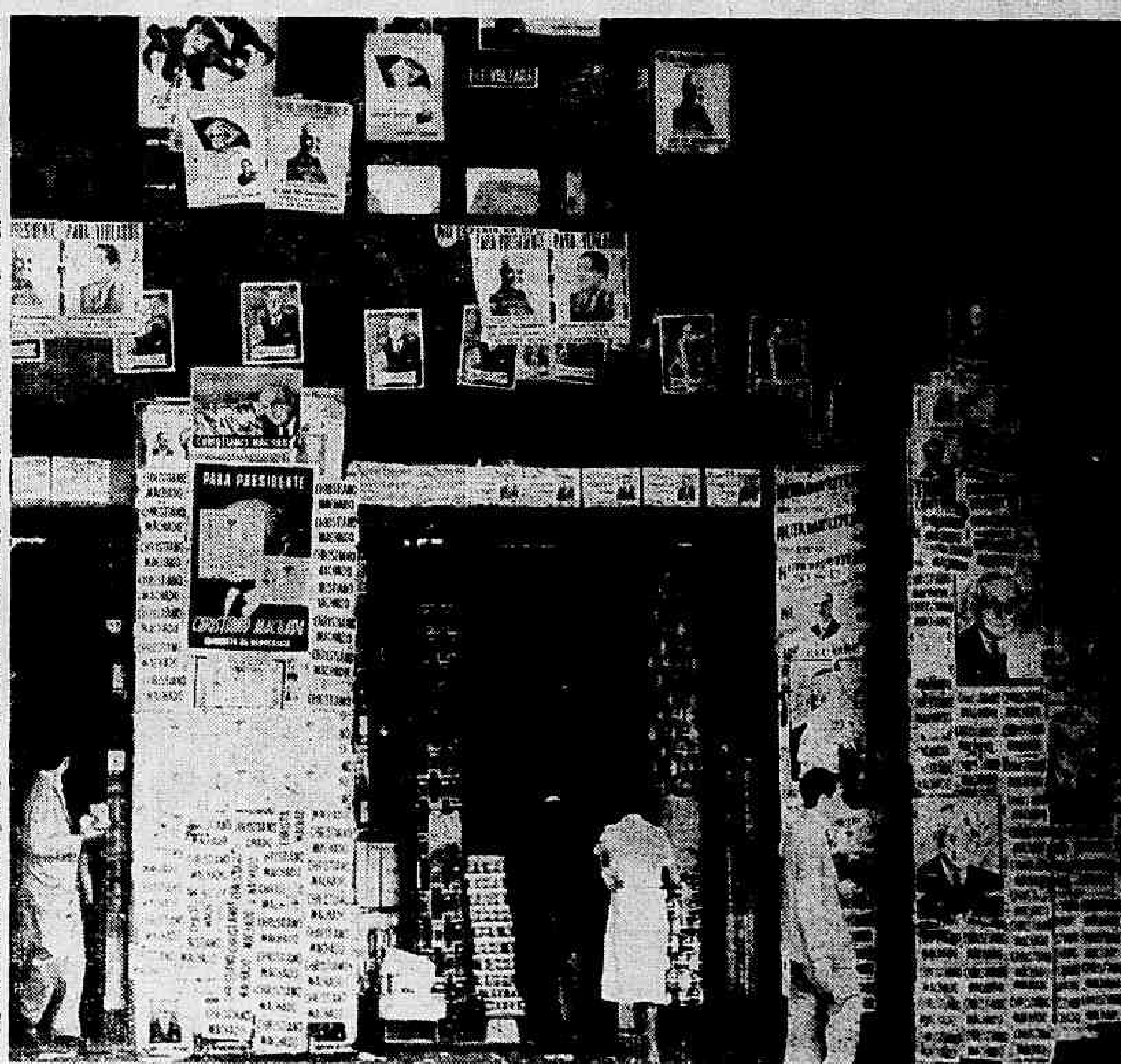
Mas por que tantos candidatos? Só há uma explicação: o exemplo dado pelos senhores vereadores cariocas durante o exercício atual foi deprimente quanto à eficiência, isto é, trabalho pouco, havendo na maioria das seções falta de «quorum», mas foi altamente convidativo quanto a rendimento. Salários gordos para servir o povo, ajuda de custas, facilidades, preferências, apadrinhamentos e cartaz de tôda espécie, tudo isso foi o bastante para fazer surgir, de repente, tantos protetores do povo. Cobiça, negócios, altos negócios, eis o que animou tantos ilustres desconhecidos a pespegarem seus nomes pelas paredes, a pixar o asfalto, a estender faixas e flâmulas, a berrar pelos altíssimo-falantes, seus inexpressivos nomes, de passado político, a tôda hora chamado como testemunha, mais inexpressivo ainda, e de amizade ao povo bastante duvidosa. Os jornais publicaram anúncios de tôda espécie: com ou sem fotografia, algumas até bastante engraçadas, representando o candidato em atitude oratória, de dedo em riste e boca aberta, outros acenando em gesto de saudação íntima e com os dentes à mostra «à la Getúlio». Nomes, manchetes e frases em letras garrafais, em negrito ou em letra miuda, num canto de página (um pouco de modéstia faz bem). Apareceram seções especializadas como «Valeu a pena votar nele?» e «O candidato diante do eleitor». A primeira, de orientação, para que o povo soubesse o que haviam produzido os escolhidos para a atual legislação. A segunda de matéria paga, verdadeiros panegíricos em cujo final era frisado «Iniciativa de amigos do candidato». Alguém se lembrou de invocar nada menos que o testemunho de Rui Barbosa, para exigir do povo a preferência. Outros publicaram anúncios pedindo «Leia contra a luz». Punha-se o jornal contra a luz e aparecia o nome do candidato. Apelos de todos os tipos foram feitos, prometendo casa, roupa e comida, vida barata e divertimentos. Os mais hu-



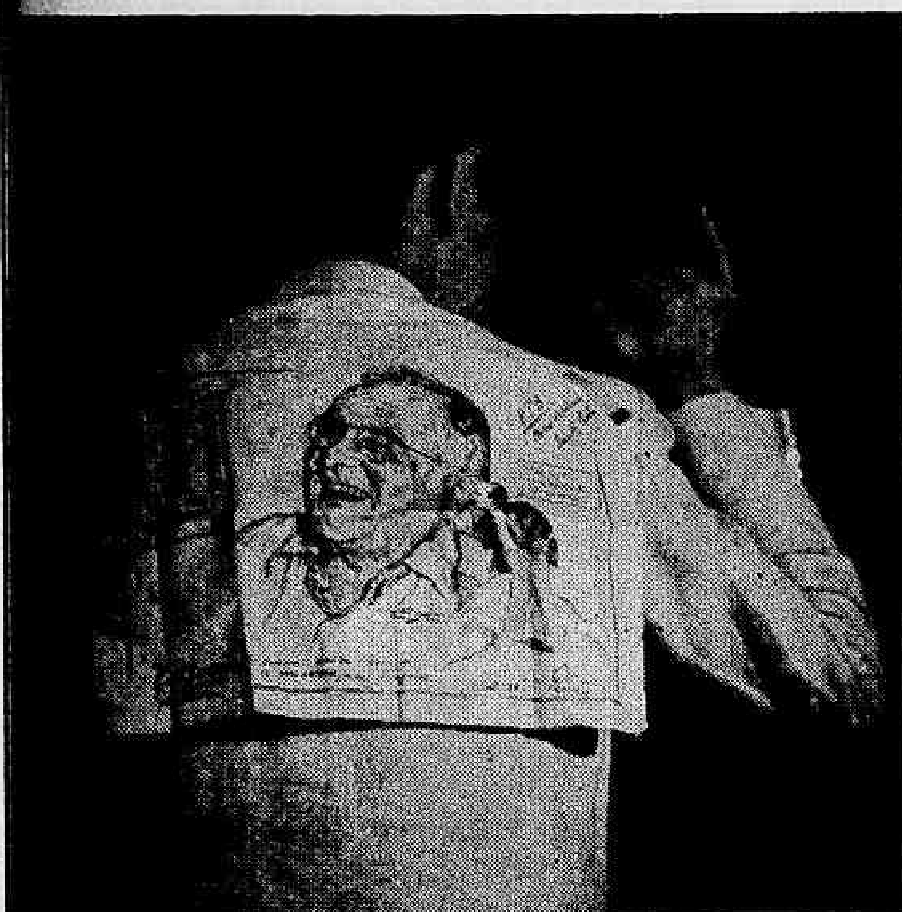
MOZART LAGO, o substituto de Ademar de Barros, na séde do PSP, sábado, dia 30, ouvindo seus correligionários



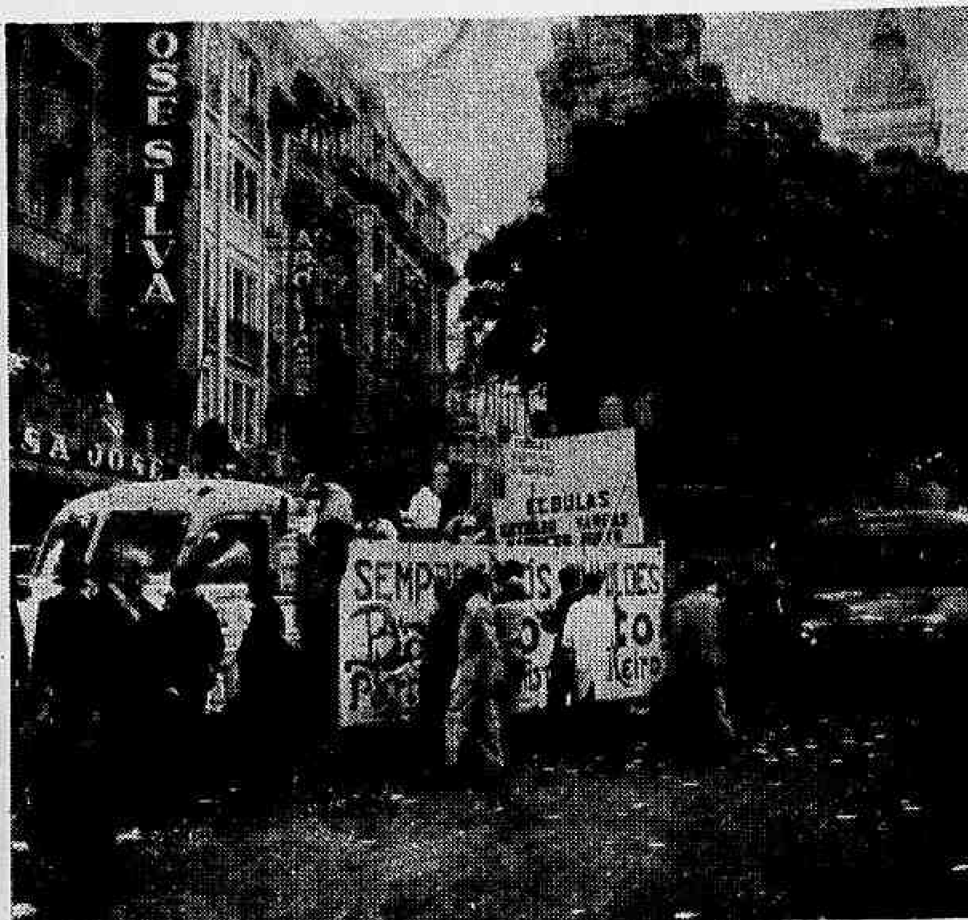
A CALÇADA em frente ao Palace Hotel ficou do jeito que se vê, com cartazes colados até nos lampiões.



AS COLUNAS das galerias dos edifícios novos foram literalmente cobertas pelos cartazes de todos os partidos.



«GETÚLIO NO MÍNIMO CINCO ANOS», assim falou a feiticeira aos candidatos no anedotário humorístico carioca.



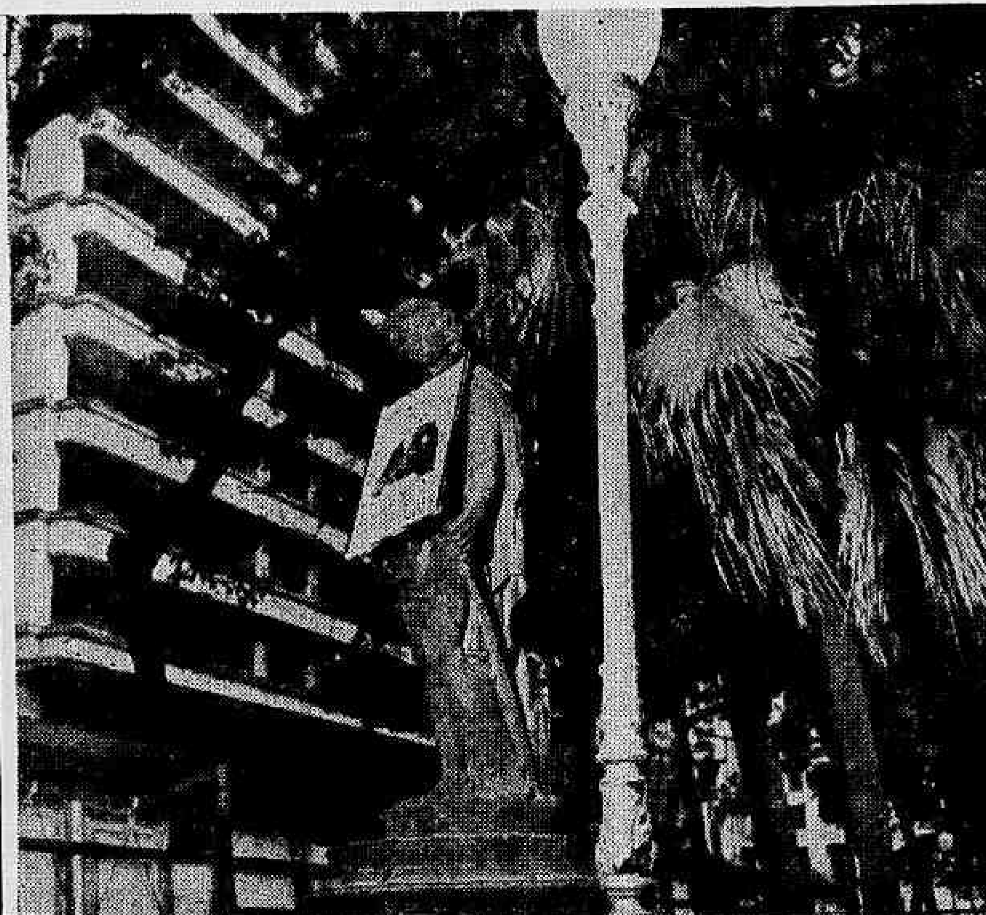
BARRETO PINTO, novamente candidato, fez propaganda num caminhão.



A MÁQUINA ELEITORAL do govêrno empregou até baianas fantasiadas.



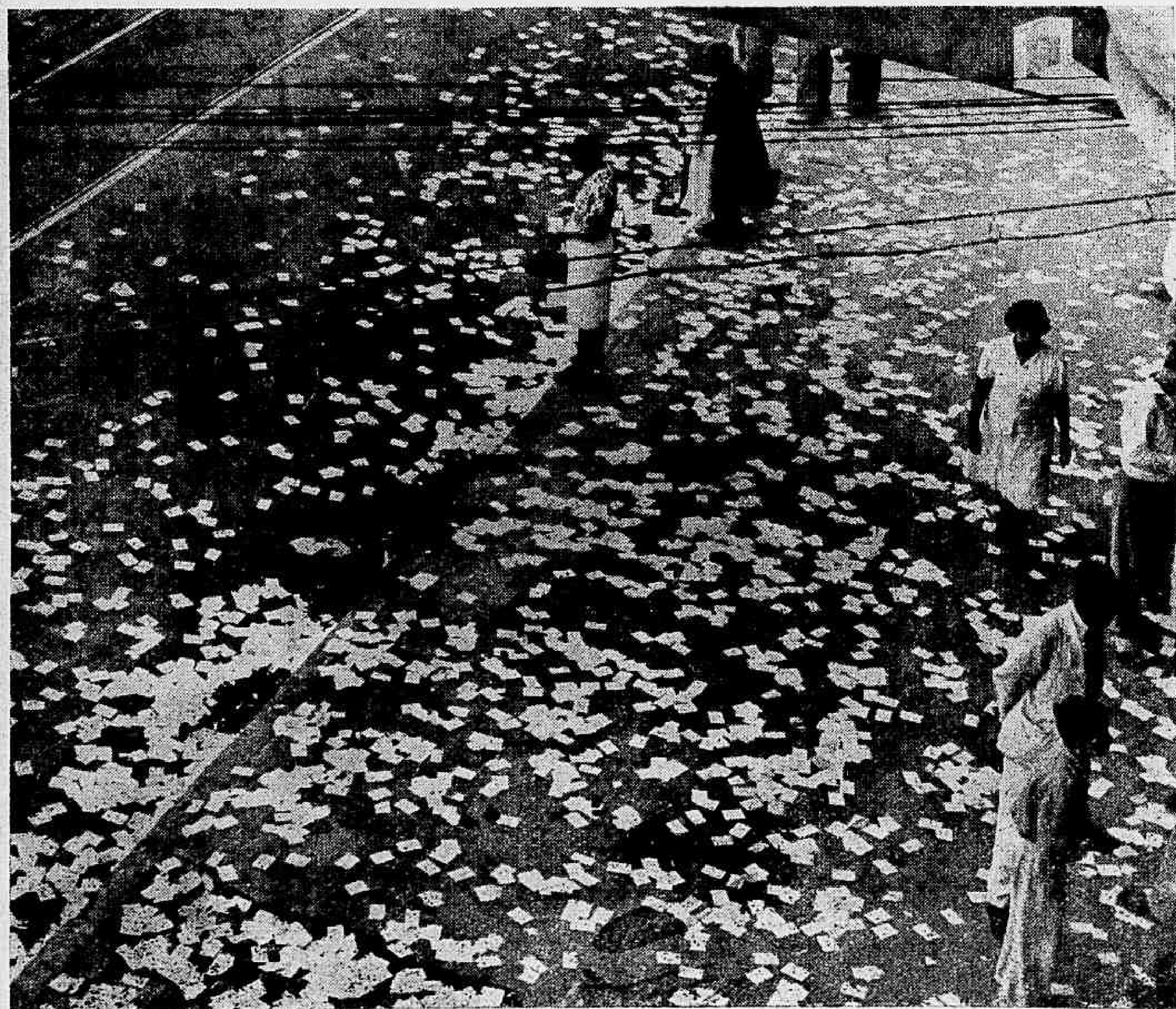
CARTAZES em forma de discos de paradas de ônibus, até nos coqueiros



NEM ESTÁTUAS do Passeio Público foram respeitadas em sua paz!



AS LEGENDAS políticas casaram-se bem com os anúncios comerciais.



AS RUAS ENCHERAM-SE de cédulas, queimadas junto ao meio-fio.

mildes também formaram ao lado dos poderosos, serventuários, condutores de bonde e até um lixeiro. «Será uma voz do comércio, do funcionalismo, dos portuários ou de qualquer outra coisa, na Assembléia Legislativa». Apelos patéticos foram feitos inclusive pelos grandes partidos: «Arranje mais um voto e teremos a vitória».

A apuração está demonstrando que se deu o contrário. «Escreva para a rua tal e remeteremos as cédulas para sua casa». Mesmo sem pedir êles mandaram. Os carteiros que o digam. Alguns chegaram a desmaiar de tanto trabalho neste último mês, tal foi o número de cartas com cédulas que andaram entregando de porta em porta. Mas não apenas às folhas diárias se restringiu a propaganda: houve cártazes. Não houve um poste, nem uma árvore, muros, fachadas, portas, marquises, colunas, que escapasse! Nada escapou de ser coberto pelos cartazes policromos. De todos os tamanhos, ostentando oú não os retratos, querendo gravar à fôrça, na mente do povo, pela grande quantidade, uma fisionomia desconhecida que cinicamente se diz amiga do povo. Nem os cartazes comerciais, sujeitos a impostos, foram respeitados, mas literalmente cobertos por várias camadas de papéis, às vêzes numa só noite, pelas turmas encarregadas das afixações, na ânsia de cobrir os candidatos dos partidos contrários e fazer aparecer apenas os próprios «patrões». Vimos cartazes pendurados como bandeirinhas nos fios e nos cabos da rede elétrica dos bondes. Flâmulas de fazenda foram penduradas nas janelas: «Aqui estamos com o Brigadeiro». O PTB não tardou a imitar. Faixas foram esticadas entre postes, entre árvores nas praças, de uma sacada a outra nas ruas estreitas, tabuletas pregadas em cima de marquises. Concursos form editados para premiar os melhores lugares, os mais estratégicos, oferecidos para serem usados pelos candidatos. Houve nomes de influência local, bairrista apenas, outros, classistas, espalhados por tôda a cidade, uns à sombra das iniciais do partido, outros orgulhosamente sós com a legenda: «para vereador». Muitos oportunistas candidatos à vereança, aproveitaram a popularidade dos candidatos à presidência da República, nas tabuletas em que aconselhavam os nomes a serem sufragados como futuros chefe da nação, senador ou deputado, para figurarem na



OS ALTOFALANTES, estratègicamente instalados nos martirizaram.



A PROPAGANDA trabalhista usou lenços e alfinetes alegóricos.

rabeira, em terceiro lugar. Numerosíssimos foram os »comités» pró êste e aquêle, as concentrações partidárias, os grupos, enfim, os postos de distribuição de empregos, sim, porque a conversa era essa: «Você me consiga tantos votos e eu lhe darei um lugar de fiscal de consumo». Talvez fôsse o emprêgo mais cobiçado em todo o Rio. Os «camelots» também tiveram seus dias. Confeccionados, principalmente, para o partido trabalhista, inundaram a praça os «João Teimoso», os espelhinhos, as xícaras de café, os pires, os cinzeiros, os lápis, as caixas de fósforos, os maços de cigarros, os selos, os lenços, os alfinetes e mais uma porção de outras bugingangas, tôdas ostentando a figura do «baixinho». «Êle voltará», «Êle disse» e «Êle foi convocado pela nação e está convocando Fulano para vereador», são frases que tiveram seu momento e que agora estão sendo substituídas por outras como: «Êle está voltando» e «Já ganhou».

E finalmente chegamos ao ponto crucial de tôda a campanha: os altíssimo-falantes. As leis do silêncio foram totalmente desrespeitadas, inclusive na vizinhança de hospitais, casas de saúde e residência de enfermos, isso porque não bastou apenas a instalação de emissoras em sobrados de frente para as praças e as ruas mais movimentadas, com poderosos alto-falantes. Dezenas de carros percorreram a cidade de ponta a ponta, levando prêsos nas capotas de um a quatro alto-falantes; eram as «emissoras volantes», cobertas por cartazes, que entraram em todos os becos da cidade para berrar: «Não escutem os conselhos dos amigos, o voto deve ser consciente, não vendam seus votos, seu candidato é...» ou então: «Nada de promessas, não palavras, nossa plataforma é constituída pelas realizações», e lá vinham dezenas de gravações, na maioria estrangeiras, tocadas a todo volume, vibrando de tal maneira que se tornavam incompreensíveis. Durante alguns dias, foram canceladas as irradiações de discos com canções, mas os interêsses políticos foram mais fortes que o sossêgo público e voltaram os berros musicados, «gentilmente oferecidos», mais atordoantes do que nunca, até às 22 horas, para desespêro dos que eram obrigados a suportar a avalanche de estupidez que saía tonitroante pelos ares afora. Fizeram propaganda política como se fôsse publicidade comercial, qui-





APESAR de vetado pelo Tribunal Eleitoral, continuou Ademar na boca do povo. Em baixo: espelhos e bugigangas com a efígie de Getúlio.



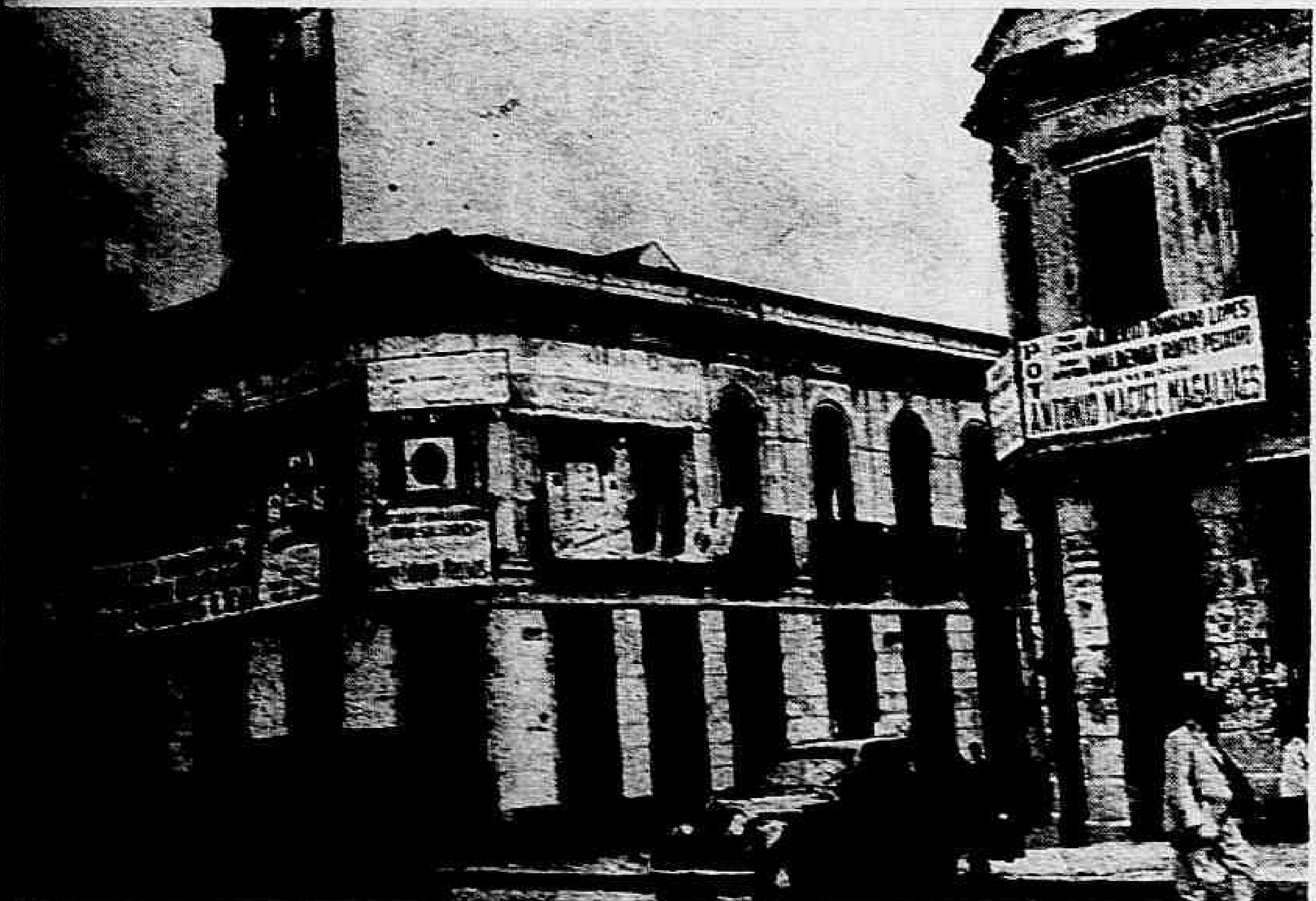


NUNCA foram empregados tantos e tão diversos cartazes como desta vez. Os resultados mostram que foi contraproducente, os mais votados são os que menos fizeram publicidade. Nos muros





velhos das casas destinadas à demolição, no alto das sacadas colados nos carros que percorreram a cidade berrando pelos alto-falantes presos às capotas, anunciados por tambores e cornetas, os-





tentando frases e retratos, «encheram» o Rio de confusão barulho e «grandes ilusões». Nota alegre e pitorêsca e desrespeitosa, constitui agora um passado triste para muitos oportunistas.





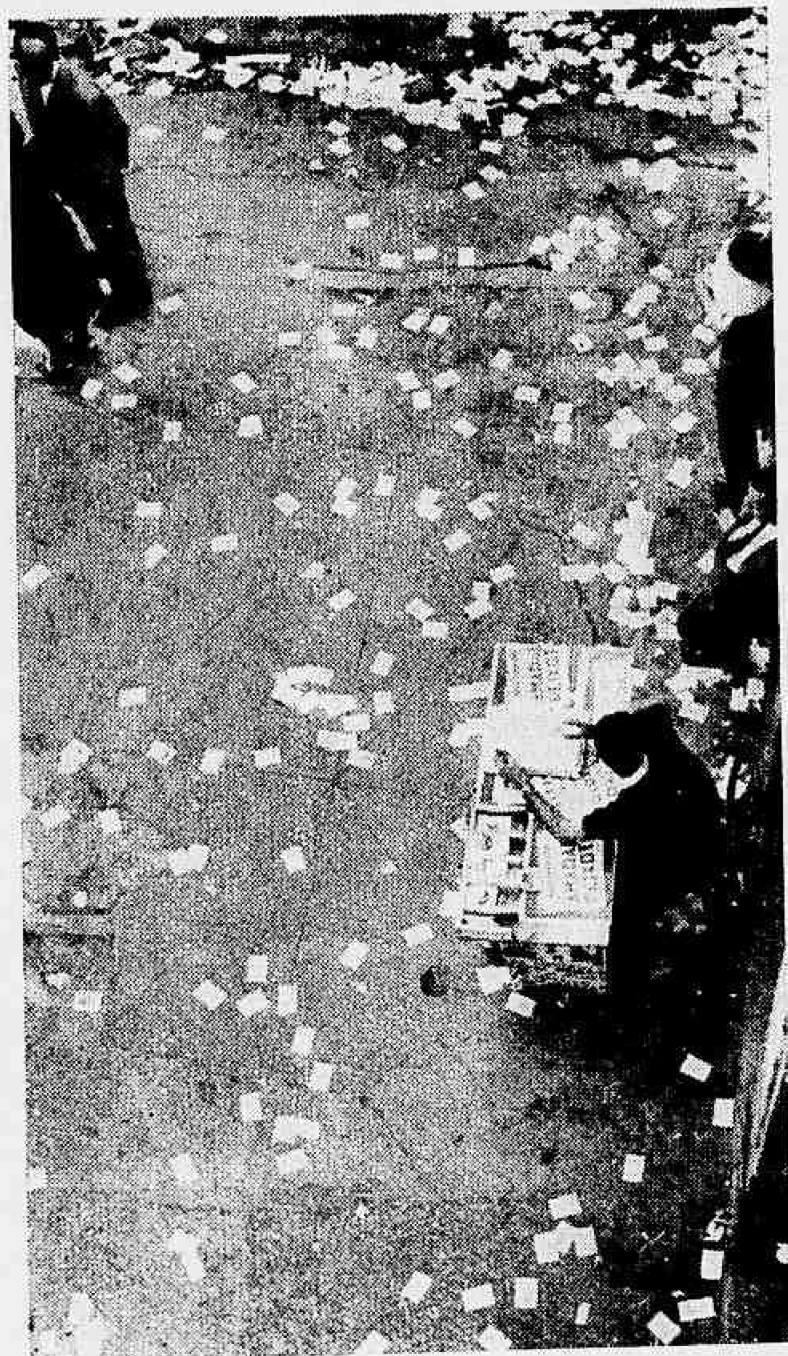


AS ESQUINAS das ruas do centro foram as preferidas para exposição dos cartazes. De mis tura com os artigos à venda, o comércio político oferece também nomes desconhecidos.

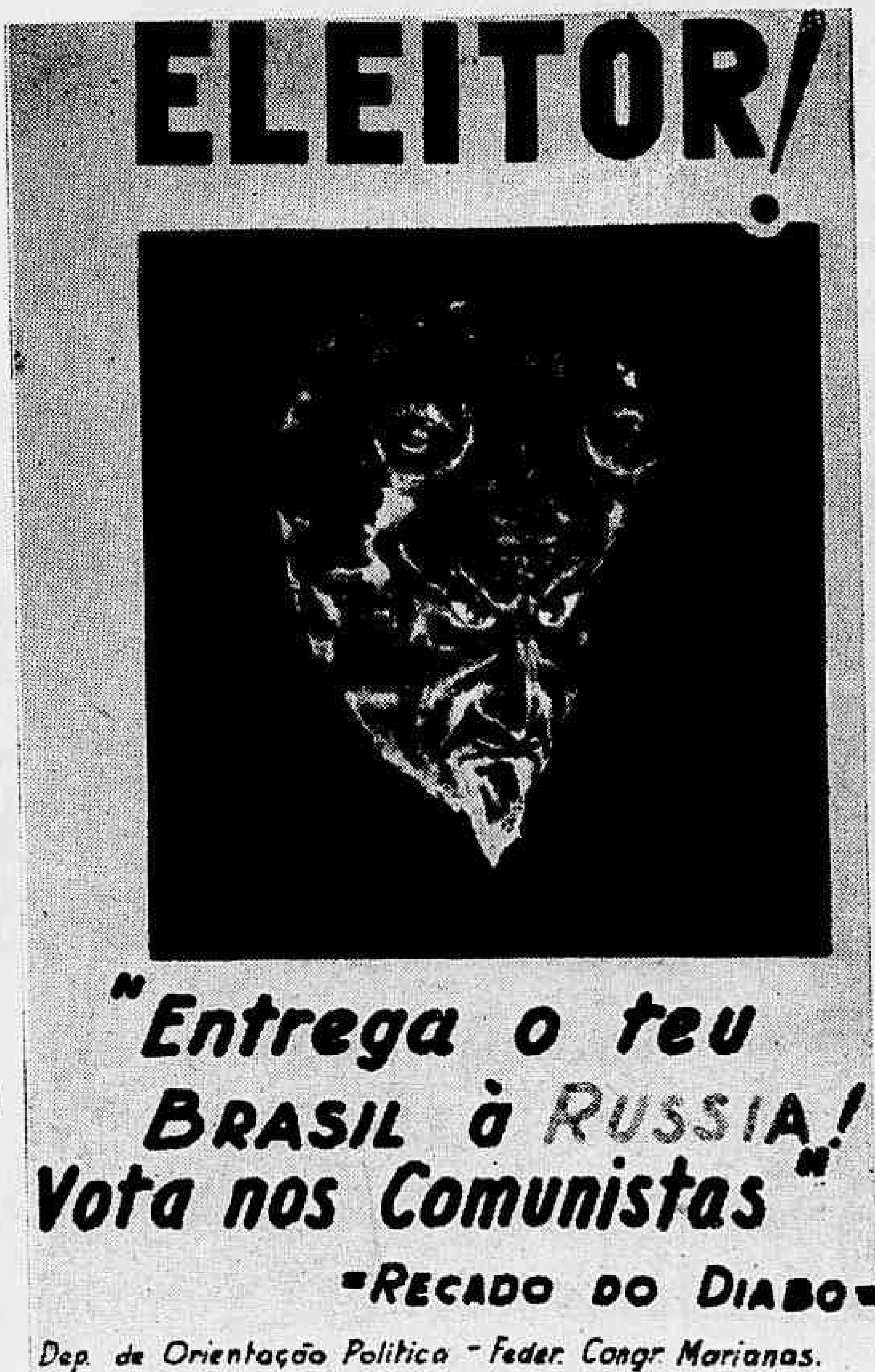
seram impressionar pelo estardalhaço, pela repetição constante do nome do candidato, como se fôsse um produto qualquer com cheque. Houve mesmo quem organizasse rifas para serem sorteadas após as eleições, prometendo prêmios valiosos. «Não jogue fora, tem valor», estava escrito nos cartões que acompanhavam as cédulas enviadas «a domicílio».

Imaginem se todos êsses papagaios conseguissem de fato entrar para a Gaiola de Ouro! Milhões de cédulas foram despejadas sôbre o eleitorado. Calcularam alguns que em número superior à população terrestre. Milhões de cruzeiros foram gastos nas propagandas partidárias e pessoais, refletindo perfeitamente a ganância dêsses pseudo-representantes do povo. As apurações dizem claramente que a maioria dos eleitores votaram pela simpatia. A LEC, só no Distrito Federal, entre candidatos a senador, deputado e vereador, desaconselhou nada menos de 623 nomes. O govêrno estava certo da vitória, pois «candidato situacionista nunca perdeu». Os udenistas também, pois a campanha de «mais um voto» garantia-lhes o primeiro lugar. As agências Gallup brasileiras também falharam. Da outra vez fracassaram os intelectuais e as mulheres. Desta parece repetir-se Na vida política brasileira a campanha eleitoral

(Cont. na pág. 49)



NO FINAL DA VOTAÇÃO as banquinhas tentaram ainda colocar cédulas.



A L.E.C. esteve ativa, advertindo os incaútos contra idéias extremistas.



OS MAÇOS DE CIGARROS e as caixas de fósforos também ajudaram.



AS SEÇÕES ELEITORAIS foram instaladas em escolas públicas, colégios, clubes e edifícios municipais. Na foto acima vemos uma das aulas, a sala de música, do Instituto de Educação durante a votação de 3 de outubro. Os eleitores estão comodamente sentados nos bancos esco lares, à espera da vez. À esquerda vê-se a cabine indevassavel, no centro os mesários e um eleitor pronto para votar.

ECOS DA VOTAÇÃO

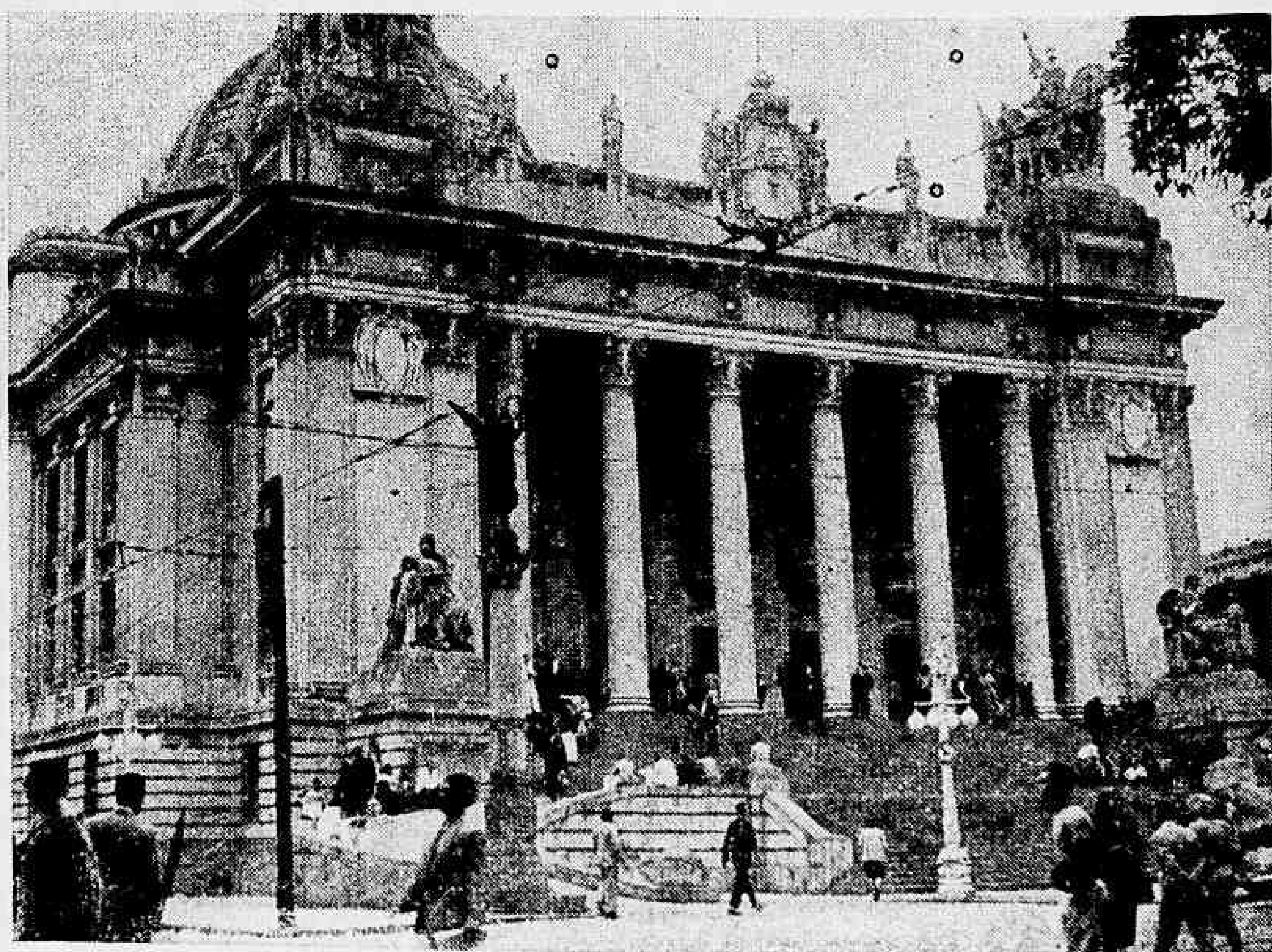
COMO sempre acontece, ocorreram alguns episódios pitorescos no curso das votações de 3 de outubro. Muitos não chegaram ao domínio público, enquanto outros tiveram ampla divulgação pela imprensa. Houve, por exemplo, o caso do eleitor saudosista que votou na 11ª Zona da capital da República, organizando uma chapa quase que totalmente de além-túmulo. Seu voto, dias mais tarde apurado pela 11ª Junta, estava assim discriminado: Para Presidente da República: Afonso Pena; Vice-Presidente: Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca; Senador: Washington Luis Pereira de Souza; Deputado: Epitácio Pessoa; Vereador: Rodrigues Alves.

Tudo não passava de mera pilhéria, mas não deixou de ser curioso observar que o eleitor — sabe-se lá o nome! — teve o cuidado de organizar uma chapa em que figuravam cinco ex-presidentes, dos quais apenas um continua vivo.

Houve também o episódio do eleitor que em sinal de protesto — embora sob anonimato — pelo fato de a lei não lhe facultar o direito de votar em branco... votou em prêto. De que modo? Simplesmente, dando-se ao trabalho de cobrir de tinta nanquim as cédulas que depositou na urna da sua seção. Foi êsse, com certeza, o que inspirou a anedota do "futuro negro do Brasil", aludindo à semelhança que poderia existir entre um determinado candi-



VEICULOS PARTICULARES e da Prefeitura prontificaram-se a transportar eleitores desde seus bairros até os locais de votação. Na foto aparece um caminhão da Rádio Patrulha recebendo passageiros.



O PALÁCIO TIRADENTES, Câmara dos Deputados, também foi séde de uma das seções eleitorais. A concorrência foi numerosa, mas ordeira, de modo que o pleito pôde se processar em perfeita calma

dato ao Catete e uma senhora "de côr", em estado interessante.

Os que relatamos, foram episódios autênticos. Os demais correm por conta da verve, do senso de humor da gente carioca, gente que não perde o ensejo de gerar uma boa "bola". E os "potins" circulavam pela cidade, tão logo se divulgavam os primeiros resultados das urnas:

— Você sabe que o Getúlio foi multado?

— Não diga! Multado por quê?

— Por excesso de velocidade...

E outro, quando a vantagem do sr. Getúlio Vargas começava a pronunciar-se cada vez mais:

— Sabe da grande surprêsa? Com os resultados de hoje, o Getúlio acaba de perder...

— Impossível! De perder — como?

— Sim, de perder de vista os outros candidatos...

Mas a grande verdade é que o voto secreto, tal como foi exercido nestas memoráveis eleições do Ano Santo, trouxeram grandes surprêsas. Na manhã do pleito, havia quem apostasse alto em como o candidato das maiorias ganharia sem dificuldade:

— Não vê logo? Nunca o candidato do govêrno perdeu... A máquina está funcionando direitinho...

Resultado: o que aí está. E não é preciso dizer mais nada. Certo ou errado, o efeito do voto secreto decepcionando a uns, satisfazendo aos outros, foi positivo. E as razões surgiram:

— Houve traição!

— Qual traição! Houve, sim, muito pouca-vergonha...

— Mas espere a virada... A coisa pode mudar porque ainda falta a maioria das mesas apuradoras, no Brasil inteiro...

Os dias passam, os resultados dessas mesas vão chegando de todos os pontos do país — só o panorama das cifras não muda de colocação.

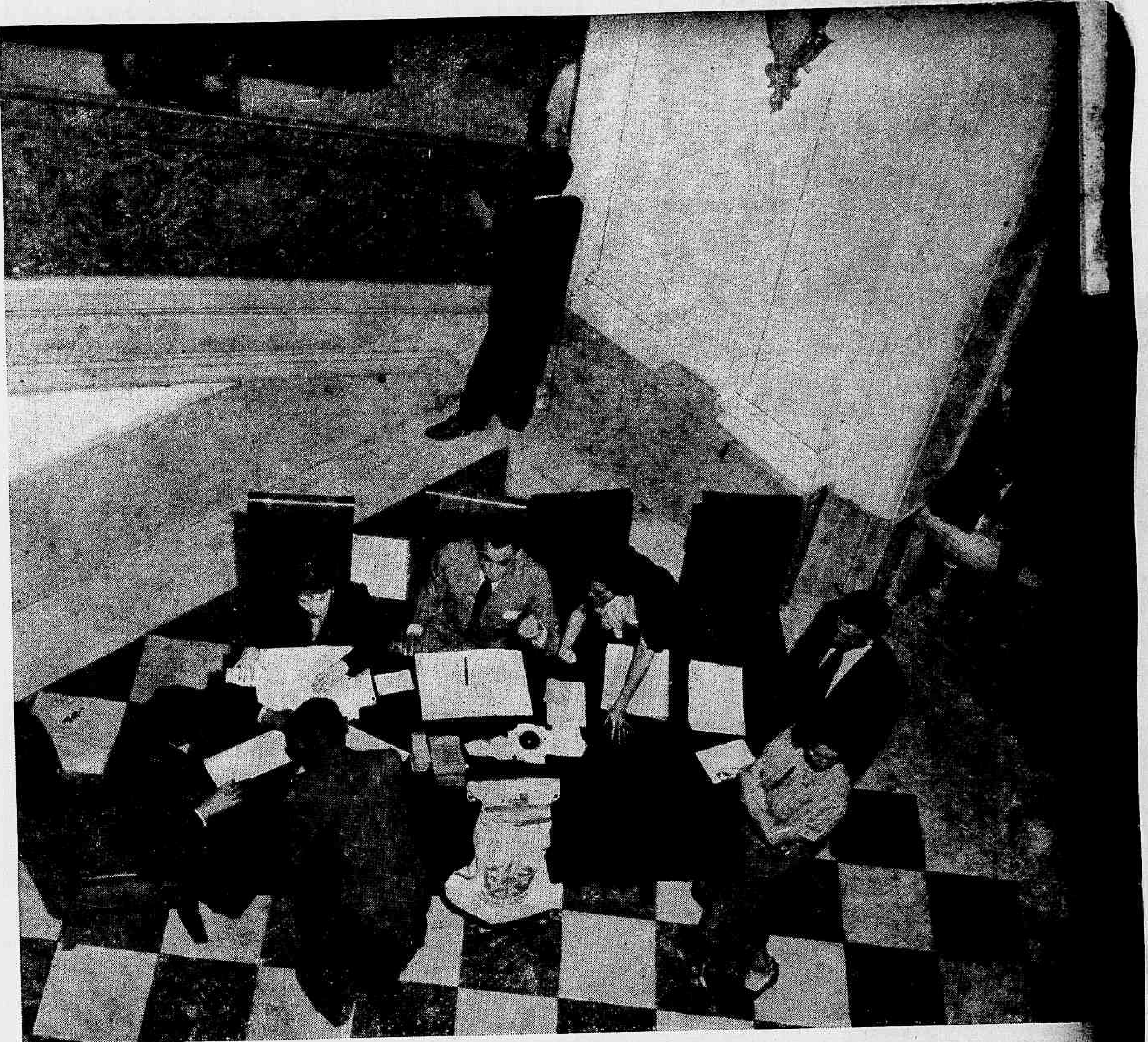
Houve, no início, a sensação de que os eleitores do sr. João Mangabeira não passariam da cifra de algumas centenas. E a verve carioca explodiu sem demora:

— Você sabe que os volantes dos socialistas vão reunir-se em um almôço de confraternização na churascaria do Leme?

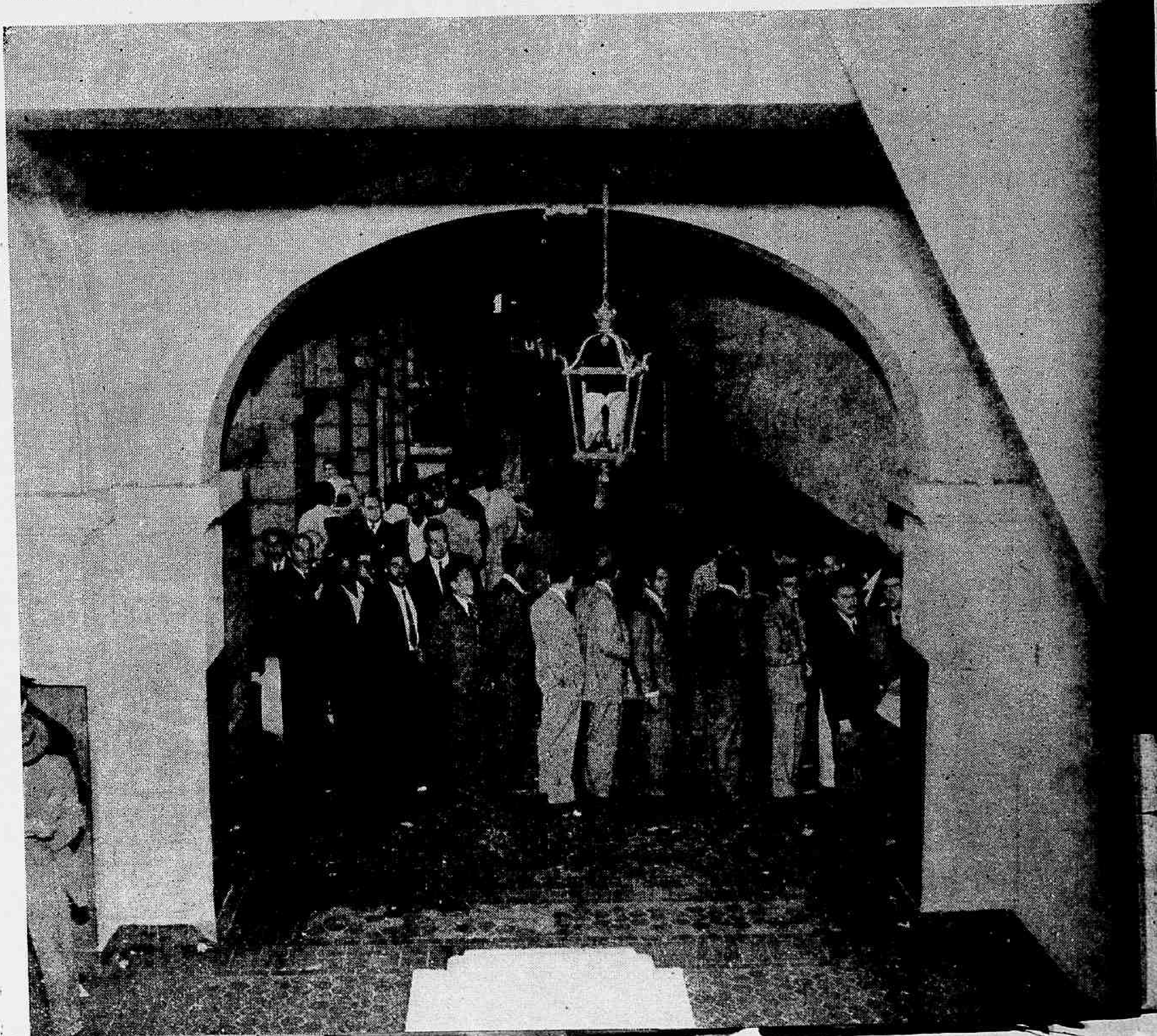
Depois os algarismos cresceram — e verificou-se que nenhuma churrascaria dava para comportar os quase dez mil eleitores do último classificado.

★

Tudo é bom quando acaba bem. E a cidade foi dormir, na noite de três de outubro, com a consciência de um dever cumprido, sem sobressaltos, tranquilamente. Houve, apenas, a barafunda dos eleitores em trânsito. Pensava-se que não iriam além de poucas centenas, subestimando-se a população flutuante de uma capital, cujo recenseamento já ultrapassou de muito os dois milhões. Por isso o local onde os cidadãos em trânsito deveriam votar, o Superior Tribunal Eleitoral, na rua Primeiro de Março, acusou naquela têrça-feira histórica, um movimento de espantar. Não eram centenas, mas milhares de homens e mulheres, com residência fixa nos Estados, que procuravam meter também suas cédulas na urna. Para evitar atropêlo de expediente, as autoridades resolveram que tais eleitores poderiam distribuir-se, à vontade, por todos os postos da metrópole, votando em listas separadas. Impunha-se, todavia, a necessidade de facilitar o transporte aos eleitores, para que pudessem desobrigar-se do seu compromisso antes das 17 horas, quando os colégios eleitorais suspenderiam seus trabalhos. Prontamente os veículos de hábito usados pelos guardas policiais, foram escalados. Era de ver, então, o pitoresco do desfile dessa imprevista "big parade", com dezenas e dezenas de carros aboletando senhoras e cavalheiros graves, de compostura irrepreensível, transportados como se acabassem de promover um crime ou uma desordem... Aparentemente presos — quando nunca se haviam julgado tão em uso da sua liberdade de cidadãos brasileiros! E a noite baixou por sôbre a cidade. As luzes voltaram a brilhar. Na manhã seguinte, era aberta a primeira urna no Hotel das Esperanças e Decepções — que em tempos idos foi o Hotel dos Estrangeiros...



GRANDE NÚMERO de eleitores compareceu à Câmara Municipal, formando extensas filas, que escoavam morosamente pelas mesas. Vemos, em baixo, uma das filas formadas nas galerias interiores do pátio do Instituto de Educação, onde a votação foi rápida.



ILUSÕES PERDIDAS



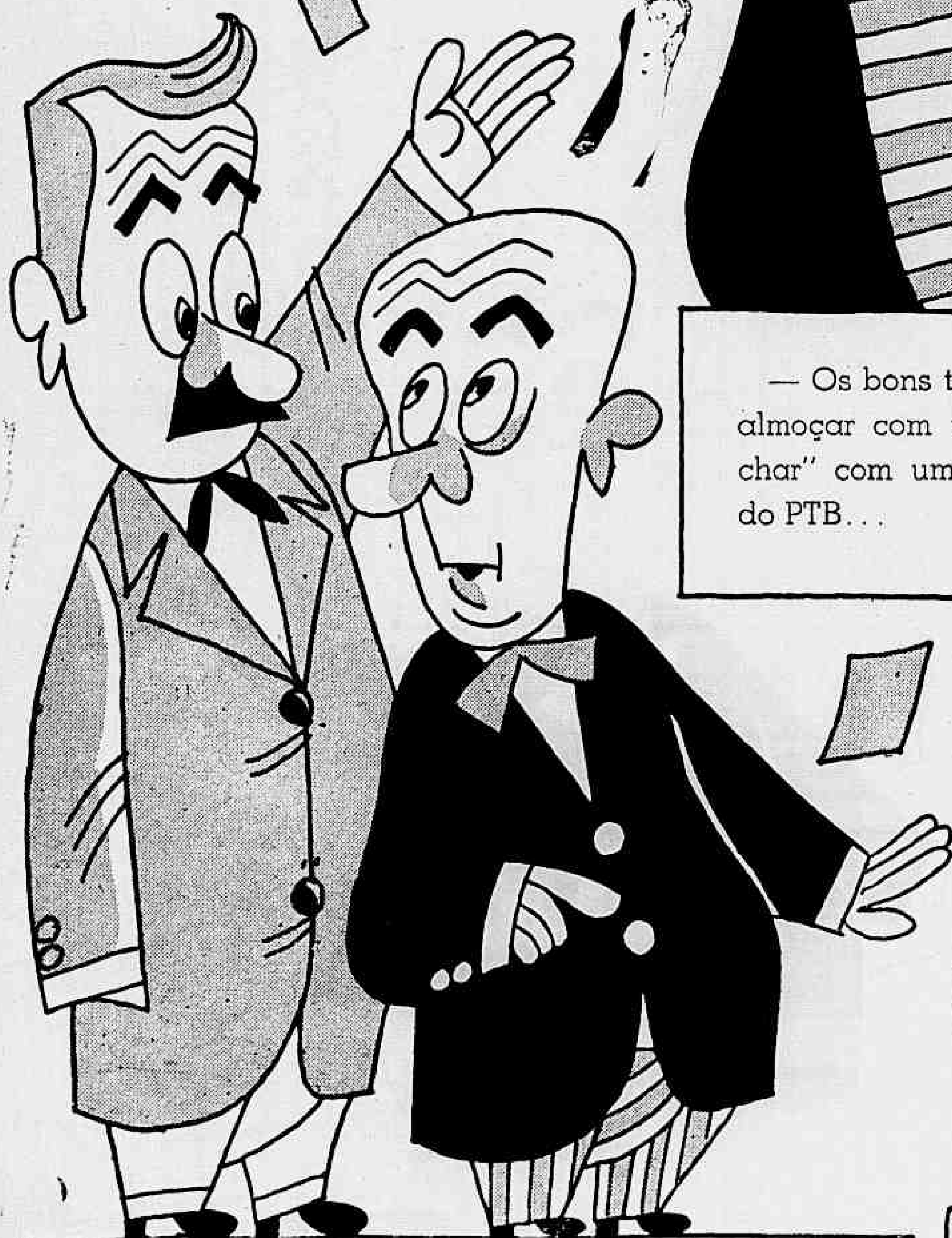
— Grande coisa o voto secreto! Vota-se como se quer e depois da apuração banca-se o esteio eleitoral do candidato vitorioso!...



— Já o conheço. O senhor foi candidato a vereador. Tenho o seu retrato pregado no muro lá de casa...



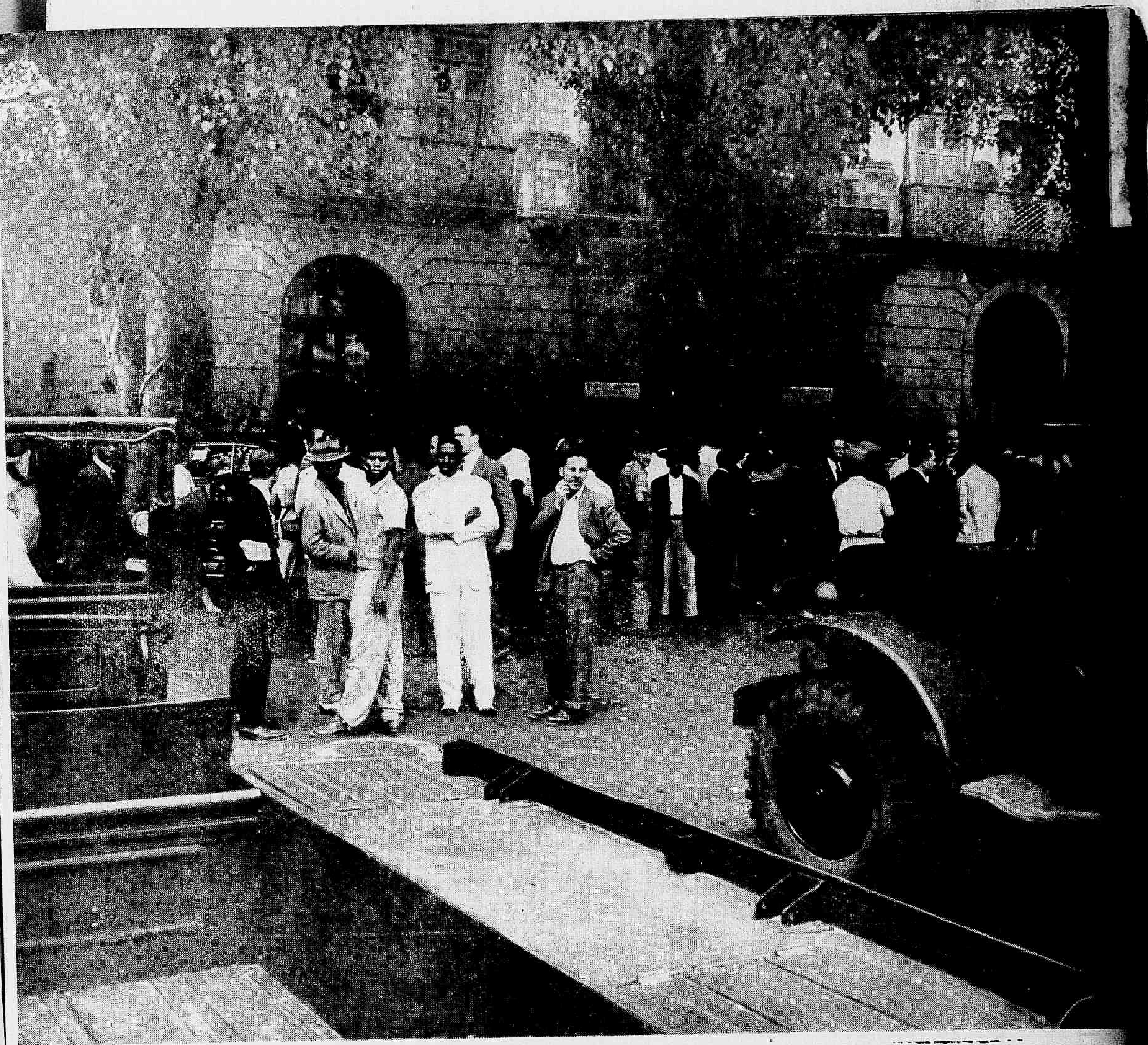
— Os bons tempos passaram! Costumava almoçar com um candidato do PSD, "lanchar" com um do PSP e jantar com outro do PTB...



— O Bonifácio continua pedindo votos?
— Gastou o que tinha e o que não tinha. Agora está pedindo, mas é esmolas!...



— Fiz uma rifa eleitoral tendo como prêmio maior um Cadillac!
— E os eleitores?!
— Os bandidos também me **rifaram**...

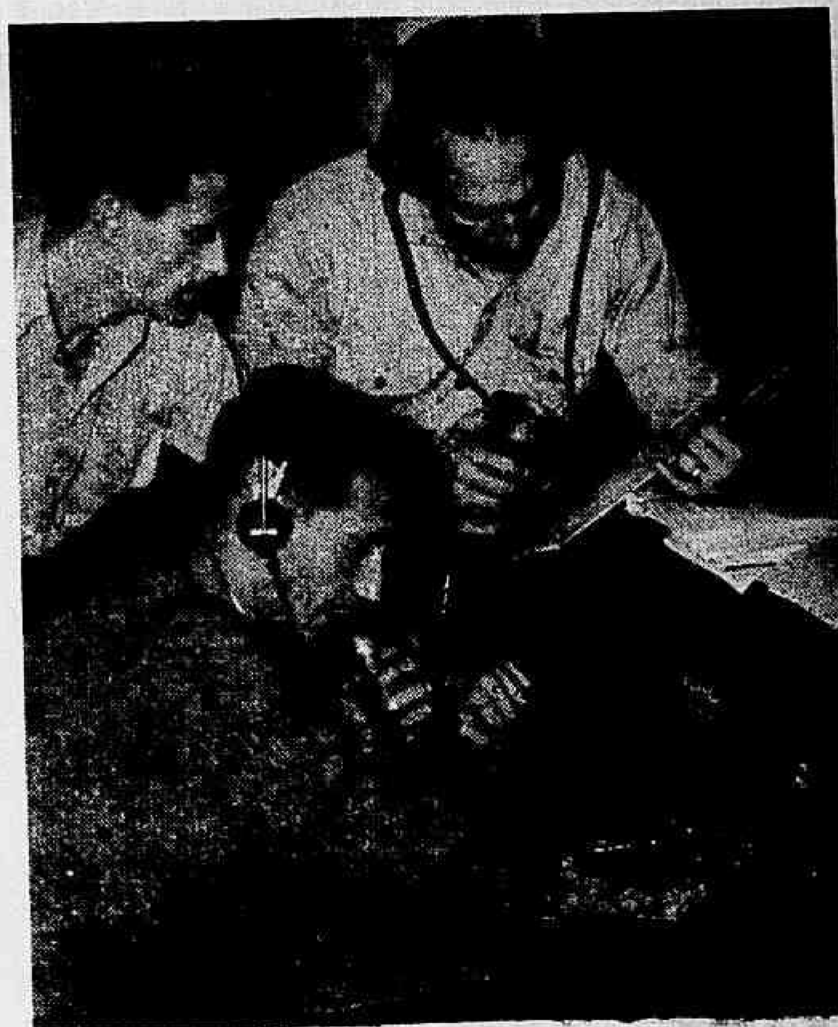


O HOTEL DOS ESTRANGEIROS reabriu suas portas para a apuração das eleições de 3 de outubro. Seu destino histórico cumpriu-se mais uma vez. No «hall» em que foi assassinado Pinheiro Machado, entravam e saiam os candidatos esperançosos ou já desanimados... É atual proprietário dêsse edifício o sr. Barreto Pinto, também candidato a deputado. Em baixo, locutores em ação.

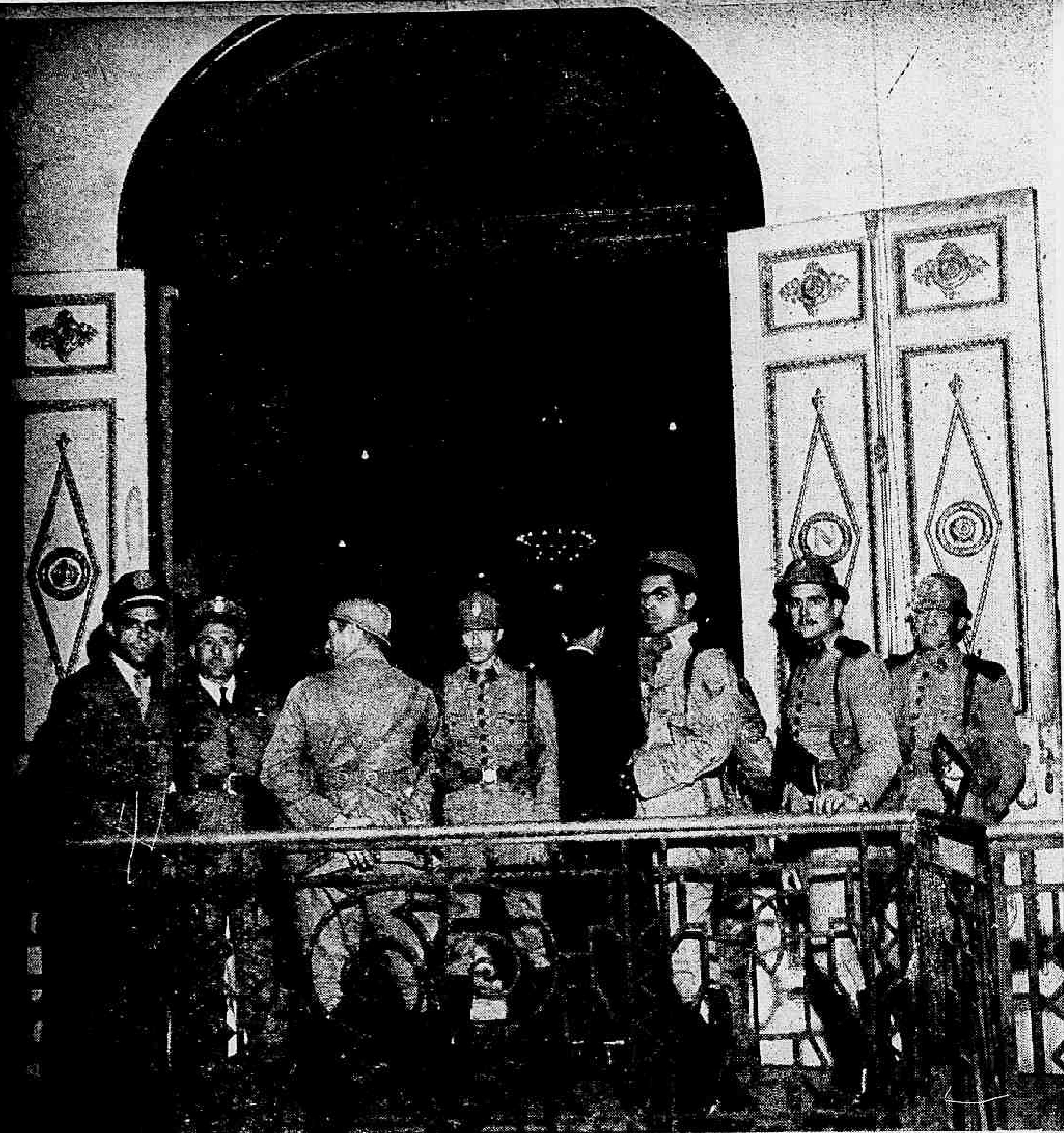
O DRAMA DA APURAÇÃO

MENOS de vinte e quatro horas depois de ter sido depositada nas urnas a última cédula em todo o país, chegavam as primeiras notícias da apuração. Na manhã de quarta-feira, 4 de outubro, o Brasil despertou ávido de conhecer o resultado do memorável prélio, e enquanto, aqui no Rio, se instalavam as mesas apuradoras no edifício do Hotel dos Estrangeiros, chegavam dos Estados os primeiros telegramas com algarismos que embora nada ainda pudessem determinar, eram, no entanto, altamente sugestivos. E os palpites, ganhavam vulto: uns julgavam-se desde logo vitoriosos, enquanto outros, de coração oprimido, preferiam aguardar novos resultados. Mas êstes chegavam — e não desmentiam os anteriores. A fôrça do eleitorado, utilizado o voto secreto com plena liberdade de ação, aí estava dando seus resultados, fôssem quais fôssem. As emissoras da capital da República haviam instalado ativas equipes de repórteres nas dependências do tradicional hotel, hoje de propriedade do sr. Barreto Pinto — que também estava no labirinto das apurações — e quando se poderia esperar que a cidade caísse em silêncio, depois da barulheira durante a campanha, outros barulhos vieram: em tôdas as casas, nos estabelecimentos comerciais, nos alto-falantes dos partidos, principalmente daqueles que já se julgavam os vencedores, havia barulho, muito barulho — e o pregão das cifras: Getúlio... Brigadeiro... Cristiano... Mangabeira... Enquanto nas dependências do casarão da Praça José de Alencar, se comprimiam os candidatos, seus fiscais vigilantes, os funcionários incumbidos da delicada tarefa, os mantenedores da ordem — e o povo.. O povo que se tirava de seus cuidados, fugia às obrigações do dia para ir ver de perto como se elege um Presidente. Quantas surprêsas boas e más! Quantos sorrisos de felicidade — e outros de amargura, de travo amargo! Quantas ilusões perdidas... — E as urnas continuavam sendo abertas, os envelopes retirados, as cédulas pingando, uma após outra, indicando a vontade do povo... E novos telegramas chegavam dos Estados, das mais remotas cidades brasileiras, anunciando outros algarismos! Pelas esquinas, juntavam-se pequenos grupos, que logo se avolumavam: exclamações dos vitoriosos enchiam os ares, enquanto os demais, em grupos diferentes, mal disfarçavam o terror da surprêsa, da decepção, dos desenganos, comentavam a origem «de tudo isso». Que houvera, afinal, para se modificar tão escandalosamente o panorama político? O que levara o candidato oficial a ser incluído entre os menos votados, figurando em penúltimo lugar, tendo apenas ultrapassado a contagem dos votos destinados ao sr. João Mangabeira? Ninguém sabia explicar. E todos procuravam explicar de mil modos distintos. Para uns, a apuração foi uma delícia. Para outros, um drama — só igual ao que todos sofremos naquela inesquecível tarde de domingo, no encerramento da Copa do Mundo...

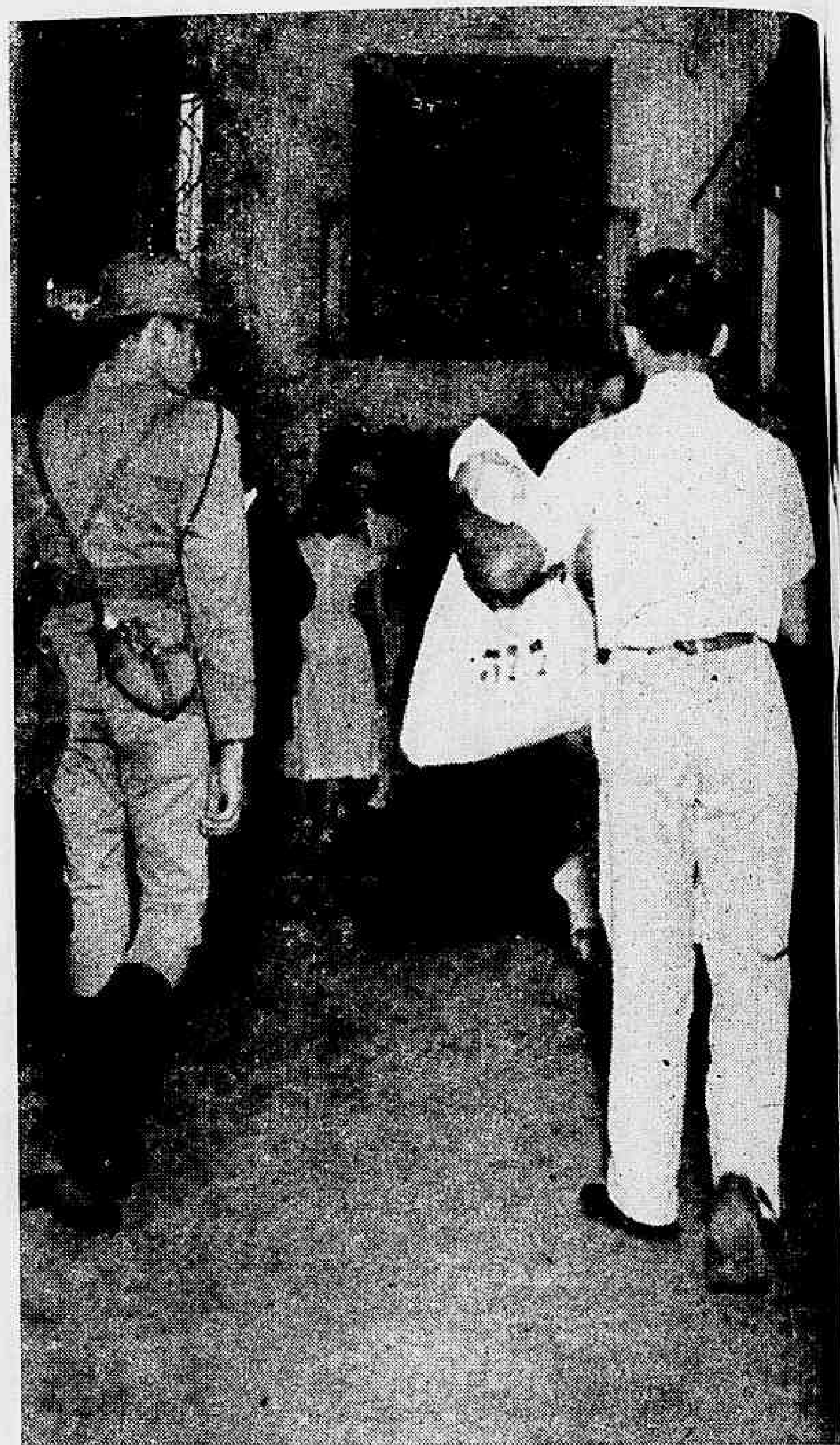
E o drama da apuração continuou pelos dias seguintes.



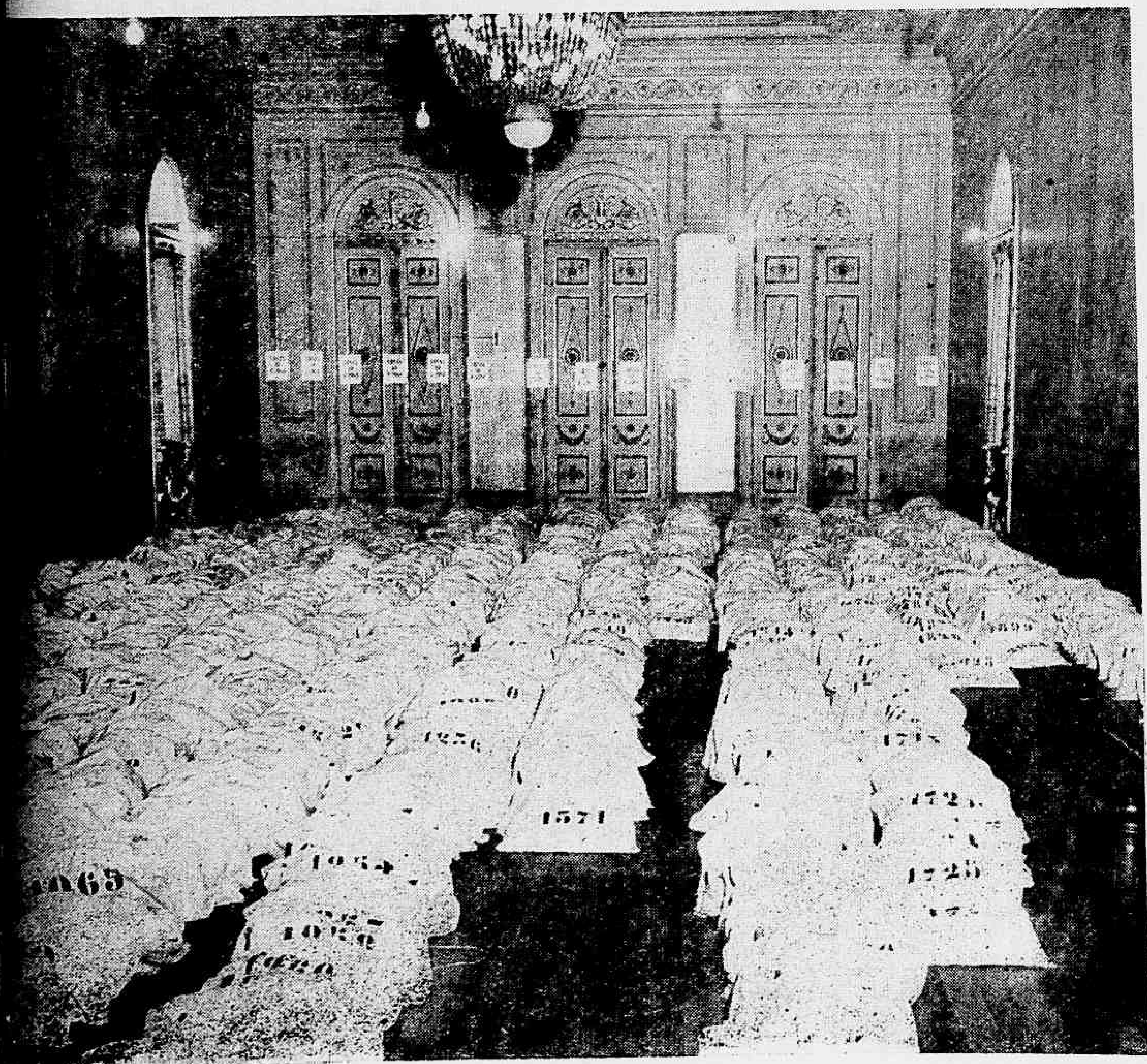
O DRAMA DA APURAÇÃO



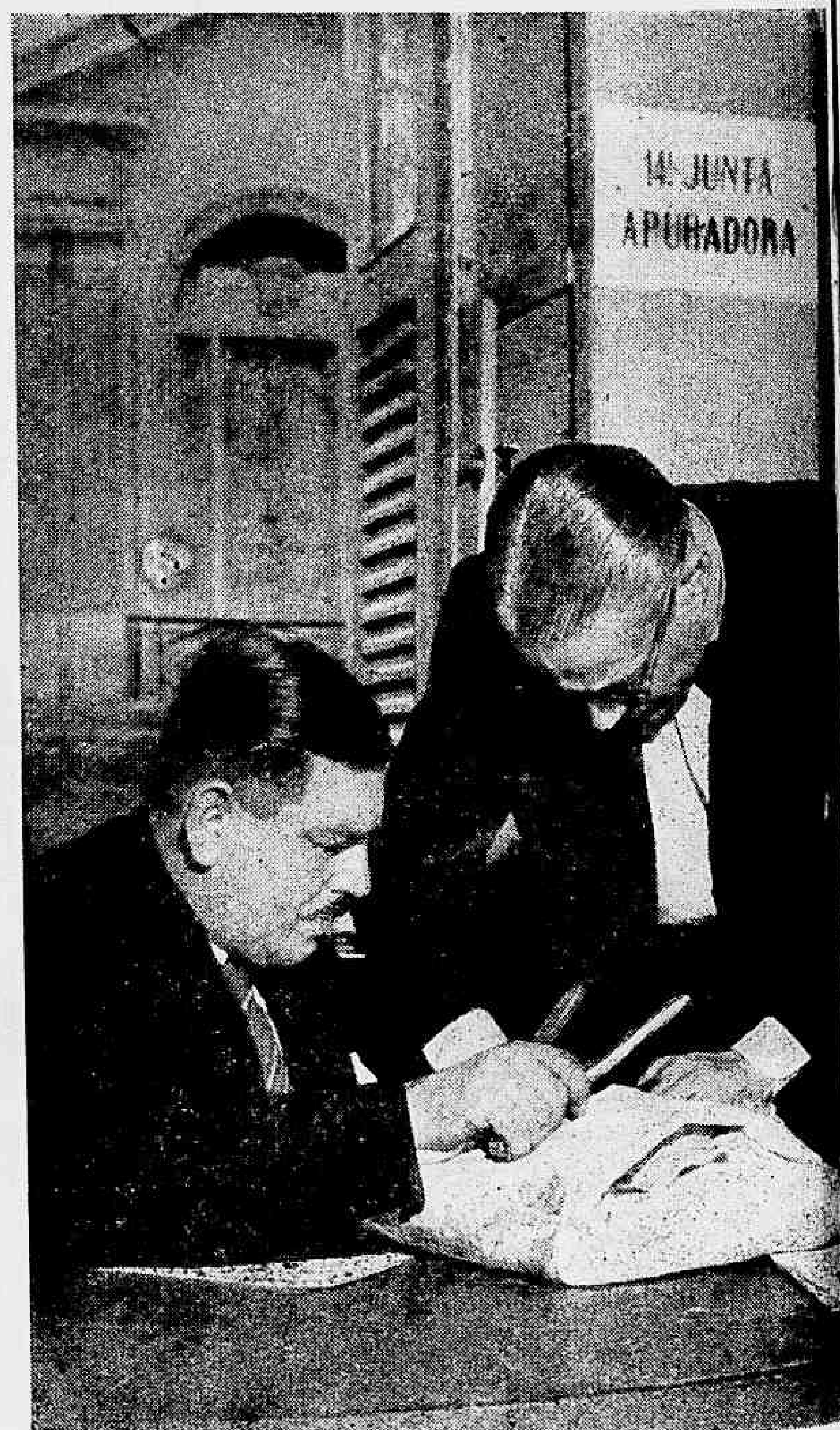
FORÇAS POLICIAIS cercavam o hotel em que foi feita a apuração, mas todos os trabalhos correram em perfeita ordem e os guardas não tiveram grande serviço. De vez em quando, os candidatos menos favorecidos ameaçavam se exaltar, mas logo se acalmavam.



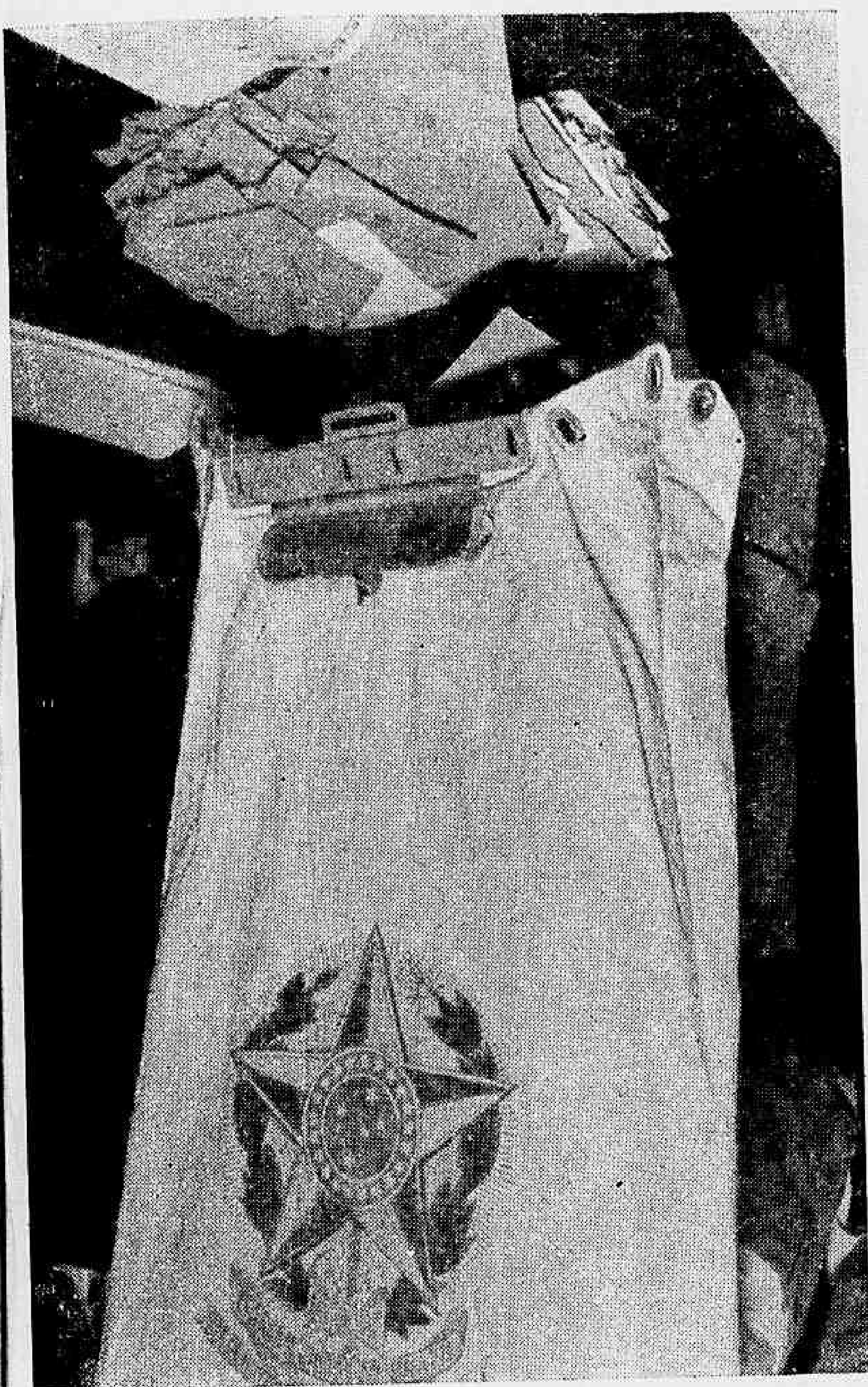
O TRANSPORTE de cada urna fazia-se por funcionários especiais sempre acompanhados de um policial. A vigilância era rigorosa.



CENTENAS DE URNAS eram guardadas, sob a vigilância policial, nos aposentos oude outróra se hospedavam ilustres personagens da cidade e dalí iam sendo retiradas, uma a uma, à medida que as turmas apuradoras iam dando conta das urnas anteriores.



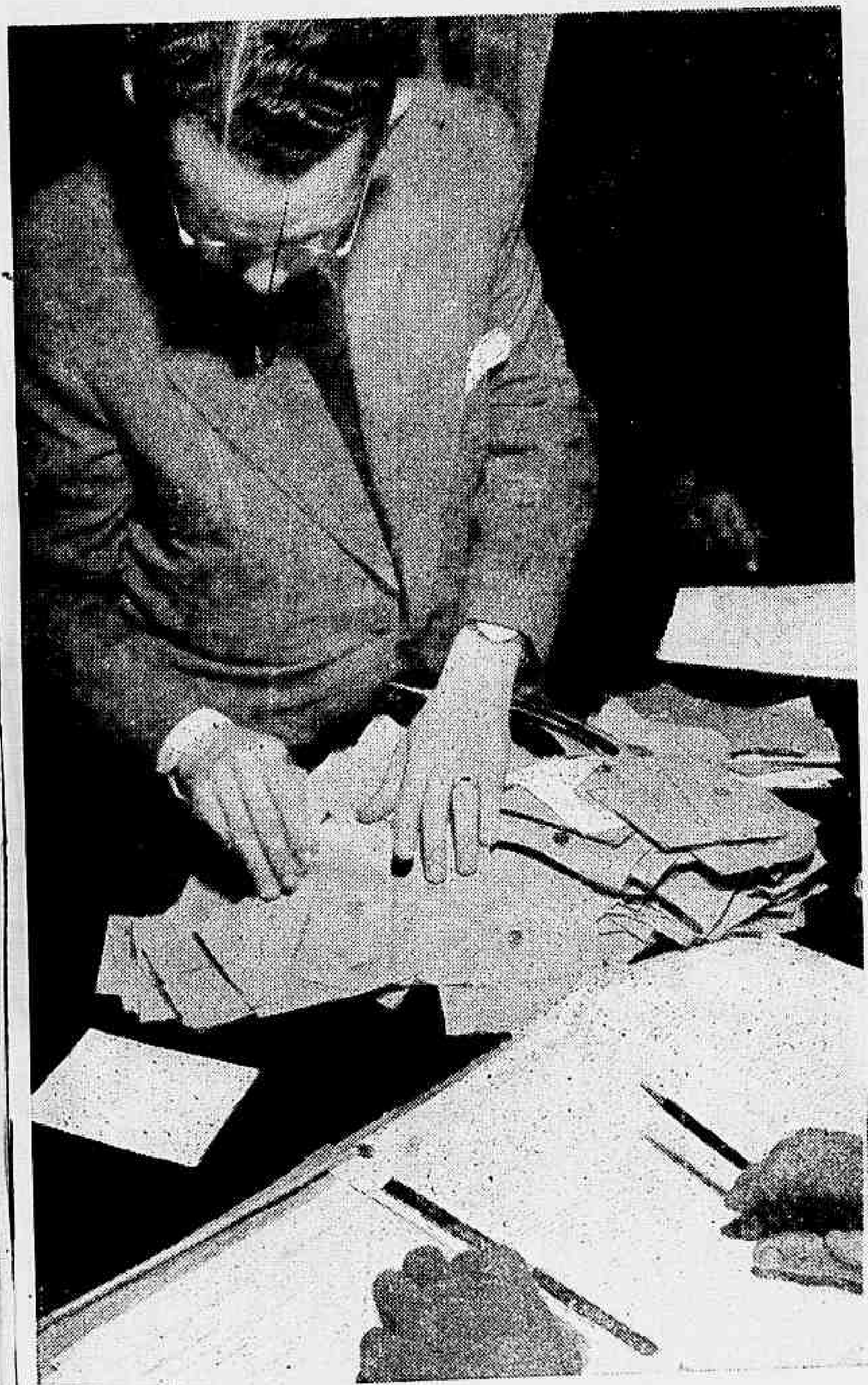
E A ABERTURA DAS urnas fazia-se dentro dos rigorosos preceitos técnicos. Ao lado, fiscais e candidatos estavam sempre a postos.



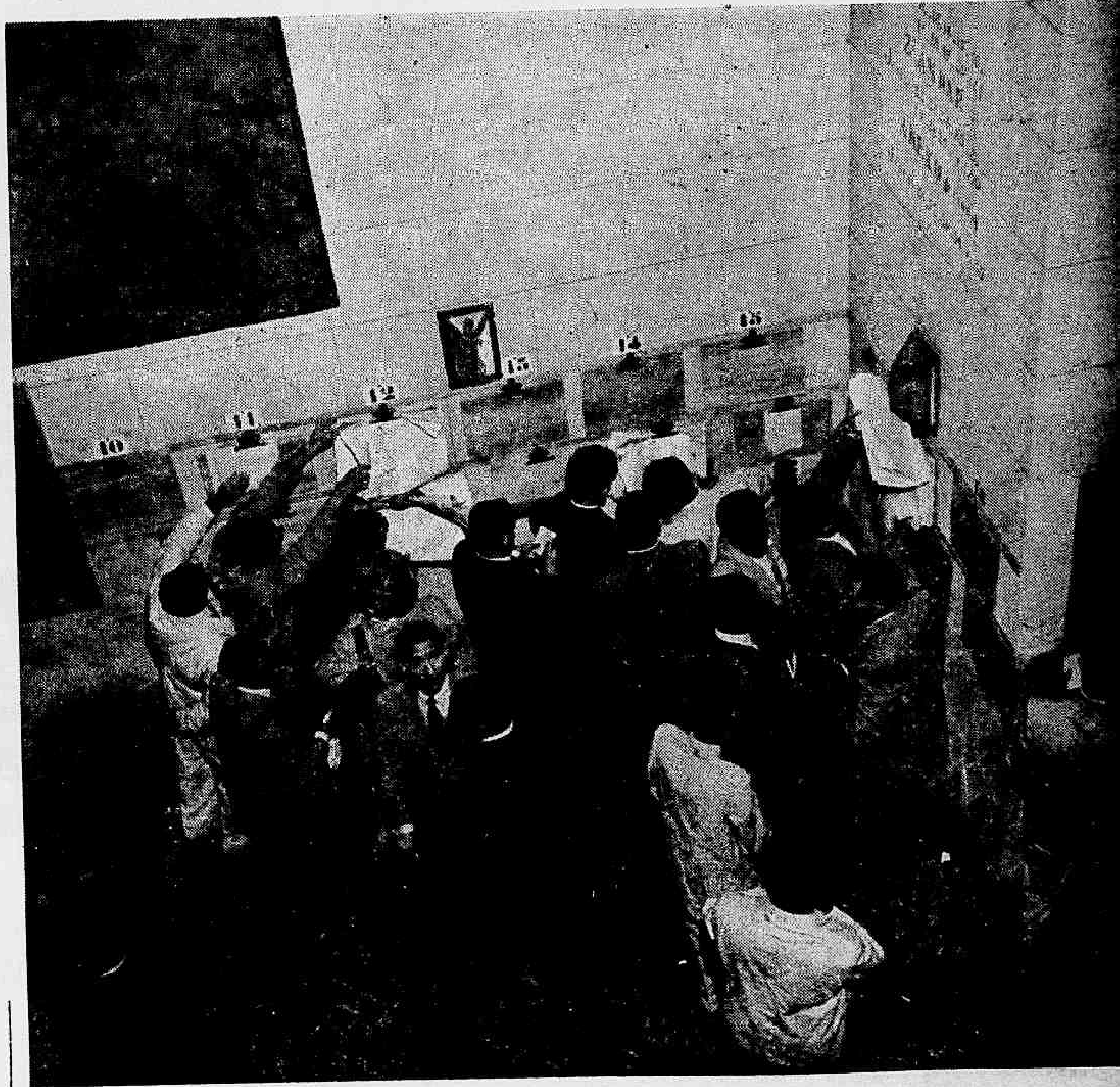
ABERTO O MECANISMO, esvaziava-se o saco em dois tempos. Nada além de quatrocentos envelopes em cada urna — ou tudo anulado!



DE TESOURA EM PUNHO, o funcionário ia abrindo os envelópes sagrados, enquanto outros se incumbiam de retirar as cédulas e distribuí-las pelos montes de cada candidato. Havia montes reduzidos e outros mais altos. Quanta esperança perdida então!



OS ENVELOPES CONTENDO as cédulas para presidente, vice, senadores, deputados e vereadores, eram prèviamente examinados.



OS RESULTADOS IAM sendo afixados e ávidos, pressurosos, os candidatos e seus fiscais dêles tomavam conhecimento. Palpitavam os corações, tremiam as mãos revirando as folhas com os algarismos cruciantes, anotavam-se os números — e a grande decepção ia surgindo!

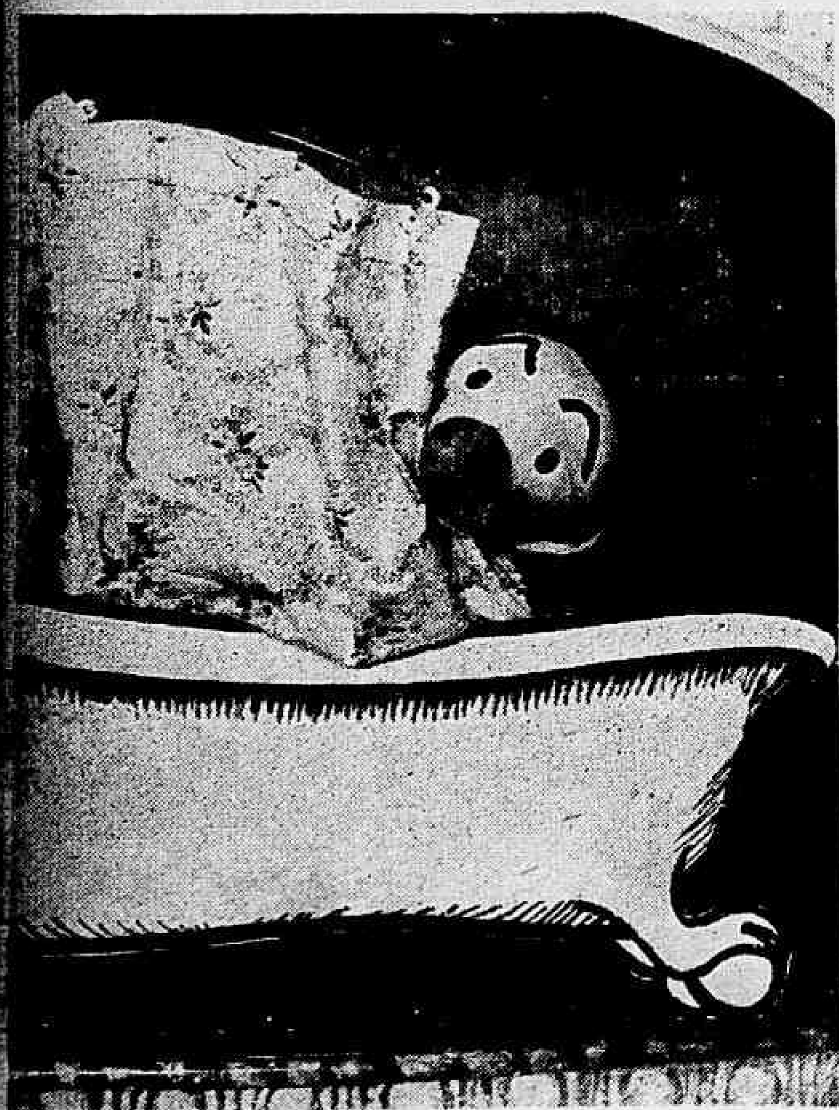


KUKLA, Ollie e Fran, três personagens queridos da criançada norte-americana, que lideram o programa de Cecil Bill para a NBC-TV. Novos heróis, para os felizes sobrinhos de Tio Sam.

A TELEVISÃO EM AÇÃO

PERSONAGENS TIPO JOÃO MINHOCA LANÇADOS COM IMENSA POPULARIDADE EM PROGRAMAS DE TELEVISÃO ★ KAY KYSER E O SEU COLÉGIO DE CONHECIMENTO MUSICAL ★ DIRETAMENTE DA PRAIA DE MALIBÚ, OS ÚLTIMOS TIPOS DE "MAILLOT".

— por AL NETO.



KUKLA, um rapaz limpo, no seu banheiro de ultra-luxo.

UM dragão é, geralmente, um animal feroz. Nas lendas, nos contos de fadas, na própria imaginação do povo, um dragão é sempre um bicho do qual a gente deve fugir. Mas Ollie, o dragão TV norte-americano, é bom e abnegado, incapaz de fazer mal a uma môsca. Ollie tem um dente só, usa colarinho duro e é um companheiro fiél de Kukla e Fran. Kukla é um rapazinho sentimental, que gostaria de passar a vida sonhando. Mas a vida tem realidades inescapáveis, e Kukla tem que esquecer-se dos sonhos e lutar pela vida... Quem acredita em Kukla e Ollie é Fran. Fran (Fran Allison na vida real) tem a mesma ingenuidade de Alice no país das maravilhas... Os garôtos e também a gente grande ficam encantados quando Kukla, Fran e Ollie aparecem nas telas de TV dos Estados Unidos. Por essas telas andam também, neste momento, a imagem de um professor ligeiramente amalucado mas, segundo êle próprio afirma, ultra-competente. O professor chama-se Kay Kyser. Kyser começou no rádio em 1938, com o programa COLÉGIO DE CONHECIMENTO MUSICAL. Êste programa tornou-se, com o correr dos anos, em um autêntico sucesso. E agora está também na televisão. Na verdade, o programa de Kay Kyser, tem de tudo, inclusive prêmios para o auditório. Mas a espinha dorsal do «show» é ainda a música, música da boa e da melhor, executada pela esplêndida banda do maestro-professor...

A música constitue também a parte principal do programa REVISTA NOTURNA DO SÁBADO, que a NBC televisa semanalmente, das 20 às 22,30 horas. Diferente é o TEATRO DE TV. Êsse programa apresenta dramas completos, com os melhores atôres do teatro e do cinema, assim como com um elênco permanente de TV. E para delicia de todos a TV de Tio Sam não se esquece de ir às praias e surpreender as banhistas decorativas que servem de ilustração entre um programa e outro...



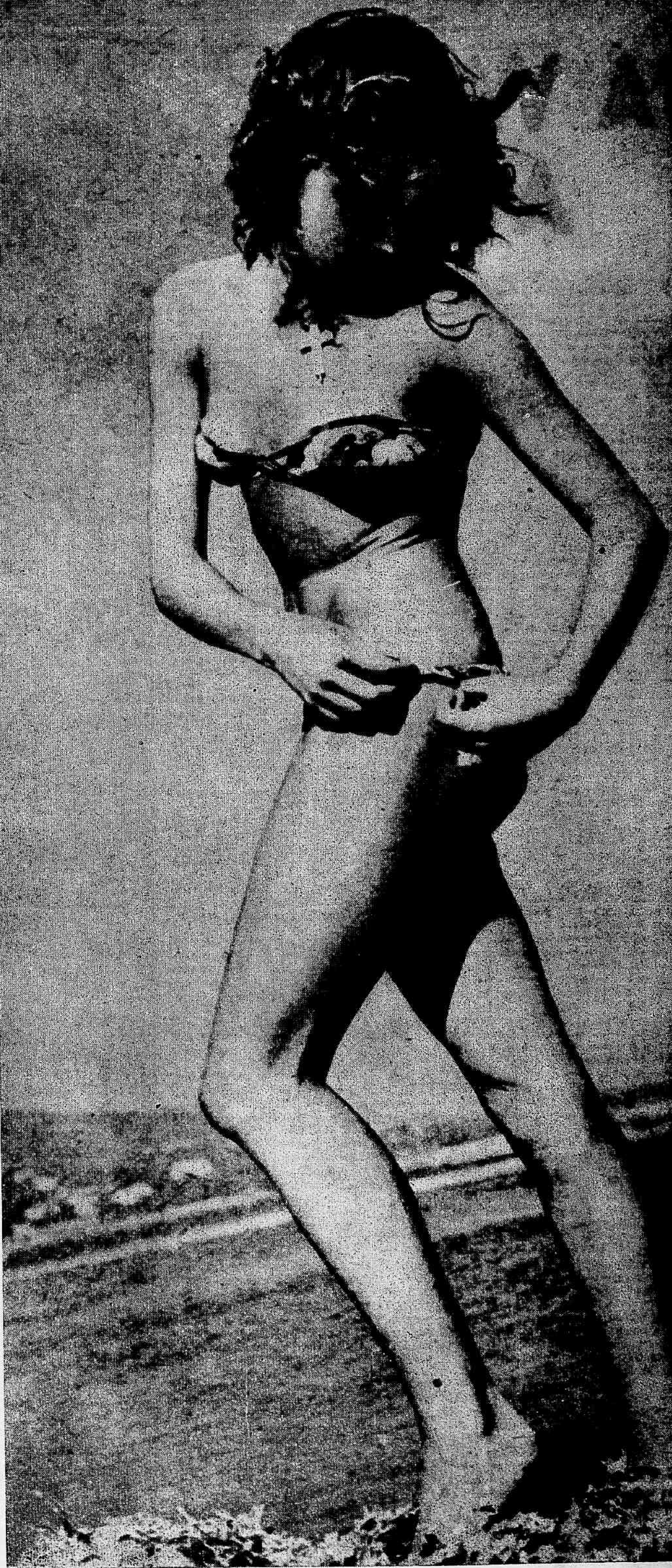
MARGUERITE PIAZZA e Robert Merril no programa «Revista Noturna do Sábado».



KAY KYSER está dando certo na Televisão. Seu público aumentou.



CENA DA PEÇA «O Último Gongo», televisionada com Canada Lee no protagonista. — Ao lado, TV diretamente da praia de Malibú.



JÁ VAI, ARUANA

O sol da tarde já se fôra do pequeno quintal encostado ao morro nos fundos da quitanda e, mansamente, a sombra da casa subia pela pedra cinzenta. Debruçada à janela da cozinha, Cândida gostava de segui-la com os olhos enquanto a penumbra desmanchava o contôrno das coisas em redor. Alheia ao tempo olhava para a faixa de mato lá em cima, que, banhada de claridade verde-ouro vivia mais meia hora de festivo esplendor. Com seu rendilhado de galhos contra o azul desmaiado do céu, aquilo lhe parecia um bosque encantado. Haveria ali, com certeza, estranhos animais que falam, pássaros de asas prateadas com coroazinhas na cabeça, ninfas de cabelos soltos pulando pela relva macia, gritando de alegria quando o vento mexia no arvoredo. Hoje, porém, não sobrava tempo para sonhar. Vermelha de esfôrço, a moça soprava para dentro do ferro a carvão, levantando-o com ambas as mãos. Jatos de cinza voavam para o quintal. Do outro lado da cêrca a preta velha observava-a.

— Descanse um pouco, menina, tu não respeita o domingo? Ademais, êsse carvão aí tá moiado.

Apesar de seus quase vinte anos, Cândida, de fato, parecia uma menina, de tão pequena e magra que era. Descansou o ferro e virou-se para a vizinha. Seu semblante sempre sério mostrava singular vivacidade, brilhavam-lhe os olhos como que febris.

— Só faltam quatro camisas, Mariana, depois vou passar meu vestido novo, e, à noite... à noite vou a uma festa. Tenho tanto medo... nem sei... mas vou... depois que D. Emília dormir.

— Festa? Você? — Mariana esticou o pescoço, espantada — Vai a festa com quem? Conte isto direito a Mariana.

Chegando-se para perto Cândida, em voz baixa, despejou nos ouvidos da velha amiga o segrêdo que tantos dias guardara. Falava depressa, interrompendo-se com medo que D. Eliza, a mãe adotiva, chegasse sem que ela percebesse.

Nem bem acabara quando, da cozinha do palacete vizinho, uma voz aguda chamou por Mariana. Relutante, a preta afastou-se, enquanto resmungava:

— Não tá direito não. Vê lá se vai dar certo!...

Cândida voltou ao ferro, agora vermelho de não se poder pegar. Era sempre assim: ou não esquentava ou esquentava demais. A ferrugem comia-lhe a tampa; o cabo, gasto e meio sôlto, machucava; deixava caír carvão na roupa, mas D. Eliza não substituiria aquêle monstro por uma daquelas pequenas maravilhas, lisas e lustrosas, que Cândida admirara numa vitrine, a caminho do mercado. Pudera! Se não era ela que passava a roupa dos pensionistas noite a dentro, depois da quitanda fechada! E nem se falava mais nisso depois que Cândida, quando quase apanhara por ter queimado uma peça de roupa, revoltara-se, e, chorando, tentara convencer D. Eliza da economia que poderia advir da compra de um ferro elétrico. Fôra inútil. A quitandeira chamara-a de preguiçosa, desajuizada, gritara o dia todo, lamentando-se de tê-la adotado, pois deixaria as economias feitas com tanto sacrifício a uma ingrata, a uma esbanjadeira.

Mas Cândida continuara pensando no ferro. Costumava roubar a quitandeira em pequenas quantias e, se no comêço, gastava-as em gulodices, depois, bem escondidas, chegaram logo à soma necessária para a compra do objeto cobiçado. A idéia tomava vulto. Comprá-lo-ia, sim, e saberia escondê-lo dos olhos vigilantes de D. Eliza.

Um dia entrara na loja. Atendida pelo empregado que já lhe conhecia por vê-la, várias vêzes, parada em frente à vitrina, êste, pacientemente, dera-lhe preços e da meia dúzia de ferros espalhados sôbre o balcão, explicando-lhe, também as vantagens de cada um deles, Cândida, indecisa, examinara-os longamente, um por um, atrapalhara-se sentindo sôbre si os olhos rizonhos e zombeteiros do rapaz, e deixara a loja com uma desculpa, prometendo voltar. Dias depois, voltara, e como dantes, não soubera escolher; mas ficara alguns minutos de conversa com o vendedor.

Daí em diante, quando Cândida passava pela loja, rumo ao mercado, êle saía à porta para cumprimentá-la. Ao cumprimento seguiram-se palavras, conversas mais demoradas, rápidos encontros marcados. Agora, quando Cândida acabava de se pentear diante do seu espelhinho meio cego, corria furtivamente ao quarto dos pensionistas, onde havia um espelho grande na porta do guarda-roupa. Achava-se feia, mal arranjada. Observava outras moças, seus vestidos e suas maneiras. Ela, que nunca soubera outra coisa senão trabalhar e ouvir as histórias da velha Mariana, via-se, agora, envolta numa rede de sentimentos estranhos, doces e torturantes ao mesmo tempo. Amava pela primeira vez em sua pobre vida.

Dias atrás, comprara, finalmente, o ferro. Nem mais sabia como chegara em casa, como tirara o precioso embrulho do cesto onde o havia escondido, debaixo das frutas, como agüentara a tempestade de gritos, puxões e mesmo alguns sôcos da enfurecida parenta, que, desta vez, com razão, a culpava da demora e de ter comprado sem escolher. Nada disso importava! Tudo desaparecia diante do grande acontecimento dêsse dia. Antônio, o rapaz da loja, convidara-a para uma festa. Depois, num canto da loja, beijara-a tão ternamente como ela nunca imaginara fôsse possível beijar-se. Prometera apresentá-la aos pais. Mais tarde, então, procuraria conhecer D. Eliza e saberia caír-lhe nas boas graças.

Cândida achara difícil, impossível mesmo, saír à noite. Pedir a D. Eliza, seria desistir de vez — e com que vestido iria, se tôdas as suas roupas eram escuras e muito usadas? Não tinha mesmo com que se apresentar. Antônio, porém, não deixara de insistir e tivera uma idéia salvadora. Conhecia a dona de uma casa de roupas feitas, aí ao lado, e fêz com que ela desse um crédito a Cândida.

Vendo a moça indecisa diante da fileira de vestes coloridas, Antônio tirara do cabide um vestidinho simples e vaporoso, branco, com pintinhas vermelhas, e Cândida experimentou-o. Assentara-lhe como uma luva. E quando, maravilhada, vira sua elegante figurinha no espelho da cabine, sentira-se feliz e capaz de competir com tôdas as belezas do mundo. Não perderia a festa, mesmo que tivesse de enfrentar duas Donas Elisas. "Vê lá se vai dar certo!" — dissera a Mariana. Mas afinal, por que não teria ela direito de ter um namorado como as outras, que passeavam, conversavam na calçada e iam dançar todos os sábados? D. Eliza condenava tudo isso como vaidade e perdição.

A quitandeira nunca se casara. De gênio difícil, vivera sempre afastada dos parentes. Trabalhara e economizara sem descansar para, já aos cinqüenta, alcançar o fim almejado: ter um negócio próprio, deixar de servir para ser dona. Ambiciosa e acostumada à labuta, sobrecarregara-se, porém, desde o primeiro dia. Sublocava dois quartos, prometendo aos pensionistas comida e roupa lavada; tratava da arrumação, das compras e fazia-se em pedaços para atender, também, ao negócio, pois sendo quase analfabeta não se fiava nos empregados e trocava-se a miúdo. Irritada e doente, emagrecera em pouco tempo; nada lhe faziam direito, e um dia convenceu-se de que assim nunca viveria em paz, que nunca teria confiança em pessoas estranhas.

Fôra então buscar Cândida. Parentes afastados de Eliza, os pais da mocinha viviam no interior, pobres e cheios de filhos. Cândida estivera alguns anos numa escola e aprendera bem, não tanto por vontade de estudar como para ficar o menos possível em casa, onde, pelo seu jeito tímido e chorão, apanhava de todos e por tudo. Mal completara treze anos, tiraram-na do colégio, pois achavam os pais que já estava em idade de trabalhar. Foi quando,



inesperadamente, apareceu a quitandeira pedindo que deixassem-na levar a menina. Teria melhor educação, aprenderia um bom ofício e poderia, mais tarde, ajudar muito a família. Depressa o negócio fôra fechado, com satisfação para todos, e Cândida viera para a cidade.

Mais tarde, quando a menina se tornara órfã, D. Elisa adotara-a.

Acostumara-se a ela, tomara-lhe afeição, mas por coisa alguma do mundo sabia mostrá-lo. Reconhecia-lhe o valor, enchendo-a de tarefas, entregando-lhe as contas e, de resto, tratava-a como às criadas que tivera, as quais não lhe toleravam o constante máu humor, enquanto que Cândida não podia fugir. Completamente dominada pelo gênio autoritário da parenta, Cândida não compreendia que ela não era tão má como se apresentava. Tinha-lhe medo e aos poucos tomara-se de profundo ressentimento. Instintivamente, D. Eliza percebia o ódio surdo que se escondia debaixo da aparente submissão, da incansável servilidade de Cândida, e ofendida pelo que julgava influência de Mariana, tornava-se então, mais áspera que de costume. Assim, as duas criaturas, que dependiam uma da outra, arrastavam-se pela vida monótona de todo dia, de corações vazios e sem achar um caminho que as aproximasse.

— Procura agradá-la, compreendê-la, — dizia Mariana, a boa conselheira — no fundo tem boa alma e gosta de ti. Não vês que tem até ciumes de mim?

Mas Cândida respondia sombriamente:

— Não adianta. Nunca alguém gostou de mim. Nunca!

*

O calor e a quietude da tarde davam sonolência. Cândida bocejou. Passara mais duas camisas e de novo o ferro esfriara. Foi ao pequeno quarto pegado à cozinha e sentou-se na cama.

Lá na cozinha do palacete, a preta velha cantava. Com voz aguda e desafinada repetia inúmeras vêzes o mesmo pequeno trecho, interrompido por pausas regulares. Cândida sorriu. A Mariana não sabe cantar outra coisa. — pensou — E baixinho acompanhou a singular melodia.

Já vai, já vai, já vai Aruana
Não deixa ninguem te pegá, Aruana,
Eu tenho dinheiro em casa, Aruana.

Cantarolando, Cândida virou-se para enfiar o braço entre o colchão e a parede. No fundo de um caixote cheio de garrafas, sua mão apalpou o ferro envolto num saco de estopa. Puxou para fora um pacote de papel pardo e desmanchou-o com dedos rápidos. Abriu o vestido sôbre a cama e admirou-o em silêncio.

Lá fora, Mariana começava de novo sua cantilena:

Já vai, já vai, já vai Aruana...

Era a história comprida da cabocla Aruana, que Mariana lhe contara, há tempos. A linda morena vagava pelo sertão à procura do noivo que tanto lhe prometera e depois a deixara. Andava... andava... sempre enganada pelo canto que ouvia de longe, mas quando chegava perto a voz fugia. Chamava-o, desesperada, e andava, andava sempre. Era bom andar assim, de pés descalços. Havia claridade ali adiante... A mata abriu-se... milho novo roçava-lhe os joelhos e o vento vinha cheio do aroma gostoso das flores silvestres. No meio da roça sentou-se, num tronco tombado, e esperou... a saia larga e fofa rodeando-a como pétalas de uma grande flor. Um vulto destacou-se no fim da clareira, aproximou-se. Era Antônio. Chapéu na nuca e um violão no braço. Com voz baixa e cheia, repetia a melodia prometedora:

Já vai, já vai, já vai Aruana...

Sentou-se ao lado da moça e olhou-a sorrindo. Ela também sorria-lhe, muda de felicidade, as mãos entrelaçaram-se e assim ficaram, esquecidos do mundo, enquanto as sombras da mata tomavam conta da clareira.

— Vamos, — disse Antônio — está quase na hora do baile. E teu vestido está amassado...

Seguiram. No caminho escuro e estreito, Antônio tomava a dianteira, afastava-se cantando e Cândida ficava atrás, atrapalhada pelo vestido que se prendia nas plantas, que lhe tolhia os passos. Quando chegou à saída do mato, já não viu o namorado. Mas êle espera por mim, dizia para si, é só passar o vestido.

Viu-se em casa. Mas onde estava a cama? Onde o caixote? A cozinha transformara-se num vasto salão, vazio de móveis, cujos cantos se perdiam na escuridão. O clarão que jogava longas sombras e mal ilminava, vinha de um brazeiro que estava ali, num canto, ao rês do chão. Às apalpadelas, Cândida encontrou o velho ferro de carvão, mas não havia mesa e era tarde. Tirou o vestido e estendeu-o no cimento. Ajoelhada, seus braços nus esforçavam-se para mover o ferro do lugar, mas êste nunca pesara tanto como agora. Gemeu de aflição. O tempo passava e não conseguia tirar uma ruga sequer do vestido. Apesar do seu esfôrço titânico, o ferro não se movia. Crescia! Crescia ainda, cobrindo quase todo o vestido, e Cândida chorava de angústia. Mas está frio — compreendeu de repente — e começou a puxá-lo em direção ao fogo. Saindo de cima do vestido, o ferro, por si mesmo, começou a deslizar e Cândida viu, então, que o soalho inclinava-se em sentido ao braseiro. Procurou detê-lo, mas o ferro tornara-se do tamanho de um baú e arrastava-a consigo. Assustada, quis largar o cabo. Debalde! Os dedos não se abriam. A quilha do ferro separou as brasas, enorme chama levantou-se e lambeu-lhe o braço. Sentiu a dor aguda e gritou.

D. Eliza cravara-lhe as unhas no braço, sacudindo-a. O vestido — pensou Cândida — mas D. Eliza, arquejante, roxa de raiva, já o tinha na mão.

— Você ainda me mata! Maldito dia em que eu trouxe esta criatura para minha casa. Que vestido é êste? Quem te deu?

Pulando da cama, Cândida defendia-se. Estranha coragem invadiu-a e não conseguindo arrancar o vestido das mãos da mulher que, furiosa, não medindo mais palavras, acusava-a das mais baixas ações, pôs-se também a gritar.

— Comprei! Comprei! Comprei! E chega de me maltratar, ouviu? — Chega! Chega!

Tôdas as humilhações transformadas lentamente em ódio nos longos anos de convivência, transbordaram-lhe dos lábios pálidos. Parecia uma possessa. Até que D. Eliza, de olhos esbugalhados, trêmula diante da reação inesperada, e amassando o vestido entre as mãos, recuou pela porta, fechando-a por fora. Desligou a luz no corredor e na completa escuridão que então se fêz, Cândida jogou-se sôbre a cama. Sentiu-se como vazia, sem fôrças até para chorar. Que horas seriam? Não importava. Já não sairia. Adormecera. Tudo estava perdido. Antônio esperaria em vão. E ela levara o vestido! O vestido que Antônio escolhera.

D. Eliza amanhecera doente. Sua saúde já abalada não resistira ao choque. Dera-lhe o ataque e agora estava de cama. Cândida nunca fôra mais humilde. Arrependida, assustada pela coragem que tivera em responder à parenta de tal maneira, sendo ela doente, desfazia-se agora, para servi-la. Atendia a quitanda, lavava, passava, arrumava mal e mal a casa, enquanto Mariana fazia as compras e ajudava quanto podia. À noite, a cabeça andava-lhe às voltas. As pernas tremiam e por pouco não desmaiava. Da cama, D. Eliza, com voz fraca e olhar frio, dava ordens sôbre ordens. De noite não deixava a moça dormir, queixosa e impaciente pedia mil coisas, tiranizava-a com requinte. Vingava-se.

Visitas enchiam a casa, atrapalhando o serviço de Cândida e tôdas ouviam, da doente, a terrível história da ingrata que agredira a mãe adotiva, ofendera a santa que a tirara da miséria e que pela sua bondade estava ali, morrenda.

Percebendo que Mariana vinha ajudar, D. Eliza, de contra gôsto, mandou fechar o negócio por alguns dias e sentindo-se de fato mal, consentiu que Cândida chamasse um médico.

— Grave — disse êste a Cândida, ao saír, entregando-lhe as receitas. — Antes de tudo, corte estas visitas e nada de emoções, nada de aborrecimentos.

Profundamente abalada, Cândida correu ao quarto e rezou, moída de remorsos. À tarde, tendo D. Eliza adormecido, saíu às pressas para comprar os remédios. O dia estava lindo e o sol envolvia-a como um manto quente, animando-a um pouco. Na rua, a lembrança de Antônio veio-lhe com tal fôrça que automàticamente dirigiu...

(Cont. na pág. ...

CONTO DE INGER MUELLER
ILUSTRAÇÃO DE ARMANDO PACHECO



AS MULHERES GOSTAM DE FREQUENTAR OS TERREIROS, MAS, NA HORA "H" DAS FOTOGRAFIAS PROCURAM ESCONDER O ROSTO



MACUMBA COM rítmos exóticos. Atabaques, charutos, cachaça, velas, insenso e outros mais. Os terreiros pululam por aí em fóra, sendo grande o número de crentes, mòrmente do belo-sexo. As danças, os passes e os «despachos» são outros tantos atrativos da seita proibida. Nesta foto aparece uma «medium» em trânse, ante o rítmo dos atabaques. A assistência acompanha as suas atitudes com interêsse.

TUDO KUABA!... SARAVÁ OGUM!

O RITUAL EXÓTICO, OS DESPACHOS E A MATANÇA DE BODES PRETOS EM HOLOCAUSTO A EXÚ ★ TIA LÚCIA É BEM A MÃE DE SANTO DO SÉCULO ATÔMICO: — TEM SÍTIO, PRÉDIOS, AUTOMÓVEL, PRESTÍGIO E REGULAR CULTURA ★ O SEU TERREIRO É FREQUENTADO PELA FINA-FLÔR DA SOCIEDADE CARIOCA ★ SURPREENDIDOS DEPUTADOS, VEREADORES, MÉDICOS, ADVOGADOS E PROFESSORES EM PLENO CANDOMBLÉ ★ TAMBÉM KATHARINE DUNHAN ESTEVE PRESENTE.

Fotos de WALTER MORGADO Reportagem de ABDIAS RODRIGUES



TUDO PRONTO para os «despachos». Todos os que aí estão têm os seus pedidos a fazer Muitos são deputados, vereadores, médicos e professores.

O vasto capitulo das superstições do folclore de todos os povos é constituido de um conjunto de práticas mágicas, crendices e abusões de diversas origens. Uma dessas origens é explicada pela lei da interpretação de duas ou mais religiões diferentes. Quando uma religião, considerada superior, tende a suplantar outra, os elementos desta não desapacerem; escondem-se, tornam-se privados e esotéticos. Ficam como elementos **superstites** no meio da mística e do ritual da nova religião que suplanta a velha. O encontro de duas ou mais religiões, provoca sempre a substituição dos deuses nacionais pelos deuses invasores. Reik mostrou que a fusão das seitas e a vitória dos novos deuses se dava de três modos:

a) pelo trabalho do sincretismo, com a assimilação das divindades de uma às da outra religião; b) pelo rebaixamento dos antigos deuses às categorias de heróis, espíritos auxiliares ou servos dos novos deuses; c) pela degradação definitiva dos antigos deuses à classe dos anjos maus ou demônios.

No ritual aconteceu a mesma coisa — acrescenta aquêle sábio. O que era uma prática natural da religião, passou a ser considerada ritual privado, esotérico, perseguido pelos adeptos da nova doutrina imposta. Assim surgiram as seitas ocultas que, desde a antiguidade do recalcamento operado pelas novas religiões que se dizem ao serviço da cultura. Por esta mesma razão nenhuma subsiste em



SINAL de humildade. Ante o altar de São Cosme e São Damião a «medium» beija o chão do terreiro. Pode parecer absurdo, mas é do ritual



O CABOCLO «arriou» na «medium». E a sua atitude diz bem do seu estado de alma. Abandono completo. Nesse momento a mulher não se preocupa com a sua aparência. Desgrenhada, bôca torta, espumando, e de olhar espavorido, ela percorre o ter.eiro sambando.



TUDO O QUE É EXÓTICO conquista logo a simpatia das mulheres. E a macumba, pela sua excentricidade ritual, conta com a frequência do elemento feminino. Mulheres



TIA LÚCIA mostra ao repórter o bode preto que será imolado em holocausto a Exú. Ao fundo, no altar, aparece Oxoce — o caboclo caçador.

estado puro. Daí as perseguições aos que praticam a Umbanda e daí também as modificações de ordem mística introduzidas.

RUMO A SÃO MATEUS

As autoridades cariocas são mui severas para com os que praticam a Lei de Umbanda. Todavia, se o leitor quiser assistir a uma verdadeira macumba tenha a bondade de nos acompanhar. Tomemos um trem na Estrada de Ferro Central do Brasil rumo a São João de Miriti. Saltemos. Agora vamos de ônibus até São Mateus. Pronto. Chegamos na Estação. Estamos no Estado do Rio, onde até o delegado gosta de assistir aos trábalhos de Tia Lúcia — a maior Babá da região. Faltam 15 minutos para meia-noite. E' sexta-feira. Chegaremos a tempo... O lugar é deserto. Mas a escolha de lugares solitários e de difícil acesso para os terreiros que obedecem a razões determinadas como a necessidade de obtenção de efeitos sugestivos. Às horas mortas da noite, na monotonia grave e triste das dansas religiosas, tudo se reune para dar ao conjunto um cunho de poesia selvagem e misteriosa que deve falar profundamente ao espírito medroso e inculto da raça negra, que é extremamente supersticiosa.

XXX

A noite está escura. Não há luz no lugar. Apressemos o passo. Parece que estamos perto. Vultos embuçados passar por nós seguindo o mesmo caminho. Por vezes, um automóvel surge iluminando a estrada.

— Está ouvindo? pergunta o fotógrafo, assustado.

— Sim. Ouço. São os ruídos dos atabaques. E' o primeiro sinal. Os «trabalhos», no entanto, só começarão depois do terceiro sinal que, aliás, é bem diferente dêste; quer dizer, é mais forte e mais prolongado.

— Parece que você entende mesmo da coisa, hein? Vai acabar babalaô.

— Quer quer?! São os ossos do ofício...

O TERREIRO DE TIA LÚCIA

Afinal chegamos. Agora o leitor que nos acompanhou até aqui, deve tomar posição a fim de «ver com os próprios olhos» os «trabalhos» no terreiro. Enquanto isso tentaremos descrever o panorama local para os que não puderem vir.

No centro de um grande pátio, cercado de árvores frutíferas, está o terreiro de Tia Lúcia. Ao seu redor acham-se 6 automóveis dos últimos tipos. Dois Mercury, 2 Cadilacs, 1 Ford e 1 Pontiac. Afóra a casa da Mãe de Santo e a do terreiro há mais 4 pequenos prédios que são as habitações das filhas de santo.

Identificamos alguns dos proprietários dos automóveis. Atendendo aos seus rogos não mencionamos aqui os seus nomes. Contudo, podemos acrescentar que estavam presentes um deputado federal, 4 vereadores, sendo que um da Câmara do Distrito Federal, e vários candidatos a deputado e a vereadores no pleito de 3 de outubr: afora artistas de rádio, médicos, advogados, professores, etc..

Ao dr.... proprietário do Mercury, chapa número... o nosso muito obrigado. Ah! doutor!... a sua presença no condomblé foi providencial! Se não fosse o sr., que gentilmente nos trouxe de volta, que seria de nós naquele deserto... dentro da noite enorme... após o espetáculo?!...



de tôdas as classes sociais, hoje em dia, acorrem aos terreiros. E muitas delas são de rara beleza.

Também Tia Lúcia tem automóvel. Êste, porém, estava na garage. Como era natural, a nossa presença, naquele sítio, àquela hora, causou grande pânico. Na hora das fotografias, os «grandes», «os homens notáveis» se encolheram, procurando fugir as «flash». Muitos nos suplicaram, mesmo: — «Por favor, não publique o meu nome. Imagine que sou candidato a deputado federal e se a L.E.C. souber disso o meu nome vai para a lista negra. E isso será o fim de tôda uma luta ingente».

Que estaria fazendo aquela gente alí? — perguntará o leitor que não pôde nos acompanhar. Acreditam em macumba? Teriam ido fazer despachos para conseguir eleitores?

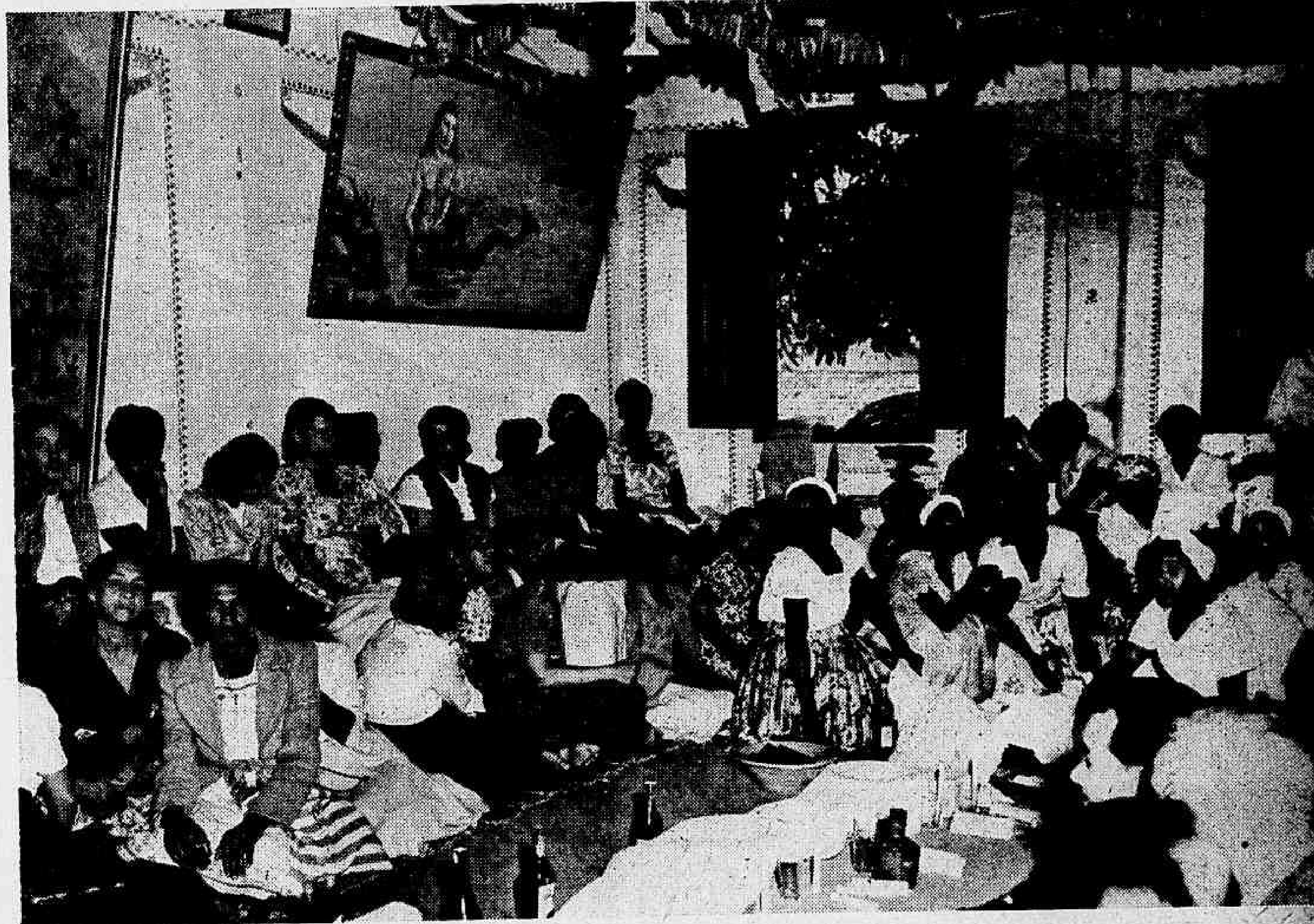
Não sabemos. Mas cédulas se encontram em tôda parte, inclusive no terreiro de Tia Lúcia. Fato curioso, é que nem mesmo a presença da imprensa impediu que todos os candidatos presentes fizessem os seus pedidos a Exú, Ogum e a outros Orixás.

XXX

Destoando da maioria das **Mãe de Santo** — Tia Lúcia se nos apresenta como uma senhora elegante, lida e de boas maneiras. Como já deixamos patente, o seu terreiro é frequentado pela **fina-flôr** da sociedade carioca. Nos bairros chiques da Cidade Maravilhosa, como Copacabana, Flamengo ou Tijuca, não há quem não a conheça ou não tenha ouvido pronunciar o seu nome. Há mais de 20 anos mora em São Mateus, cercada de confôrto e prestígio. Tia Lúcia resolve qualquer problema, qualquer assunto intrincado — dizem. Ao seu terreiro tanto vai ter a mocinha que está com o casamento «atrapalhado», a mulher que o marido abandonou, o rapaz que quer arranjar bom em-

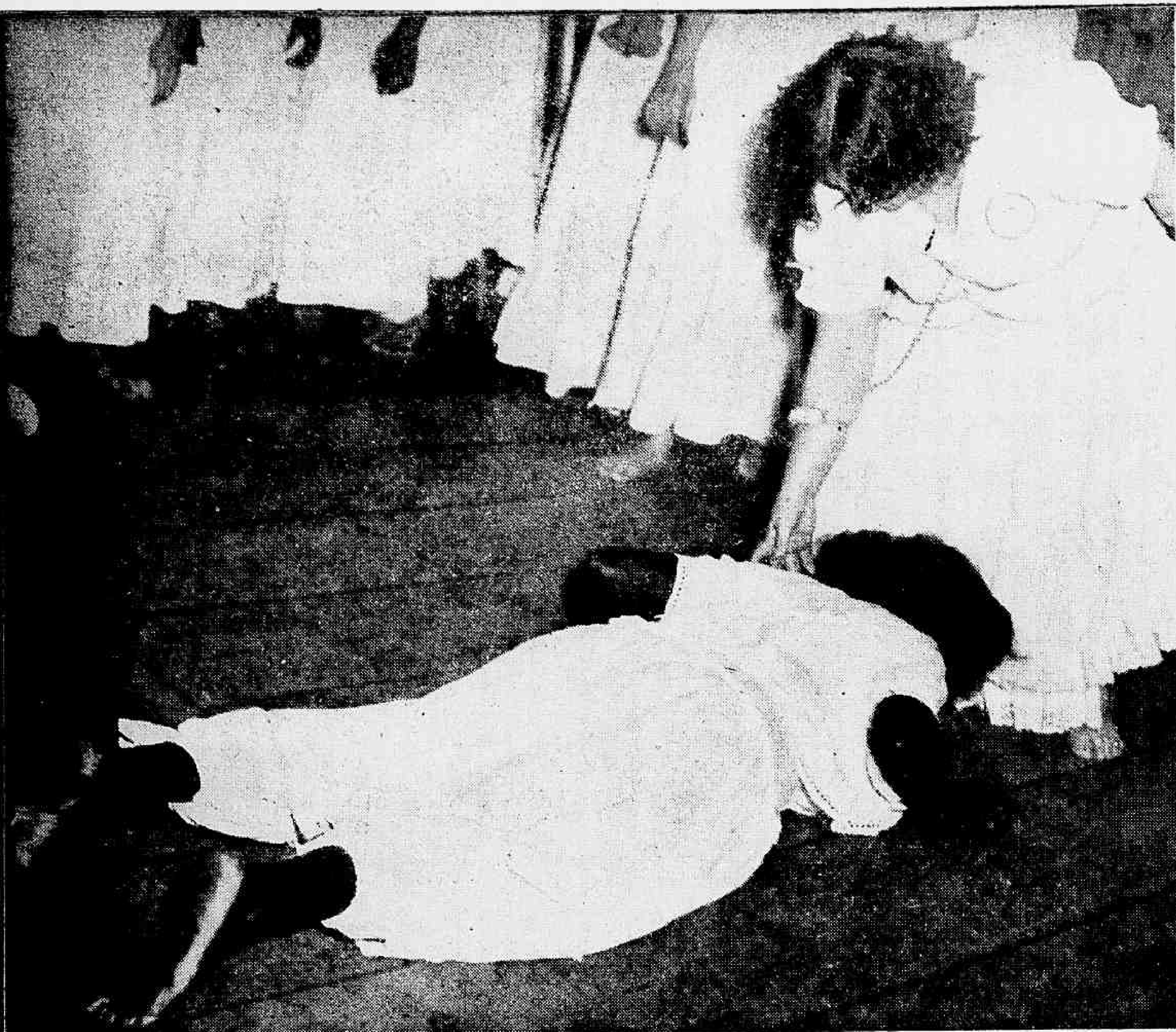


TEM COMEÇO os preparativos para a matança dos bodes pretos. As filhas de santo preparam as comidas dos santos, ou orixás. Quanta coisa gostosa! Vatapá, angú, acaragé, leite de coco, etc., tudo isso é para os santos. Há também muita cerveja, moscatél, mel de abelha e pipócas. Antes dos bodes pretos são sacrificados «bichos» de 2 pés, isto é,



galinhas, patos e pombos. No centro vemos algumas damas procurando fugir ao «flash». Também pudera! Uma delas é a esposa de um deputado!... E, finalmente, um bode preto já abatido e recheiado, muitas aves, e as comidas dos santos.





MULHERES! ... muitas mulheres! ... E algumas delas muito boas! O que atrai os homens aos terreiros não é, precisamente os «trabalhos», mas, sim, a presença das «trabalhadoras». Onde há mulheres vão sempre homens, com boa ou má intenção.

prêgo, como o político que deseja ser eleito; enfim, todos, inclusive folcloristas e personalidades ilustres como Katharine Dunhan, que lá esteve em busca de novos rítmos para os seus espetáculos.

Como acentuamos, Tia Lúcia é u'a mulher lida. E' mestiça e aparenta ter 60 anos de idade. Fala corretamente o português e domina com facilidade os dialetos africanos. E' curiosa e se interessa muito pelo folclore afro-brasileiro, mòrmente no que diz respeito à Umbanda. Na palestra que manteve conosco apontou-nos como sendo os méstres do folclore afro-brasileiro o professor Donald Pierson, Artur Ramos, Nina Rodrigues e Edison Carneiro.

UMBANDA E' RELIGIÃO

A uma pergunta nossa, respondeu:

— Umbanda é uma religião como outra qualquer. Tem a sua teogonia, a sua liturgia e a sua hierarquia sacerdotal. Ou em outras palavras: — tem o seu conjunto de divindades, o seu complexo de cerimônias e o seu ritual.

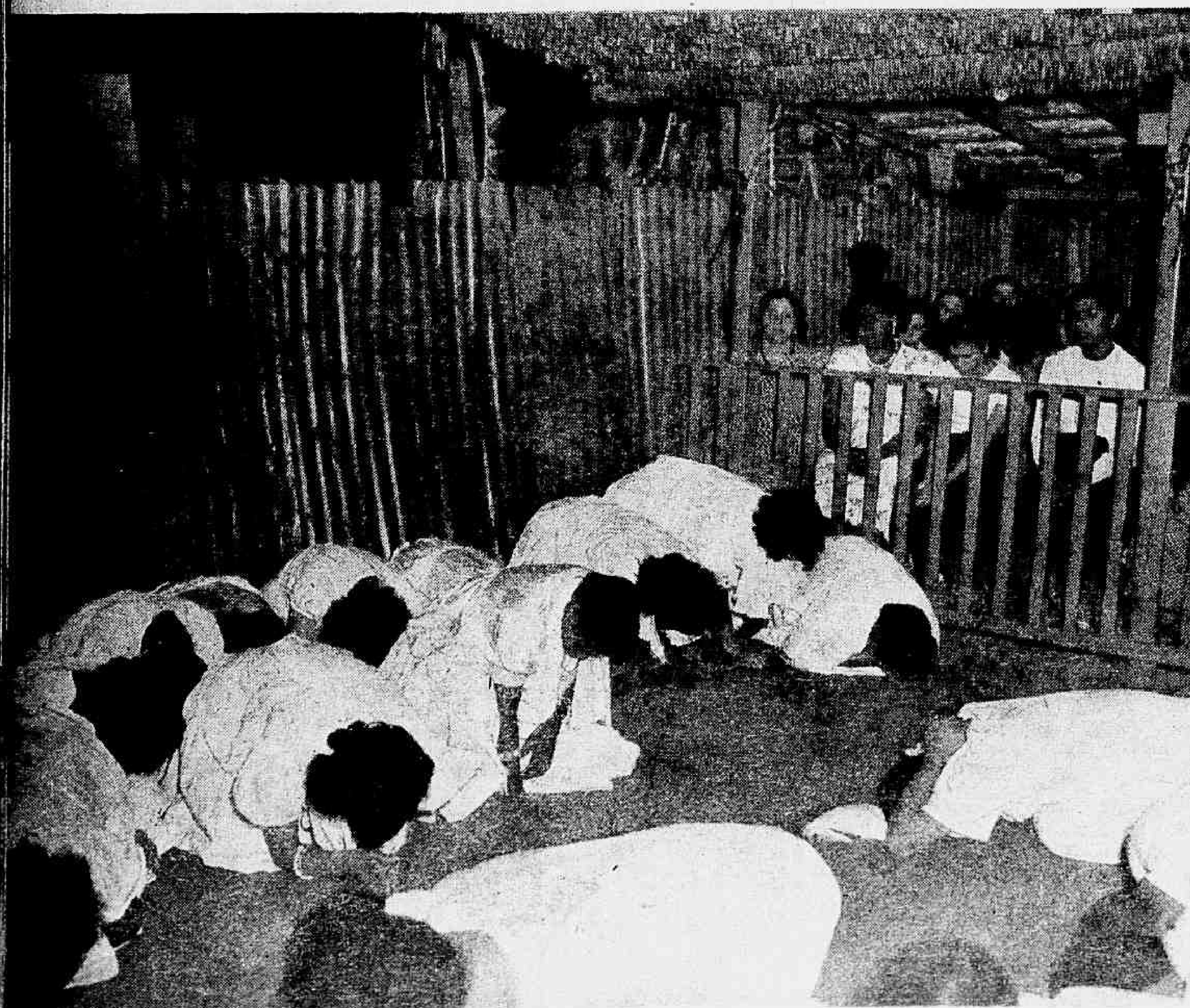
Tudo isso varia de certo modo, com a seita afro-brasileira. O culto Nagô ou Yoruba, é o mais puro, em relação às fontes primitivas. Depois o Gêge. Em seguida o Bantú. E finalmente o Bantú-Amerindio. A desorganização é crescente. E' tão crescente que há necessidade de desligar do Bantú o novo culto — o Bantú-Amerindio.

Os brasileiros e os sulamericanos estão degradando a religião pura e original dos fetiches com enxertos e modificações de ordem mística. Hoje, o que se vê por estas paragens é um complexo, uma salada de Gêge, Nagô, Bantú, Tupí, Espiritismo, Catolicismo, etc..

xxx

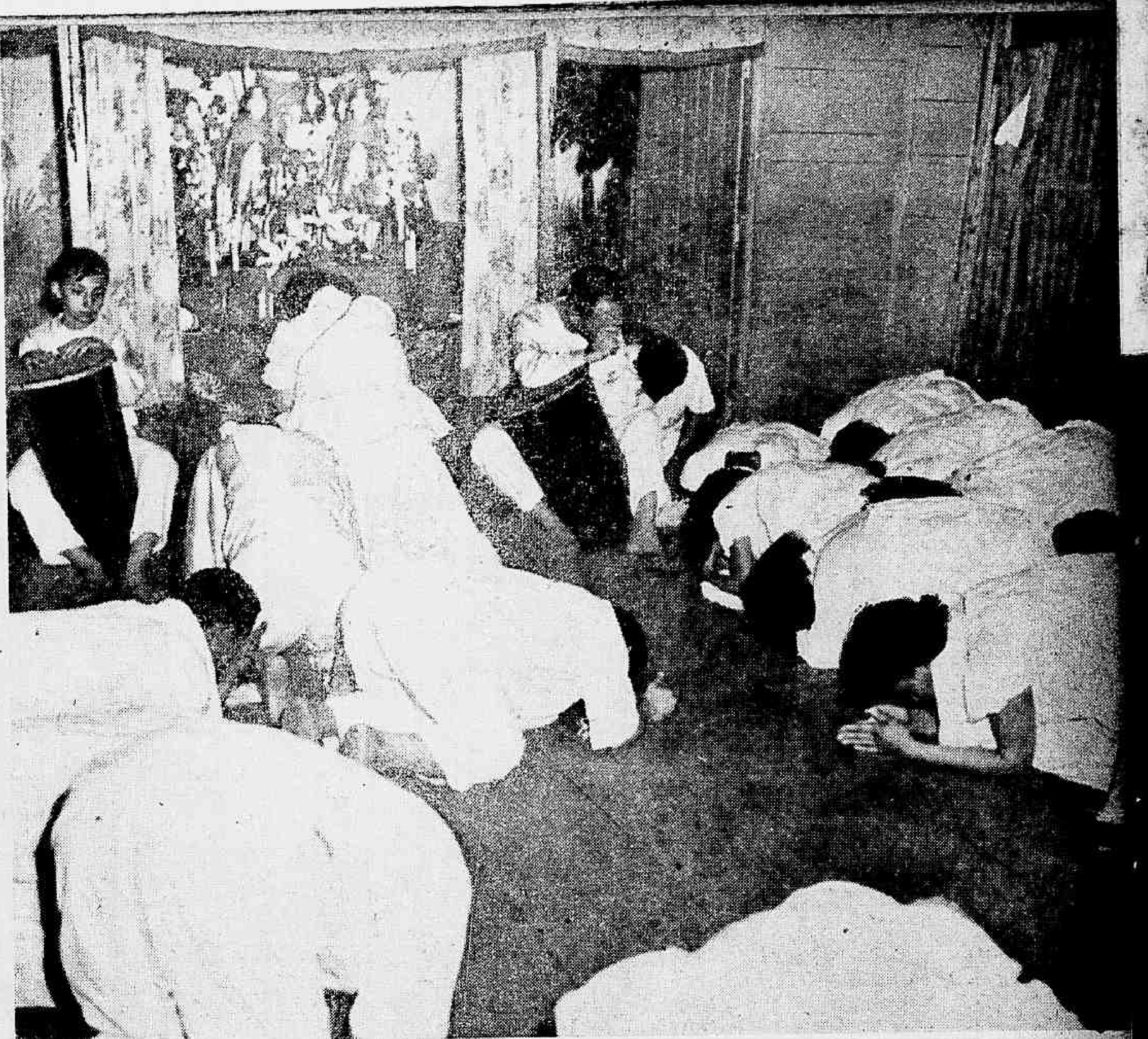
— A respeito da teogonia — Prossegue Tia Lúcia — devo explicar que a Umbanda considera:

E' SEMPRE ASSIM. Os homens pouco aparecem. Ficam sempre de sosláio, «pescando em águas turvas». No terreiro as «mediuns», em atitude de obediência aos seus orixás. Separada pela grade está a assistência, em sua maioria femininã









AS ATITUDES de humildade por vezes se repetem. Tudo pára nesse momento. Silncio absoluto. E' a hora da préce. Junto ao altar está a Babá. E' ela quem entoa a préce. Os demais fazem côro. Tudo muito impressionante e excentrico.

— Os grandes deuses, isto é, os **Orixás Maiores**, constituindo a suprema côrte das altas divindades, que nunca baixam à terra, a não ser por intermédio de legiões de subalternos, que são os **Orixás Menores**.

Os **Espíritos de Luz** ou **Fôrça da Nantureza** ou inda **Elementares**, que não são homens porque vôam como espíritos, e não são espíritos porque comem e bebem como homens.

Os **Espíritos Desencarnados** ou Exús. São os criados dos Orixás, os intermediários entre os Orixás e os homens; uns grandes interesseiros que prestam serviços em recebendo as coisas de que gostam: — o azeite de dendê, a cachaça, a água, o fumo, o sangue de bode ou de galo. Também existem para castigar os pecadores; pois de tal mistér não se encarregariam os Orixás, que só sabem fazer o bem.

Com referência à hierarquia sacerdotal, o **Pai de Santo** tem ainda os nomes de Babalaô, Babaloxá, Balorixá, Chefe de Terreiro, Chefe de Rebanho, Principe de Umbanda, Magno de Olorum, Embanda ou Pegi-Gan.

Com relação ao catolicismo, o Terreiro — é a **Igreja**, e o Pai Santo — O padre. Em muitos terreiros quem pontifica é a Mãe de Santo ou **Babá**.

Os **Ogans**, membros masculinos, que ajudam o pai do santo ou a babá no ritual, especialmente na invocação da presença dos Orixás e atuam como intermediários junto às autoridades públicas, e contribuem para as despesas do culto.

As **Jibonans ou Pequenas Mães** que ajudam as dansarinas em suas obrigações rituais e fazem as **oferendas ou despachos** aos espíritos diabólicos das coisas que êles gostam.

Os **Cambonos ou Cambones** ou ainda **Cambondos**, que funcionam como acólitos do pai do santo.

Os **Irmãos**, que são os filhos e as filhas de santo. Todos

(Cont. na pág. 50)

A MÃE DE SANTO ou Babá, em transe executa passos exóticos. Em dado momento, toma outra «medium» no ombro e rodopia no terreiro. As otras filhas de santa entoam cânticos afro-brasileiros. E' deveras um espetáculo atraente.



ÊLE ERA TRISTE POR DENTRO...

AFONSO Celso de Oliveira é o primeiro aluno do Curso de Literatura, Estilística e Português, sob a direção de Renato de Alencar, a ser distinguido com a inclusão de um conto-aula, na secção de contos desta Revista, conforme o programa do Curso em combinação com a RÉVISTA DA SEMANA. O autor, classificado como de vocação literária para o humorismo e a ironia, se prosseguir no cultivo da Literatura como Arte, será em futuro próximo, um «conteur» digno de nota, pela vivacidade da narrativa e graça espontânea de suas composições literárias.

POBRE diabo era o Acácio Caiado. Dia a dia, como aranha que perdesse algum "parafuso", ia-se enleando na própria teia. E já não lhe sobrava um minuto dos 365 dias, mais a sobrazinha para o esporádico 29 de fevereiro. Nada! A lufa-lufa era amarga. Quando escapava de um trabalho, entrava feito em outro, e assim corria o dia todo. E até a família entrava no mesmo torvelinho. Não havia escapatória para ninguém. As duas filhinhas, uma de quatro e a outra de cinco anos, seguiam o ritmo comum da casa. Corriam para o jardim da infância, para ensaios de teatro e bailado, rabiscavam garatujas e já tinham escolhido os instrumentos que iriam tocar, e até as profissões que abraçariam mais tarde. A mulher, — e ai do Caiado se não a tivesse! — auxiliava em tudo. E ainda lhe sobrava tempo para costurar, bancar enfermeira, aprender música, daninhar com pincéis, e, não raro, o Acácio ia achá-la empoleirada em uma escada, fazendo instalações elétricas, que êle deixara para depois, e... Outras vêzes o marido ouvia, lá de longe, o ronco do motor da serra (o Acácio era marceneiro nas horas vagas), e sabia que estava saindo das mãos da mulherzinha, um cabide novo para o guarda-roupa ou uma banqueta que depois de pronta e coberta de chitão vistoso, ninguém diria que por baixo estava um caixão velho com quatro pernas de sarrafos. — E você leitor, quer saber quanta coisa o Caiado já fêz neste mundo? "Deu murro" na enxada, fêz curso profissional, arranhou em rádio-técnica, foi ferroviário, empregado de balcão, bicheiro de rua... Também numa passagem de ano, ao bimbalhar dos sinos e apitar das fábricas, se o seguíssemos, poderíamos vê-lo picando o braço de uma gorducha, a qual, como se não bastasse a aflitiva sobra de banha, ainda era asmática em alto grau, só tendo alívio com injeções. — Mas, eis a última dêle: Queria ser contista. Não "contista", êmulo... ou fâmulo do amigo Comte. E quem quiser, escolha o têrmo certo (sempre confundo "êmulo com fâmulo"). Querendo ficar com ambos, também podem. A sua mania agora era escrever contos, com tempo ou sem êle. E fazia cada uma! Vivia carregando um caderno amarrotado, fôsse aonde fôsse. Havia muito andava procurando fazer tempo para isso. Mas o estouro veio assim. Foi êle encomendar madeira em uma serraria. O proprietário, rico e sabido, ao inteirar-se do nome do Acácio Caiado, perguntou-lhe de sopetão: — "Mas, não é o senhor o autor do livro"... — e citou uma obra famosa. Vocês naturalmente notaram que o nome do Acácio é célebre. Pois foi a conta. O homem pisou num calo doído, da "cachichola" do nosso amigo. E daí, para entrar em ação foi um pulo. Êsse negócio de pôr nome importante na gente dá sempre nisso. Calcule se lhe dessem o nome de Cristóvão Colombo, onde iria o Caiado arranjar continente de sobra para descobrir? — Outro dia êle estava no balcão, — já contei que o amigo é negociante em muito... pequena escala? — Como dizia eu, estava êle lá, porém, escrevendo. E o Acácio empolgou-se pelo que estava fazendo. Não via nada em derredor. No momento estava a escrever uma cena de amor e bancando personagem do que escrevia. Já estava com o braço enlaçando a "mocinha"! Ia beijá-la, mas quase caiu de susto quando alguém falou: — "Me" dá cem gramas de mortadela?"

Como o negócio não dava para cobrir a despesa da casa, o Caiado tinha de recorrer aos "bicos". Trabalhava como auxiliar de um estabelecimento de outro ramo, em frente ao seu. Lá estava êle, numa banqueta alta, atrás de um guichê. Também entre um e outro freguês, o bendito caderno entrava na dança. E, ei-lo nas pegadas de Dante. Escrevia sôbre os infernos. Mas de dentro, não de cima. Estava apavorado! Havia em um canto um dragão terrível, ameaçador. E mesmo com o braseiro infernal, êle ficou frio, gelado de mêdo! Tão trânsido que não viu fora do balcão uma velhinha, tôda vincada pela erosão dos janeiros. Erosão... que grande mal! Pobre terra pátria. Como tem sofrido com isso! Só porque o dito mal vem atacando há bastante tempo, também a cabeça de muita gente lá do alto... E com isto me esqueci do apuro por que estava passando o Acácio, com o monstro infernal. Mas a velha tinha pressa, e, impaciente, perguntou: "Dará jacaré hoje, moço?". O Caiado, que mal ouviu o nome do bicho, respondeu apavorado, sem ter ainda saído do reinado de Satã: "Não, não senhora, fuja! E' dragão!"

Pobre coitado... Mesmo que tentasse fazer blague, o destino é que o levava no arrastão. Dono de um corpo esquelético, e neurótico "por tradição", êle era triste por dentro...



E o meu amigo definhava a olhos vistos. Pouco a pouco ia ficando mais magro. Êle, que nunca tivera um tiquinho de banha em reserva! Carne, também jamais lhe apareceu sob a pelanca. Que é que estava acontecendo?! Que substância vital estaria êle perdendo? Enfim, depois de muito pensar, descobri. O Acácio não estava emagrecendo. Não! Estava desaparecendo, sumindo. Os ossos é que estavam na "desmilinguência". E por processo moderníssimo. O cérebro do pobre Caiado pedia ao corpo, mais e mais energia. De onde tirá-la? Aí é que está o segrêdo e tôda a tragédia. O "corpúsculo" do bom-amigo, bem mais inteligente do que a cabeça, transformou-se, à primeira ordem do órgão superior, em uma autêntica pilha-atômica, sem êsses aparatos infernais, semelhantes a mastodontes pre-históricos. Não! Com êle, nada disso! Era tão modesto... E que maravilha, se os nossos físicos nucleares conseguissem produzir aquêle fenômeno! Uma pilha-atômica simplesmente a frissionar-se a si mesma, a consumir-se e a desprender energia lentamente, como seria o ideal, o ultra-moderno! Eis a minha tétrica descoberta! Irremediàvelmente perderia um amigo... Os ossos e mais o que restava ainda, estavam a desgastar-se, a consumir-se lentamente, para dar ao crânio do Acácio a energia requerida. E tudo por que?! Só por causa da mania de querer, e, a muque, ser literato. E por cúmulo do azar, mandava os originais do que escrevia, a uma revista, cuja direção era um "espêto". Tôdas as vêzes que me encontrava com o Caiado, sempre êle tinha algo a me dizer: "Veja, olha a que ponto chega a exigência da editôra. Isto é êrro?" E explicava: "Só por causa desta palavrinha aqui, uma palavra comum, todo mundo a escreve... Sabe o que dizem dela? Que é galicismo!"

Eu concordava. Achava absurdo tudo aquilo. Mas, na verdade, — eu lá sabia o que era galicismo? E ali estava eu com mais uma encrenca para matutar. Minha vizinha, dona de um dêsses "anjinhos", sempre quando "explo-dia", berrava: "Que sarna gálica de menino!". Será que essas duas coisas são parentas? Não... eu desconfio que aquilo é nome grã-fino de algum negócio que dá em galinha de gente rica. — Outra vez, o Acácio me puxava pelo braço, e, excitado, dizia, mostrando a papelada em frangalhos: "Leia isto. Não está escrito aqui, "cha-lé-zi-nho"? Pois olhe o que diz aquela gente da revista: "Ora, sr. Caiado! O senhor fazer um êrro dêstes! Isto é uma crueldade! Fere os mais comezinhos preceitos de nossa querida língua. A acentuação aí é grave, assim (è), e não assim (é), aguda! Melhore, melhore isso, sr. Acácio."

Depois saiu resmungando consigo mesmo. Até perdê-lo de vista, eu ia adivinhando o fim próximo, inevitável, do meu amigo. Pois o seu andar já apresentava qualquer coisa de vôo, de levitação. A terra, com tôda a fôrça da gravidade, não influía muito naquilo que restava do bom e quehido Acácio. Desde êsse dia não pude vê-lo mais na rua. Pobre amigo!... Lá estava êle deitado, bem mal. Com voz fraca, gemente, chamou a fiel companheira: "Na mesinha está o último conto que escrevi. Ponha-o no envelope. Já está subscrito; é só pô-lo no correio. Nem adiantava mandar; mas...". Agora, o único motivo que ainda prendia o Acácio aqui na terra, não era outro senão a resposta do que escrevera. Todos os dias à hora da passagem do carteiro, lhe voltava a lucidez, para depois cair em modôrra e sonolência. Assim foi indo... até certo dia, que a batida característica e conhecida do carteiro deu-lhe grande sobressalto. A espôsa veio mostrar-lhe a carta, dizendo: Olha, Acácio! Por que será que desta vez mandaram-na registrada? Novo estremeção percorreu o corpo do nosso amigo. E a mulherzinha, mais curiosa do que animada, rasgou o envelope e... aos primeiros sons que lhe saíram dos lábios, qual mola que se soltasse, o Caiado saltara da cama e já estava lendo em voz alto: "Desta vez sim, sr. Acácio Caiado! Isto é maravilhoso! E que idéia genial para aquêle fim imprevisto. O senhor ligou o seu nome ao conto só para dar motivo ao engano do epitáfio, não é? Muito original! ótimo! Mas, como V. S. não denominou êste conto, e, sendo nossa intenção publicá-lo na próxima edição, escolhemos êste título: "Êle era triste por dentro...". Basta confirmar pelo telégrafo. O agora escritor triunfante, notando haver alguma coisa errada em tudo, correu até à mesa de trabalho: Estava confirmado o que pensara. Ali estava a última composição. Nem mesmo fôra destacada do bloco. A espôsa, em lugar do conto, pusera no envelope as suas memórias, — confissões de uma vida de fracassos, escritas ao pressentir a morte roçar-lhe, em calafrios, pela espinha-dorsal. Depois de relutância, porque o Caiado era honesto em extremo, resolveu explicar o sucedido à mulher: "Mas que homem! Quem foi o autor daquilo, não foi você?". E o telegrama foi expedido: "Confirmado".

Dava gôsto ver o Acácio! Estava roliçinho e ganhando mais e mais pêso. E só eu sabia como. O corpo, à nova ordem do cérebro, transformou-se em verdadeiro captador da energia ambiente. (Isso pôe debaixo do braço qualquer pilha-atômica). E você, leitor, pensa que eu iria deixá-lo morrer, depois do trabalho que me deu? Nada disso! Ainda esta: Eu jamais apreciei êsses romances e fitas de cinema, nos quais o herói morre no fim.

De vez em quando, ainda me encontro com o Caiado. E, um dia dêstes êle me segredou: "Puxa! Aquêle negócio de êrro no epitáfio, era engano mesmo! Depois de contar tôda a minha história, a vida de um naufragado, pisado pela sorte e levado aos trambolhões pelo destino, quis ser humilde ao apagar-me. Nada bombástico na morte para quem viveu de fracassos... Em minha sepultura só isto: "Aqui jaz o Acácio Caiado". Por descuido, enguli um "a" do meu próprio nome... Minha pobre viúva cumpriria religiosamente a última vontade do seu defunto... Meu nome passaria a ser o símbolo do azar, para minha eterna humilhação! E êste mortal, aguentaria sôbre si, além dos sete palmos de terra e da laje pesada p'ra burro, ainda mais isto: "Aqui jaz o Acácio "Caido"...

E cá entre nós, amigo leitor: Quem ia "dando os pregos", no fim de tudo isto era êste... (pode dizer o que pensou). Só para transformar o Caiado em pilha-atômica e depois nesse hipotético captor de energia cósmica, você pensa que foi brincadeira?!

Novela de AFONSO CELSO DE OLIVEIRA

nicodemus PEDE

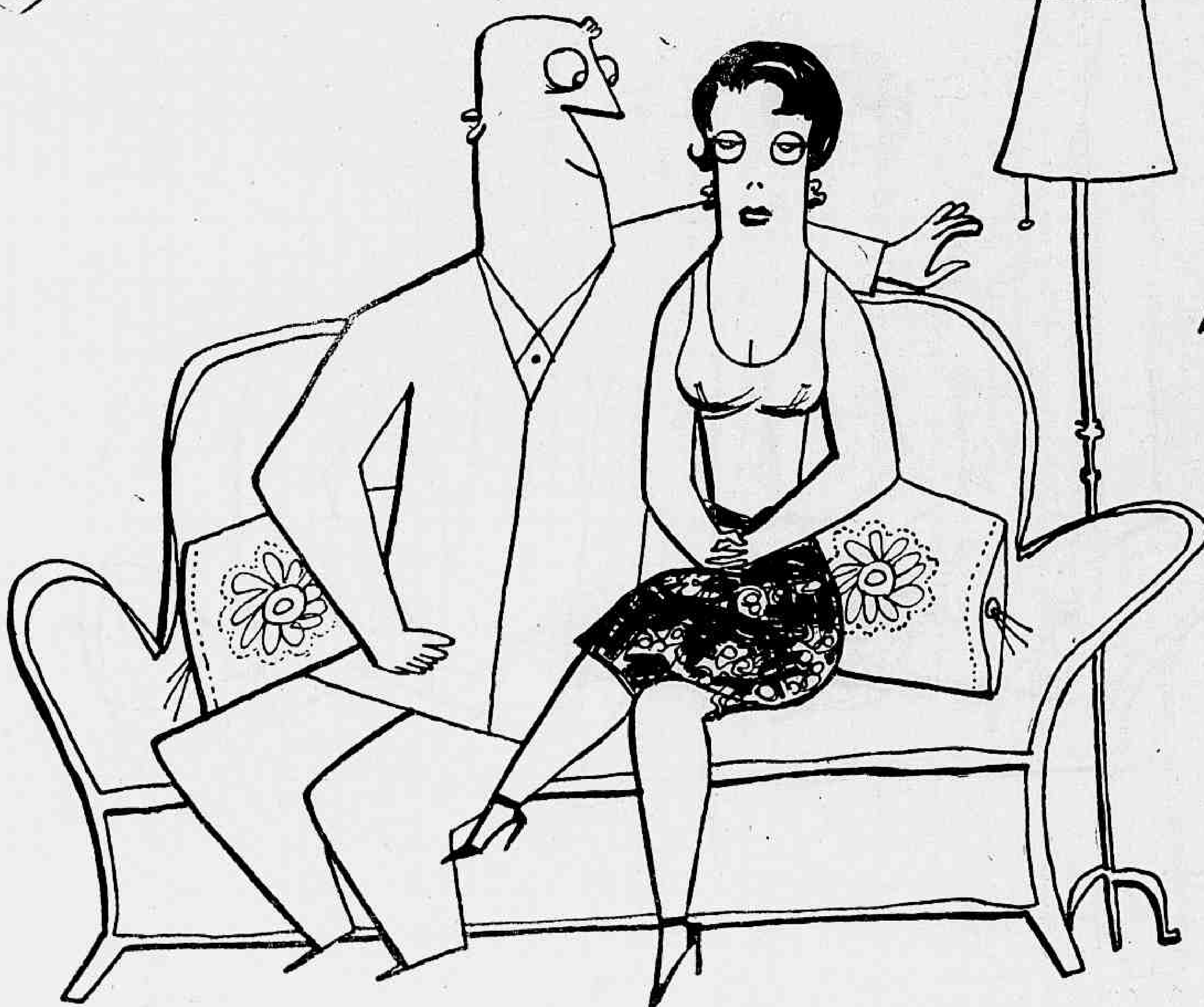
POR FAVÔR!

NÃO ME IMPORTO
QUE TU LEVES UMA HORA
OU MAIS
MUDANDO DE VESTIDO E TE ARRUMANDO ...



NÃO ME IMPORTO
QUE DEMORES
CORRIGINDO O PENTEADO
E PINTANDO ESSA BOQUINHA DE LILÁS ...

... MAS
AGORA
POR
FAVÔR
SRA:
QUE
EU
APAGUE
ÊSSE
ABAT-JOUR
...



A VIDA DE SARA BERNHARDT

1844 — 1923

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre)

A vida de Sarah Bernhardt foi o maior drama que ela representou. As Parcas de mentalidade mórbida que estavam sentadas no camarote na noite em que ela estreou na vida não podiam ter achado uma peça mais do seu gôsto. Sarah era filha de uma judia solteira, uma jovem chapeleira de Paris que cantava num café como um passarinho meio enregelado, e que foi vitima dos afagos de soldados sem vintém. Repudiada por seu pai ainda pequena, viu-se lançada à rua como um estôrvo e condenada a viver da sua astúcia e coragem. Era como se algum anjo, ocupado nos negócios do céu, tivesse esquecido de chamar a atenção de Deus para ela. Mas assim mesmo Deus d'alguma forma lhe tinha dado atenção. Apesar da sua triste aparência, Julie tinha formosos cabelos dourados, cada madeixa encaracolada pelos dedos divinos, e olhos em que o Criador deixara a marca do Seu fulgor.

No Bairro Latino estranhas alianças de amor são feitas, mas poucas delas possuem o poder de produzir gênios. Entretanto, Julie travou relações com um impetuoso estudante de direito, um provinciano aventureiro e apaixonado. Nesse lugar onde os estudantes e suas companheiras uniam as vidas por um breve instante e depois se separavam, Julie e seu amante montaram casa por algum tempo e afinal se foram, um para cada lado: êle para a provincia, exercer a advocacia, ela para os ricos bairros de Paris, exercer o amor. Mas êsses boêmios notivagos deixaram atrás de si um monumento de gênio como marco perpétuo da sua imprudência. Pois que em outubro de 1844 Sarah nasceu.

II

Julie von Hard ascendeu de uma loja de chapéus aos mais distintos salões da França. Usava uma pérola para cada lágrima de amor profissional que derramava. Sua linda cabeça permaneceu em todo caso inalterável com os afazeres e os deveres da maternidade. Colocou a filha numa fazenda da Bretanha, aos cuidados duma ama, e em breve a abandonou completamente. A ama casou a seu tempo com o porteiro de uma casa de cômodos da zona pobre de Paris, e levou consigo a criança para morar na sua nova casa, um simples quarto abafado, escuro e mal-cheiroso. Colocava Sarah na tina de lavar, junto com as meias sujas e a roupa de baixo do marido, e esfregava tudo ao mesmo tempo. Quando a menina se tornou crescida, recebeu a tarefa de lavar todos os soalhos do edificio para conseguir uma educação. Brincava nos becos sujos e fétidos da vizinhança. Sua linguagem infantil foi apimentada pelas obscenidades do ambiente baixo em que vivia. Era pálida, franzina, anêmica. Aos cinco anos estava perigosamente às portas da tuberculose. Uma pobre criança abandonada, longe do pai e da mãe. A ama escrevera muitas cartas à mãe de Sarah, mas não obtivera nem uma única resposta. As remessas de dinheiro para a menina tinham cessado. Mas uma tarde a irmã de Julie, que como ela alcançara sucesso nos seus negócios de amor, apareceu numa casa dos arredores, em serviço "profissional". Sarah, que já vira sua tia em várias ocasiões semelhantes, estava brincando na sarjeta quando a carruagem chegou. Ao descer da carruagem, a senhora espalhafatosamente vestida voltou-se ao som de uma vozinha aguda:

— Tante Rosine! Tante Rosine!

E uma meninazinha se arremessou comovida para ela, com duas grandes lágrimas diamantinas nos olhos.

A senhora afastou-se, com certo malestar. Mas a vozinha aguda a perseguiu:

— Me leve com a senhora, tia Rosine! Estas paredes me sufocam... tudo é parede aqui. Me leve, tia Rosine! Quero ver o céu e as flores, de novo!...

Uma multidão de gente acorrera ao clamor de Sarah. E tia Rosine, para evitar mais aborrecimentos, carregou pressurosa a menina portas a dentro e pediu explicações à ama. E todo o tempo a pequena a exclamar, agitada pelos soluços:

— Me leve embora! Me leve com a senhora! Aqui eu morro!

Era o desespêro de uma alminha afetiva lutando por sua vida. Mas, que podia fazer tia Rosine? Claro que era inconcebivel por parte dela levar aquela criança macilenta e doentia dos cortiços para os seus aposentos e os seus amôres. Por isso tentou se desembaraçar dela.

— Eu volto amanhã e te levo para casa.

Mas Sarah percebeu que tia Rosine não voltaria no dia seguinte. Devagarinho ela foi para a janela e viu quando sua tia subiu na carruagem e afetadamente disfarçou uma lágrima com seu lenço de renda. Mal a carruagem partiu, Sarah lançou-se pela janela e foi cair no calçamento. Caiu a poucos passos do carro.

Com o corpo quebrado foi levada para a casa de sua mãe.

III

Como consequência da queda, Sarah permaneceu inválida na casa da mãe durante dois anos. Mal era capaz de descer da cama. Mas gradualmente foi se tornando mais forte. Chegou aos sete anos sem saber ler nem escrever. Sua mãe resolveu mandá-



SARAH BERNHARDT

la para um internato. Era um bom meio de se desvencilhar dela outra vez.

Quando Sarah viu-se defronte à diretora da escola, ficou envergonhada demais para dizer alguma coisa.

— Uma criança bem tôla, como está vendo — informou tia Rosine à diretora.

— Não sei de quem ela tirou êsse miolo mole — acrescentou a mãe com um suspiro.

— De *mim* é que não foi, isso eu garanto.

Mas uma professôra da escola disse afàvelmente:

— Ela tem seus olhos, madame. Tão inteligentes!

A tia e a mãe de Sarah beijaram-na em seguida desdenhosamente e se foram. Julie ia ter outro nenê.

Que fazer com aquela criaturinha desnorteada? Apenas fôra matriculada no colégio, e já Julie era informada de que Sarah tinha acessos de mau-gênio a ponto de ficar febril durante dias. No meio dos seus afagos Julie manifestou seu desagrado ao último amante. Tirou Sarah da escola e a internou num convento. Ali ela não *se atreveria* a comportar-se mal.

Durante dois anos tudo pareceu bem. Mas um dia Julie disse ao amante:

— A menina está sempre a braços com uma paixão, Monsieur le duc. Se não é uma paixão para o mal, é para o bem. Tornou-se fanàticamente religiosa desde que foi batizada na Igreja Católica. Ela quer ser freira.

O Duque de Morny e as demais pessoas do circulo de relações de Julie riram a bandeiras despregadas. Sarah realmente não podia ser uma freira. Antes de completar os quinze anos foi três vêzes suspensa do convento por seu mau comportamento. Uma vêz desmaiou durante uma cerimônia na escola e se fingiu de morta até que a Madre Superiora se achasse ao lado dela, ansiosa. Então abriu os olhos. Fôra tudo uma brincadeira. Criança danada! Aproveitava todos os momentos de folga lendo livros proibidos e comendo caramelos que o porteiro lhe passava por contrabando. Uma noite desceu com seis outras raparigas pela janela do dormitório para o muro do convento, servindo-se de uma escada trançada com lençóis. Na manhã seguinte foram descobertas a lançar pedras nos cavalos da guarda do rei. Já haviam aprendido a esperar dela o inesperado. Pegaram-na namorando um jovem dragão que agitara seu penacho por cima do muro. E quando as freiras tentaram detê-la, ela trepou no muro vestida com a camisola de dormir, e se escondeu na gélida escuridão até quase morrer de frio. Era só o que faltava. Quando ela se recobrou da sua febre, teve ordens de deixar o convento para sempre.

Que fazer com aquela selvagem doidivanas de quinze anos? "Ela é magra, mal-feita de corpo, tem uma cabeleira basta, e sofre de uma tosse violenta que a sacode tôda em acessos. Tem vincos escuros debaixo dos olhos, o que demonstra não ter sido a anemia dela dominada". Ah! mas essa anemia, essa transparência de uma tez sem sangue não é o seu encanto peculiar? "Sua palidez lhe dá à face uma extraordinária beleza, que é reforçada pela extraordinária expressão de seus olhos quando fala. Seu semblante reflete cada mudança de estado de espirito, e seus estados de espirito são muitos".

Muitos estados de espirito, mas nem um único plano para o futuro. Gosta de pintar, tem mesmo certo talento para isso. *Isso*, porém, não é carreira para uma jovem. Seu pai, agora um procurador afortunado, destinou-lhe uma quantia em dinheiro para ela receber quando tiver vinte-e-um anos, contanto que se case. Mas Sarah não quer se casar. Um pretendente pede-lhe a mão, e ela diz não. Outro propõe-lhe casamento, e ela lhe esvazia em cima uma taça de champãnha. Um visconde lhe oferece suas terras e seu titulo, e ela lhe dá um tabefe na cara.

Realiza-se um conselho de familia. Chega-se a uma decisão, que é levada ao conhecimento de Sarah.

— Minha filha — diz o Duque de Morny — não sabemos mais o que fazer. Vamos te mandar para a Escola Dramática. Quem sabe se não te encaminhas no teatro?

O rosto de Sarah fica branco de raiva.

— Não quero ser atriz! — exclama ela.

— Vejam só, ela não quer ser atriz — caçoa a mãe. — Como se interessasse o que *ela* quer... Escuta, Sarah, não gastarei nem mais um vintém contigo depois que fizeres vinte-e-um anos!

O Duque de Morny procura apaziguar Sarah.

— Minha filha — diz êle paternalmente — tua mãe e eu te levaremos a uma representação na Comédie Française esta noite, e verás por ti mesma se não é de fato uma bela profissão a que escolhemos para ti.

Sarah, com o olhar carregado de desconfiança, foi levada a um camarote para presenciar o primeiro espetáculo que lhe era dado assistir.

— Não foi tão ruim, afinal de contas.

Então, sua familia a cumulou de livros sôbre a arte de representar, e de peças de Corneille, Racine e Molière, para ler e estudar nos seus preparativos para ingressar na Escola. Ela tinha apenas nove semanas para se preparar; e êsse curso demora comumente dezoito meses. No fim dos seus estudos foi apresentada a monsieur Auber, presidente da Escola, que a aconselhou a nunca ficar pesadona, a abrir os *oo* e vibrar bem os *rr*, e a ter por objetivo uma vida que fôsse ao mesmo tempo séria e feliz. Enfim, depois de muito ensaiar e decorar, depois de correções e incitações, o grande dia do exame chegou. Quando ela rumou para a Escola, sua mãe a contemplou com esta despedida:

— És muito estúpida para sêres mais que uma atriz, mas isso te livrará da miséria.

Diversas jovens antes dela tinham acabado representando as cenas que haviam escolhido para o exame. O nome de Sarah é chamado. Ela sobe o estrado, mortalmente livida, e faz uma reverência.

— Vou recitar o poema dos dois pombos.

— Venha cá, mademoiselle — resmunga àsperamente um dos examinadores; — não preparou as linhas de uma peça? Aqui não se recitam fábulas, aqui se representa.

Afinal ela se sente em casa. Foi contrariada.

— *Vou recitar a fábula dos dois pombos* — exclama, enquanto seus olhos despedem fogo.

Os examinadores reconheceram nela então o verdadeiro temperamento de uma atriz.

(Cont. na pág. ...)

PRINCESA DESALENTO

«Minhalma é a Princesa Desalento,
Como um Poeta lhe chamou um dia
E' magoada e pálida e sombria,
Como soluços trágicos do vento!

E' frágil como o sonho dum momento;
Soturna como préces de agonia,
Vive do riso duma boca fria:
Minhalma é a Princesa Desalento...

Nas horas da noite ela vagueia...
E ao luar suavíssimo, que anseia,
Põe-se a falar de tanta coisa morta!

O luar ouve a minhalma, ajoelhado,
E vai traçar, fantástico e gelado,
A sombra duma cruz à tua porta...»

....

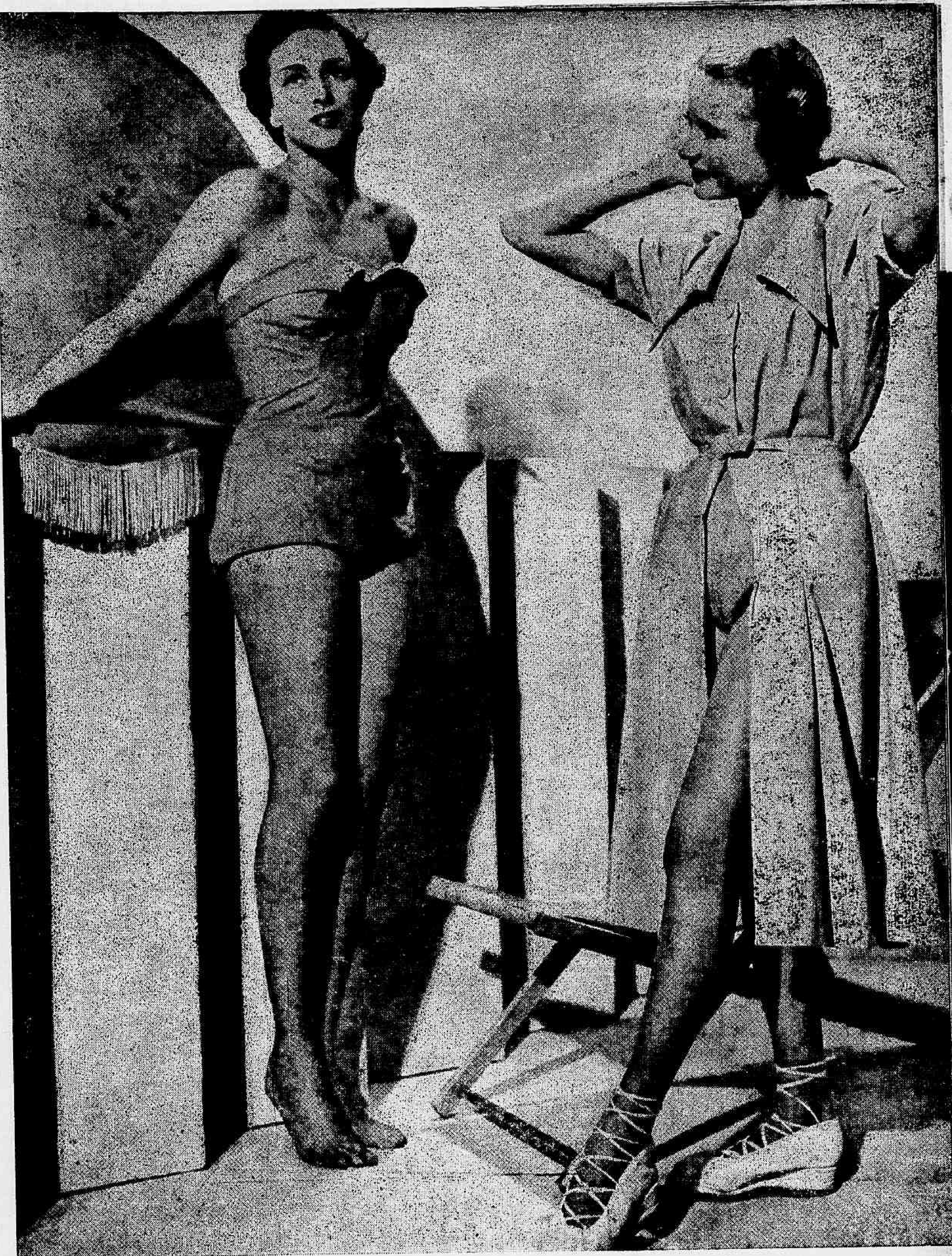
De quem são esses versos tão tristes — tão profundamente tristes? São versos de Florbela Espanca, a grande poetisa portuguêsa contemporânea, que a morte levou na flôr da idade e que nos deixou um punhado de versos imortais, nos seus quatro livros de beleza e de dôr :«Livro de Mágoas», «Livro de Soror Saudade», «Charneca em Flôr» e «Reliquiae». De certa forma, podemos dizer que Florbela — irmã de raça e de sofrimento do grande Antônio Nobre — é uma desconhecida no Brasil. À sua volta, mesmo, em sua terra — se tramou uma conspiração de silêncio que retardou sua popularidade. Essa inútil cortina de fumaça acabou passando. Hoje, o seu nome — o nome de um grande poeta — é motivo de veneração e carinho por parte de quantos lêem os seus versos, agora editados nas sucessivas edições dos «Sonetos Completos», enriquecidos com um prefácio de José Régio.

....

Pode-se negar a Florbela Espanca maior originalidade de forma. Ela preferiu o soneto e foi no molde clássico dos quatorze versos que ela vazou o ouro de sua inspiração. Entretanto, ela preferiu ser fiél a si mesma. Sua arte, arte culta e requintada, repudiou toda e qualquer bastardia. Assim, em vez dos artifícios de forma dos modernistas, ela, que nasceu para a arte e para a beleza, elegeu a forma imperecível de seus maiores, o soneto, em que versejou o gênio dos Lusíadas, em que Elizabeth Barret nos fez o legado de seu gênio.

E teve razão, a dolorosa inspirada — a doce e triste «Maria das Quimeras». O tempo, fazendo voltar a poesia às suas harmonias supremas, levando de novo o estro à ordem e à clareza — mostra-nos novamente que é o soneto a forma mais alta da poesia e aquela a que só poderão alçar-se os verdadeiros inspirados.

LYSE







NA PRAIA

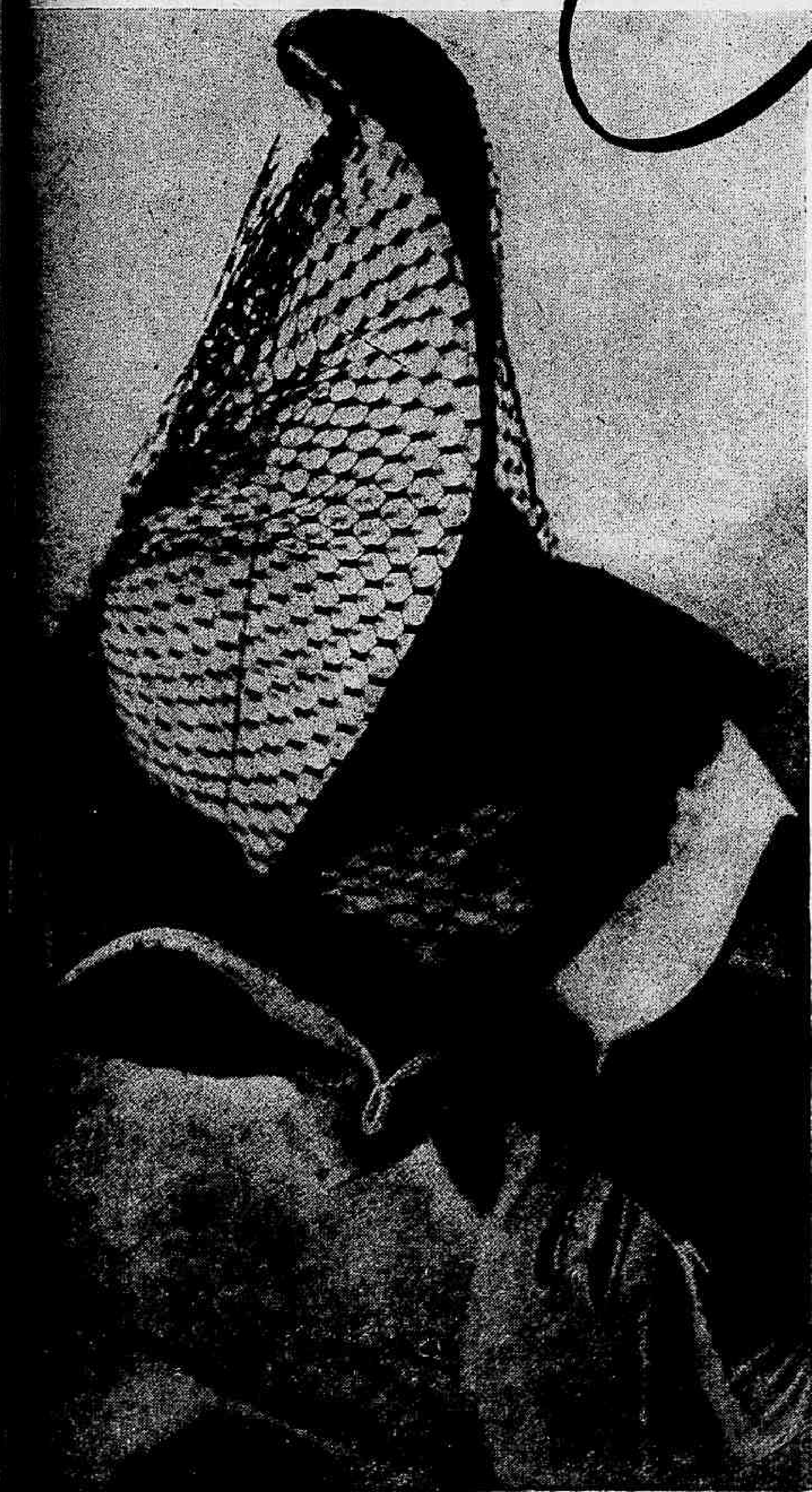
APRESENTAMOS algumas sugestões modernas para praia, que por certo serão de utilidade. Conjunto de três peças. Calças três quartos e «soutien» em fazenda listrada e casaco três quartos em tecido liso com gola também em fazenda de listras. Simone Gange, para preservar dos raios do sol, sugere êste chapéu em palha multicôr. «Maillot» de duas peças, estilo chinês, em tecido de estampado grande. «Maillot» sem alças em nylon e vestido aberto para ser usado por cima da roupa de banho.





NA primavera aparecem os chapéus de palha, mas, usam-se também cópas de feltro e outros tecidos. Aqui temos modêlo de grande aba, inteiramente em plumas de cores variadas, formando desenhos. Para vestidos esporte, modêlo de grande aba, enfeitado com fita de gorgurão. Uma fita de tafetá quadriculado, constitui o adorno dêste chapéu em palha aberta. Modêlo em feltro com aba levantada, grande véu caindo pelo rosto.

Cópas MODERNAS









Todas AS HORAS

PARA as diversas horas do dia, manhã, tarde e noite, nesta página apresentamos uma sugestiva e variada coleção de modelos; em cima modêlo em algodão estampado, para a noite, modêlo em tafetá e seda, para a tarde «tailleurs» para passeio, e finalmente, alguns modelos à direita próprios para jovens.





A moda em vestidos de baile varia muito. Usam-se modelos curtos ou compridos, com saias justas ou amplas. Apresentamos as mais recentes criações de figurinistas franceses. Em renda, modêlo com ampla saia e corpo com decote redondo, baixo. Vestido juvenil, inteiramente franzido, no corpo duas grandes flores, subindo para os ombros. Modêlo em gaze. O corpo é formado por tiras de três tons diferentes cruzando-se. Saia godé em faile e corpo de veludo enfeitado com margaridas aplicadas.

NOITES DE *Gala*









MODELOS *Exóticos*

CADA estação apresenta junto com novas criações modelos que se caracterizam por serem exóticos e pela originalidade com que se apresentam. Casaco am plo em fazenda clara com grandes punhos e gola. Vestido em tafetá de «pois». Saia com grande macho na frente e franzida dos lados, tendo em baixo duas tiras que dão um nó. Modêlo para noite. Corpo em seda com grande decotê e saia em organza branca, formada por babados plissados.

QUADRICULADOS



OS padiões quadriculados, em côres vivas, são muito usados na primavera, em tecidos de algodão ou sêda. Vestido em algodão, inteiramente abotoado, saia godé. Modêlo em organza, saia com bastante roda, gola e punhos em branco. Tafetá é o tecido dêste vestido com decote em V e saia com macho na frente e grandes bolsos. Modêlo em tafetá com os laços amarrados no pescoço, e a saia com ampla roda.







BLUSAS E CASACOS



PARA as toilettes de primavera, são muito usados conjuntos claros ou saias e blusas. Aqui estão algumas sugestões variadas: Vestido de alças, em fazenda escura, usado com um casaco em tecido claro. O casaco é transpassado e tem decote redondo, baixo; Vestido em fazenda listrada, com o peito pregueado e as mangas em fustão branco; Casaco godé branco, com gola e os punhos em fazenda escura; Casaco de mangas três quartos, em fazenda esponjosa.



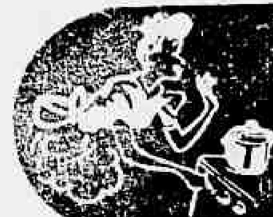


MODELOS VARIADOS



ESTÃO em grande moda os vestidos sem mangas, completamente cavados, sem qualquer espécie de tecido ou feitio. Aqui estão alguns modelos para tôdas as horas: 1 — Organza listrada é o tecido dêste modêlo, com grande laço e saia preguеada. 2 — Modêlo de duas peças, saia godé e colete bem fechado, sem mangas. 3 — Encantador vestido com o corpo pregueado e a saia com grande macho e pregas até à altura das cadeiras. 4 — Dois modelos esporte, para tarde, em organza. 5 — Saia franzida e blusa branca com decote redondo, enfeitada com fazenda escura.





WEEK-END

BADEJETES EM PAPELOTES

Tome 12 badejetes ou robaletes, limpe, prepare, e ponha no sal. Depois enxugue com um pano, e asse na grelha, ou passe em farinha de trigo, e frite em pouca gordura. Tome pedaços iguais de papel vegetal untados de manteiga, coloque 1 peixe frito em cada um, cubra com o môlho, enrole as pontas do papel como papelotes e leve um pouco ao forno para entranhar bem o môlho. Sirva os peixes embrulhados, o resto do môlho na molheira e as variedades ao mesmo tempo.

SOPA DE BETERRABAS

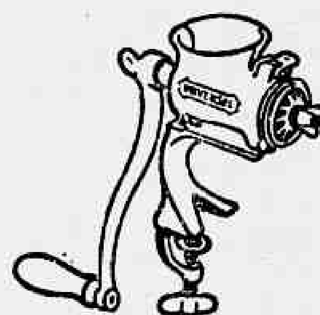
Cozinhe 3 beterrabas grandes com cascas, depois descasque, passe pela peneira, junte ½ colher de açúcar, ½ colher de manteiga. Faça 2½ litros de caldo claro e engrosse com 2 colheres de fubá de arroz. Quase na hora de servir leve a ferver, junte as beterrabas e sirva. Pode juntar môlho inglês.

SIRICAIA

Tome ½ garrafa de leite, 335 gr de açúcar, 12 gemas, 2 colheres de manteiga e baunilha. Bata as gemas com o açúcar, com colher de pau. Depois junte o leite com a baunilha; misture e deixe descansar uns 20 minutos, para então adicionar a manteiga. Leve a cozinhar em fôrma untada, em banho-maria.

BÔLO DE ANIVERSÁRIO

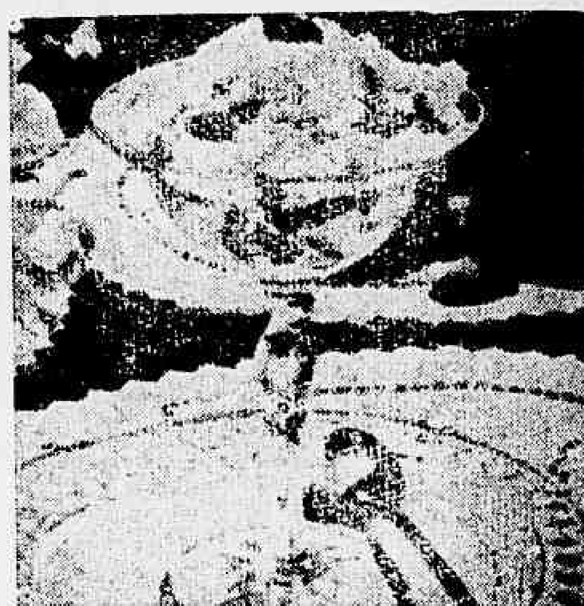
Mande fazer em qualquer loja de ferragens um jôgo de 6 fôrmas, tôdas de 4 cm de altura, tendo de diâmetro, 30, 27, 24, 21, 18 e 15 centímetros. Faça duas porções de bôlo Dondon (receita abaixo), divida em três partes, deixe uma simples, na outra junte 2 colheres de chocolate e a terceira tinja de côr-de-rosa. Faça bôlo Tricolor (receita abaixo) e aumente o doce de amêndoas com mais 1 xícara de açúcar, 2 gemas e punhado de nozes picadas. Arme o bôlo numa bandeja forrada com papel rendado, principiando pelo maior e unindo todos com o doce de amêndoas. Bata 1 suspiro firme com 6 claras e 12 colheres de açúcar peneirada. Cubra todo o bôlo com uma camada fina de suspiro, alizando bem com uma faca. Deite o resto do suspiro no saco com



a ponta canelada e fina. Faça primeiro um cordão bem canelado ao redor de cada bôlo, depois em espaços separados, forme flores, guirlandas ou arabescos. Ponha no centro do bôlo um ninho de açúcar com pintinhos, deite o suspiro ao redor, e espalhe pelo bôlo mais 18 pintinhos no ôvo, presos no suspiro. Pode variar os enfeites à vontade, colorindo o suspiro de diversas côres, salpicando enfêites de confeitos missangas, enfiando bandeirinhas, etc. Fica muito interessante fazendo arabescos de confeitos prateados e aplicando 25 pombinhas pelas bordas, isoladas ou em grupos de 2 e 3, sem simetria, ao natural. Também pode empregar risinhas de açúcar ou formadas com metade de amêndoas sôbrepostas, colocadas com simetria. Êsses enfeites de açúcar são encontrados nas boas confeitarias. Leve o bôlo enfeitado ao forno quase frio para assar o suspiro sem escurecer.

GALINHA COM ARROZ

Asse uma galinha de panela e deixe ficar bem macia, porém, clara. Depois, tire todos os ossos e peles, parta a carne em lascas e guarde dentro do 'próprio môlho (pode juntar a carne do frango da sopa de palmitos). Tome ½ quilo de arroz agulha, lave em três águas



e deite a escorrer numa peneira, depois leve a fritar em 2 colheres de banha. Tome os ossos da galinha, junte tomates, água a ferver, côe e deite sôbre o arroz. Tempere de sal, deixe ferver a retire para fogo brando em panela sem tampa. Se o arroz ficar duro, é bastante cobrir com um môlho, sendo a de arroz para terminar. Na hora de servir, salpique todo com pedacinhos de manteiga e leve ao forno, apenas para esquentar.

SOPA DE PALMITOS

Leve 1 frango ou 1 galinha a tostar ligeiramente na manteiga, junte uma cebola , a parte branca de 1 alho porró, uns 2 litros de água e leve a cozinhar em fogo brando, por algumas horas. Depois côe tudo por um guardanapo, junte 1 garrafa de leite e maizena até engrossar. Acrescente 3 gemas, uma colher de manteiga, palmitos cozidos e partidos em pedaços. Deve empregar uns 2, ou então comprar em lata. O melhor modo é cozinhar os palmitos em pedaços grandes, com água a ferver, sal e limão, e só depois de prontos partir e retirar as partes duras. Fica deliciosa juntando o leite de 1 côco, mas sem ferver.

BOLINHOS DE FARINHA DE MANDIOCA

Geralmente mal feito, êste prato é pouco comível, e apesar de ser tão comum, se os bolinhos ficarem fôfos e dourados, toma logo um aspecto apetitoso. Faça, pois, da seguinte maneira: Deite numa tigela, 2 xícaras de farinha de mandioca e molhe com água fria e sal. Deixe repousar durante 1 hora e se a massa ficar muito dura, bote mais água e espere que inche. Depois, enrole bolinhas do tamanho de avelãs e guarde para fritar na banha bem quente, quase na hora de servir. Devem ficar torradinhas por fora e fôfas por dentro, quase ôcas.

NA COZINHA

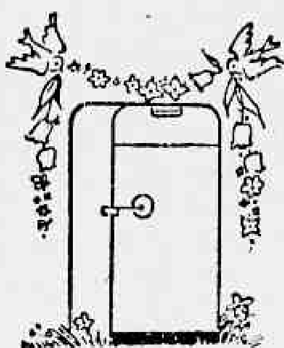
PESCADINHAS FRITAS

Tome 12 pescadinhas, limpe e deite a repousar em limão e sal. Depois enxugue, passe no leite, na farinha de trigo e frite em banha quente, bem tostadas, sem queimar, e vá arrumando sôbre papel pardo para chupar o excesso de gordura.

COGUMELOS

Cortam-se tomates pequenos pelo meio, tiram-se as sementes e refogam-se com môlho de salada. Apara-se a ponta de ovos cozidos a fim de que êles possam ficar de pé. Arrumam-se os ovos sôbre um prato e, sôbre os ovos, as metades dos tomates. Com môlho maionese imitam-se as manchas características dos cogumelos.

Êstes cogumelos (1 para cada pessoa) arrumados sôbre alface



temperada ou sôbre qualquer salada, constituem um prato de muito efeito.

MORANGOS COM CHANTILLY

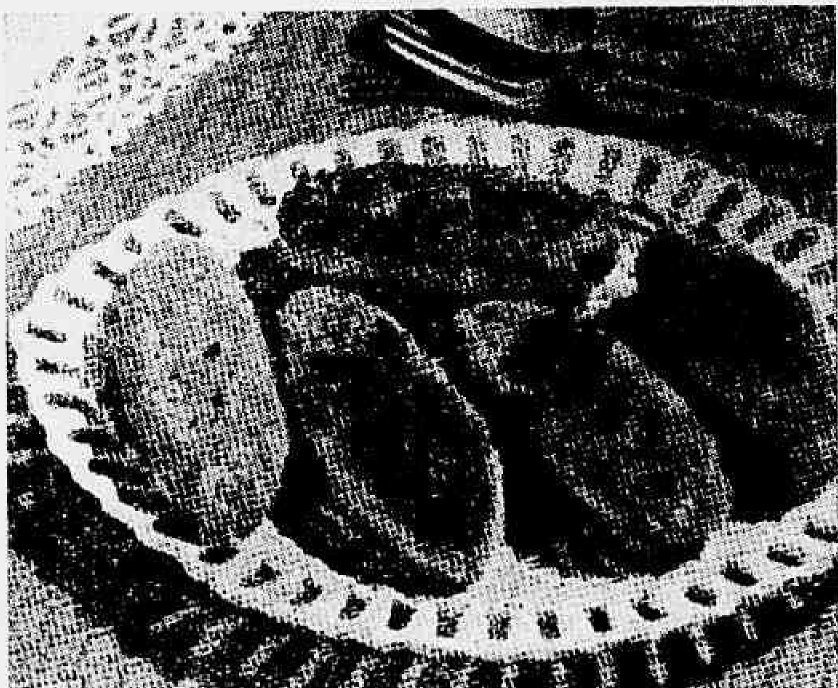
Bate-se muito bem 1 litro de nata, misturando-se-lhe 100 gr de açúcar e 1 pacotinho de açúcar de baunilha. Limpa-se meio quilo de morangos, sôbre os quais se borrifa um pouco de Kirsch ou Maraschino. Mistura-se em seguida com a nata e arrumam-se então em taças. Com o saquinho apropriado, esguicha-se ainda creme Chantilly sôbre cada monte de morangos, que se enfeita ainda com morangos grandes e escolhidos.

CREME COM CASTANHAS

½ k de castanhas que se descascam e cozinham. Passam-se as mesmas pela máquina de moer carne ou por uma peneira. Juntam-se-lhes em seguida 300 gr de açúcar, 1 gema, um pouco de manteiga e cacau, assim como açúcar de baunilha. Mistura-se tudo muito bem, batendo-se até formar uma massa meio dura. Põe-se no saquinho apropriado e esguicha-se sôbre um prato redondo, formando uma argola, ou qualquer desenho. Querendo, pode-se passar a massa na máquina de moer carne, deixando a massa moida cair sôbre um prato que se vai movendo, de sorte que a massa vá circundando o mesmo. Enfeita-se com creme Chantilly e serve-se.

SORVETE COM "TUTTI-FRUTTI"

Para êste prato, empregam-se quaisquer frutas frescas ou em conserva, picam-se tôdas as frutas e borrifam-se com Kirsch ou Maraschino. Arrumam-se em seguida em forma de pirâmide, no centro de um prato redondo. Em volta da pirâmide arrumam-se montes de sorvete de baunilha, montes êsses que se tiram com uma colher que se vai mergulhando em água quente. Por fim, enfeita-se com Creme Chantilly e cerejas cristalizadas. Em lugar de cerejas, pode-se enfeitar com enfeitos vermelhos.



PANQUECAS COM AMEIXAS

Cortam-se as ameixas pelo meio, tirando-se-lhes os caroços. Deita-se massa de panquecas em uma frigideira, arrumam-se por cima as ameixas que se cobrem novamente com massa de panquecas. Assam-se as panquecas dos dois lados e pulverizam-se com açúcar e canela.

OMELETE COM RIM

Picam-se dois rins que se temperam com sal e pimenta e se refogam em gordura ou azeite. Coloca-se êste refogado na omelete com môlho de tomates. Serve-se como "hors-d'oeuvre" ou com salada.

OVOS FRITOS COM TOMATES

Cortam-se alguns tomates dos quais se tiram as sementes e que se levam ao forno por instantes. Recheiam-se com guizado de cebolas e cogumelos. Sôbre cada tomate coloca-se um ôvo frito. Arrumam-se em um prato, dispondo-se em forma de anel. Servem-se com salada ao jantar.

TORRADAS COM SARDINHAS

Passa-se manteiga sôbre algumas torradas. Picam-se separadamente claras e gemas. No centro de cada torrada, coloca-se um pouco de gema e, em volta, claras picadas. Por fim, dividem-se sardinhas ao meio, no sentido de comprimento tirando-se-lhes as espinhas. Sôbre cada torrada arrumam-se duas meias-sardinhas em forma de cruz. Servem-se com chá, cerveja, etc.

TORTA ARISTOCRATA

Uma torta de biscoitos, geléia de frutas, Maraschino, creme de baunilha e frutas cristalizadas.

Corta-se a torta de biscoito, depois de fria, em 3 partes. Umedece-se cada parte em Maraschino ou rhum e cobre-se com geléia.

Então unem-se as partes com cuidado, deixa-se descansar uns 40 a 60 minutos; cobre-se depois com creme fino de baunilha, faz-se em cima uma coroa, com frutas cristalizadas e põe-se no centro creme Chantilly.





MODELINHOS

★

ESTES modelos apresentam graça e encanto e são próprios para mocinhas. 1 — Vestido em fazenda grossa, com decote e a barra da saia enfeitados com bordado branco. 2 — Modêlo simples em fazenda de "pois". Saia franzida e corpo subido, de mangas japonêsas. 3 — Dois modelos simples e vaporosos em organza. 4 — Vestido escuro, com o corpo bem subido e saia franzida.

★

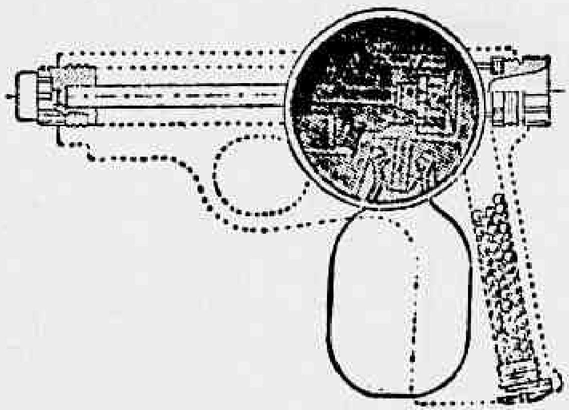




Pistola "PNEUMATIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAÍSES

A pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres

★

FABRICADA POR

ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.

RUA URUGUAIANA, 104

Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250,00 pelo REEMBÔLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes

Cr$ 15,00

COMO APRENDER A DANÇAR

4.ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.



LYTOPHAN

JÁ VAI ARUANA...

(Cont. da pág. 35)

passos para a loja, sem mesmo pensar que estava horrivelmente pálida, de olhos fundos e vestido sujo. Precisava ao menos explicar porque não fôra.

Entrou e foi atendida pelo dono da casa, que poucas vêzes vira.

— Não está, o Antônio? — perguntou.

— Qual ó? Meu empregado?

— Sim, o Antônio. Êste mesmo.

— O Antônio... bem... — o homem estava confuso — a senhora deve saber... não leu no jornal? Parece que se conheciam — — teve um desastre, oito dias atrás, no domingo.

Penalizado com a expressão de rígido espanto da moça, explicou que o Antônio fôra apanhado por um carro quando saía, altas horas da noite, de um bar, em companhia de amigos. Fôra no domingo passado, sim, e tivera morte instantânea.

Cândida não chorou. Movendo-se como um autômato, comprou os medicamentos, voltou para casa, longe de tudo, sem pressa, mal respirando. Branca e calada, continuou seus deveres, insensível ao que se passava em redor. D. Eliza, mesmo muito doente como estava, notou qualquer coisa e observava, inquieta.

O sol já se fôra e leve penumbra enchia o quarto. D. Eliza arquejava. Sentia frio e chamou Cândida. Que procurasse o chale de lã verde. Devia estar na gaveta do armário grande, à direita, que procurasse.

Sem uma palavra, Cândida abriu as gavetas, remexeu, procurou. Estremeceu de leve. Entre duas peças dobradas estava o vestido de pintas vermelhas. Tirou-o, vagarosamente, e durante um longo minuto, olhou-o embevecida. Depois virou-se e estendeu-o na mesa, muda, sem ouvir as palavras fracas e assustadas que D. Eliza balbuciava.

Já vai, já vai, já vai Aruana...

Sorriu. Mariana cantava? Ou ela mesma? Cantarolando, puxou uma cadeira para perto da mesa e subiu para destorcer a lâmpada que pendia pelo fio. Sempre cantarolando foi à cozinha. A doente levantou-se nos cotovelos, de olhos muito abertos. Queria gritar mas a voz não lhe saía da garganta.

Acariciando nas mãos o ferro novo e lustroso, Cândida voltou. Pousou-o na mesa, mas não teve fôrças para ligá-lo. Tôdas as mágoas retidas explodiram de repente num pranto ruidoso e convulsivo. Sentando-se, deixou caír a cabeça na mesa, enterrando os lábios no vestido que Antônio escolhera.

Não ouviu o gemido rouco de D. Eliza. Não a viu caír para trás.

Mariana veio até à porta e apurou o ouvido. Alguém chorava. Deu volta e entrou no quarto da doente.

Viu a quitandeira morta e admirou-se:

— Sempre sentiu, a menina. Tivesse mostrado antes... — E com um profundo suspiro fêz o sinal da cruz.

A VIDA DE FRANCES...

(Cont. do número anterior)

— Que ganharemos em troca, se renunciarmos ao prazer da bebida?

— As alegrias do lar.

— Ouçam só o que ela diz, por favor! Como se gente como nós tivesse alegrias!

E Frances Willard começou a perceber que a bebida não era mais que um mal secundário. Era uma fuga à realidade, um esquecimento da pobreza, da injustiça, da desgraça. A raiz do mal residia na exploração dos trabalhadores, na degradação dos seus lares. Cabia às mulheres, as *construtoras* dos lares americanos, arrancar os homens do lôdo. Livrá-los dos locais de trabalho insalubres e das tascas, e beneficiá-los com melhores salários, casa mais sadias e almas mais sadias!

Frank Willard dedicou-se então à tríplice missão assim construída: abolição dos bares, votos para as mulheres, justiça para os homens. Abraçava ainda a sua carreira de professôra, mas era agora professôra numa escola mais ampla, tendo o país inteiro como sala de aula. Eleita para a presidência da Liga Cristã Anti-alcoólica Feminina, partiu numa excursão predicante que a levou a tôda cidade americana de cinco mil ou mais habitantes. Sua vida tornou-se um constante vaivém entre os vagões ferroviários e os salões de conferência. Nessa sua jornada via-se seguida pelas dificuldades, pelo escárnio e pelo desprêzo. Até suas companheiras da Liga se espantaram quando ela pela primeira vez esposou a causa do trabalho e do sufrágio feminino. O que lhe competia, insistiam elas, era propugnar a sobriedade dos homens, e não a alimentação deles. O sustento dos pobres era da alçada de Deus, não delas. No que toca ao voto para as mulheres, foi uma cena e tanto quando Frances Willard arriscou-se a advogá-lo em público na convenção da Liga em Newark (1876).

"Quando eu acabei de falar", escreve Miss Willard, "uma senhora de Nova Iork, de cabelos grisalhos e sisuda, que estava na presidência, disse à assembléia: — A Liga Cristã Anti-alcoólica Feminina não é responsável pelas afirmações feitas aqui esta noite. Não estamos dispostas a deixar que nossas saias se arrastem pela lama da política".

A sala virou num pandemônio quando Frank retorquiu:

— Então levante as suas saias para que elas não se arrastem!

V

Pouco a pouco, Frank Willard conseguiu a adesão das mulheres da Liga para o seu modo de pensar. Sob o tríplice lema: *Proibição de bebidas alcoólicas, Libertação das mulheres e Melhoria das condições de trabalho,* forjou a unidade nacional em tôrno dêsse programa, até alistar um milhão de membros para a causa. E essa sociedade ficou constituída, depois de nova vigorosa arrancada por parte de Frances Willard, não sòmente de protestantes como também de católicas e judias. Segundo afirmou, a ambição da sua vida era livrar a América de três males abjetos: o flagelo da bebida, a calamidade da cupidez, a desgraça da intolerância.

E, após a América, o mundo. A sua causa era a causa do gênero humano. No comêço da sua carreira pública adotara o lema "Por Deus, pelo Lar, e pelo País Natal". Agora o reformara, tornando-o mais amplo: "Por Deus, pelo Lar e por *Todos* os Países". Não fôsse a invasão do mar, dizia ela, as costas da Europa e da Ásia "fariam parte do nosso campo de ação. O nosso mundo tem uma humanidade cheia de tentações".

E de sofrimentos. Frances Willard sentia-se, para usar sua própria expressão, "predestinada". Era seu destino servir como uma das enfermeiras no campo de batalha da vida, remover os soldados feridos na carnificina, pensar-lhes os ferimentos e reconduzi-los à visão da paz. Era uma outra Florence Nightingale agindo num conflito menos dramático porém mais extenso, o eterno conflito entre a necessidade e a cupidez. Organizou as mães do mundo numa cruzada por "lares mais puros, mais sadios, mais felizes". E, num esfôrço para expandir essa cruzada, dirigiu uma Petição, traduzida em cinqüenta línguas, a todos os principais govêrnos dos dois hemisférios. Nessa petição universal pedia aos vários governos que proibissem as bebidas alcoólicas e a circulação do ópio, que levantassem o padrão de vida dos operários e que estabelecessem um código de justiça baseado na moral cristã.

Tentou, em suma, criar um Reino do Céu mundial. Acompanhando as tendências liberais do século dezenove, chamou essa sua utopia de *República de Deus*. A terra devia tornar-se uma paragem em que tôdas as criaturas de Deus fôssem tratadas com igual dignidade e igual decência. Quando soube da perseguição dos armênios pelo govêrno turco— "êles também são meus irmãos" — fêz uma coleta de fundos para os socorrer, construiu casas para os refugiados sem teto, mobilizou agentes para levarem mantimentos, cereais e remédios à terra devastada, e persuadiu o govêrno americano a interceder junto ao govêrno turco pela cessação das suas matanças. "O supremo dever dos estadistas é a proteção da família, onde quer que seja, sôbre a face da terra".

Êsse foi o auge da sua vida, que a ergueu acima das suas fôrças. Sua saúde começou ràpidamente a declinar. Fêz uma viagem à Inglaterra, onde procurou inùtilmente recobrar energias na propriedade rural de sua companheira inglêsa de apostolado, Lady Somerset. Perdeu a mãe: "foi uma linda passagem da vida para a vida". Contraiu uma enfermidade, durante a qual passou o tempo preparando a sua autobiografia, um livro de 1200 páginas escrito por uma doente em menos de 12 semanas! Fêz uma visita aos Estados do leste: "Bem sabem que eu vim das bandas de lá; quis dizer adeus a êstes lugares amigos antes da derradeira viagem. "Em seguida voltou para Evanston. Alí começara sua carreira como educadora, alí queria terminá-la. "Quando eu chegar ao céu, quero me registrar como sendo de Evanston".

E foi em Evanston que ela esperou pela chamada para o registro final. Mas esperou impacientemente. Quase até o fim continuou a dizer: "Deixem-me ditar mais uma carta. E' tão importante!"

E no instante do último suspiro, sussurrou:

— Outro trabalho, em outro mundo.

Mas seu trabalho é bem lembrado *neste* mun-

do. Hoje a sua estátua, a única estátua de mulher ergue-se no Statuary Hall do Capitólio Nacional.

DATAS IMPORTANTES NA VIDA DE FRANCES E. WILLARD

1839 — Nasceu em Churchville, Nova Iork.
1850 — Foi diplomada pelo Northwestern Female College.
1871 — 74 — Exerceu o cargo de diretora do Woman's College, em Evanston, Illinois.
1874 — Tornou-se secretária-correspondente da Woman's Christian Temperance Union (Liga Cristã Anti-alcoólica Feminina).
1876 — Ingressou no movimento pró voto feminino.
1879 — Foi eleita para a presidência da W. C. T. U.
1883 — Tornou-se dirigente da cruzada anti-alcoólica mundial.
1890 — Foi eleita presidente do Conselho Nacional das sociedades de mulheres da América.
1892 — Visitou a Inglaterra.
1892 — 98 — Foi diretor-chefe do *Union Signal*.
1898 — Faleceu.

O AMIGO DAS COBRAS

(Cont. do número anterior)

— Bom demais!... — censurou o homem dos olhos azuis.

— Sim. Antes tivesse agasalhado uma jararaca! Um ano após êle teve de ir a Araxá. Não podendo levá-la, recomendou-a a uns vizinhos. Demorou-se um mês. De volta, soube que se tinham portado impròpriamente com ela; descobriram que não eram casados, raciocinou ela. "Não se zangue, querido, é minha cruz" — pediu a víbora. Meses após, evapora-se, e com mágoa meu amigo soube da vida leviana de Maria, enquanto êle se ausentara. Daí a reserva dos vizinhos.

— Um diabo dêsses, só matando... — fungou o homem dos zigomas protuberantes.

— Mas dessa vez êle ficou enojado, e em lugar de apaixonar-se pelo sucedido felicitou-se por vê-la longe. Nesse meio-tempo travou relações com uma viúva paulistana, pensava em casar, quando... — o moço fêz uma pausa. — Surge Maria outra vez! Haviam-se passado meses. Encontrou-a numa rua afastada. Tão magra e mal vestida que, para a reconhecer, teve de a encarar. A magreza escurecera-lhe ainda mais a pele; adivinhou-a pelos olhos — olhos de serpente! Quis evitá-la. Ela correu atrás dêle. Suplicou-lhe, a chorar, que a ouvisse. Êle recusou. Tal era, porém, o escândalo que a atitude daquela despenteada e mal-arrumada provocava que êle julgou melhor encostar-se a uma vitrina e atendê-la. Lamuriou-se, implorou piedade, dizendo-se uma desgraçada sem juízo, que estava tuberculosa, que só com êle fôra feliz, que apesar de tudo só a êle queria bem. Invocou a memória de dona Adelaide, a mãe dêle, pedindo-lhe jurasse que não a abandonaria; seria sua escrava, acompanhá-lo-ia como um cão ao dono, que a tratasse como uma criada... Pois, meus amigos, esqueceu-se da pobre viúva e acedeu...

— Incrível! — objetei.

— Condoído, acedeu em amparar mais uma vez aquêle rebotalho... Piedade, apenas piedade, creiam. Êle era um tipo imbuido de idéias altruistas, metido a budista ou coisa parecida. Admito que o olhar da víbora de Maria ainda o fascinasse, mas da paixão de outrora só restavam cinzas, embora quentes, creio... Uma oferta vantajosa levou-o ao sertão novamente. Foram residir num povoado, onde a maioria dos moradores fazia parte da comisão que êle chefiava. Seguidamente, se afastava do acampamento e se embrenhava na mataria...

— O senhor estava junto? — interrompi.

— Sim, é por isso que conheço alguma coisa sôbre o sertão. Mas, como estava contando, um dia êle veio a notar que as senhoras do povoado evitavam Maria. Isso o aborreceu. E, como chefe, no intuito de desagravar a amiga, organizou uma festinha e convidou as famílias dali. Não apareceu uma mulher sequer. Isso o tornou áspero com todos, mas duma feita um dos capazes perdeu as estribeiras e resmungou furioso: "Não sei como o senhor se animou a trazer para aqui uma mulher dessas!". Meu amigo quis reagir; imaginando, porém, que já conhecessem a história de Maria, conteve-se. As cobras fascinam animais e os devoram... A antiga roceira também fascinava, cegara-o... Êle não cria que ela fôsse perversa como era...

— Enganou-o outra vez!? — atalhou, duvidoso, meu amigo.

— Uma noite, ao regressar do sertão, cheio de espanto vê que ela preparava malas. Dominando ràpidamente a surprêsa que a volta do amante lhe causara explica que, como só dali a três dias êle regresaria, ela aproveitara para arrumar as roupas. "Os ratos e os bichos têm comido tudo, e por isso meti minhas roupas nas malas". — "E por que não emalou também a minha roupa?" — perguntou êle, sombrio, suspeitoso de nova trama. — "Não arrumei tua roupa também porque não havia mais malas" — justificou. Êle calou-se. Retornou ao interior, dias depois, mas desta vez com Maria. Trouxe-a uma tardinha, morta. Picada de cobra. Ninguém sentiu a morte dela, é verdade, mas mexericavam que o engenheiro a assassinara. Autoridade por ali não havia, e mesmo ninguém, de bôca cheia, sustentaria a acusação. E tudo ficou como estava. O certo é que ela morreu picada de cobra, no peito, bem sôbre o coração.

— Mas, de que maneira pode uma cobra picar no peito?! — acudi.

Êle não deu atenção à minha pergunta. Saiu, e dali a pouco voltou com uma caixa de querozene, tôda perfurada. Do interior se desprendia um cheiro fétido.

— São as minhas cobrinhas... E' só eu querer que alguma delas vá dormir por aí, numa cama qualquer, e daqui a instantes lá estará ela... Basta levantar a tampa. Trabalho árduo aprender a dirigir êstes bichos! Gostam muito é de se esconder nas dobras das cobertas... Talvez porque aquecem... — ajuntou, brejeiro — mas se o sujeito não mexer com elas não fazem nada...

— Mas, de que maneira pode o vivente deitar sem se mexer?! — perguntou estùpidamente o homem dos olhos azuis.

— Não sei. Cobras só picam mexendo com elas. Com a gente é que elas não mexem...

Eu estava assustado. Era sombrio e aterrador o que aquêle moço dizia. No entanto, em seu rosto calmo e de feições bonitas não se divisava sombra de trágico.

Eu alvitrei que era hora de dormir. E retirei-me.

Em meu quarto, naquela pensão de tábuas, no meio do mato, numa noite chuviscosa que nada se enxergava sem lanterna, comecei a vislumbrar cobras por tôdas as frinchas e frestas. Cheguei a examinar por baixo da cama.

Meu companheiro e o outro continuavam a palestrar com o amigo das cobras. Não pude ficar no quarto. Voltei ao grupo.

— Como era êsse seu amigo? Ninguém iria acusá-lo, é claro, e mesmo deve ser um caso prescrito... E' que há tempos li uma reportagem narrando um caso de vingança... Êle não tinha um nome estrangeiro? — indaguei, irrefletido.

O moço deteve-se por instantes. Remexeu, após, numa pasta de couro, da qual sacou um grande envelope. Vasculhou-o, tirou um papel amarelecido e disse:

— Aqui está uma carta de Maria Aparecida, comunicando que ia suicidar-se.

Entreolhei meus companheiros enquanto êle guardava o papel.

— Mas... Maria Aparecida não era analfabeta? O senhor não disse que ela foi assassinada?! — fêz ingênuo meu companheiro.

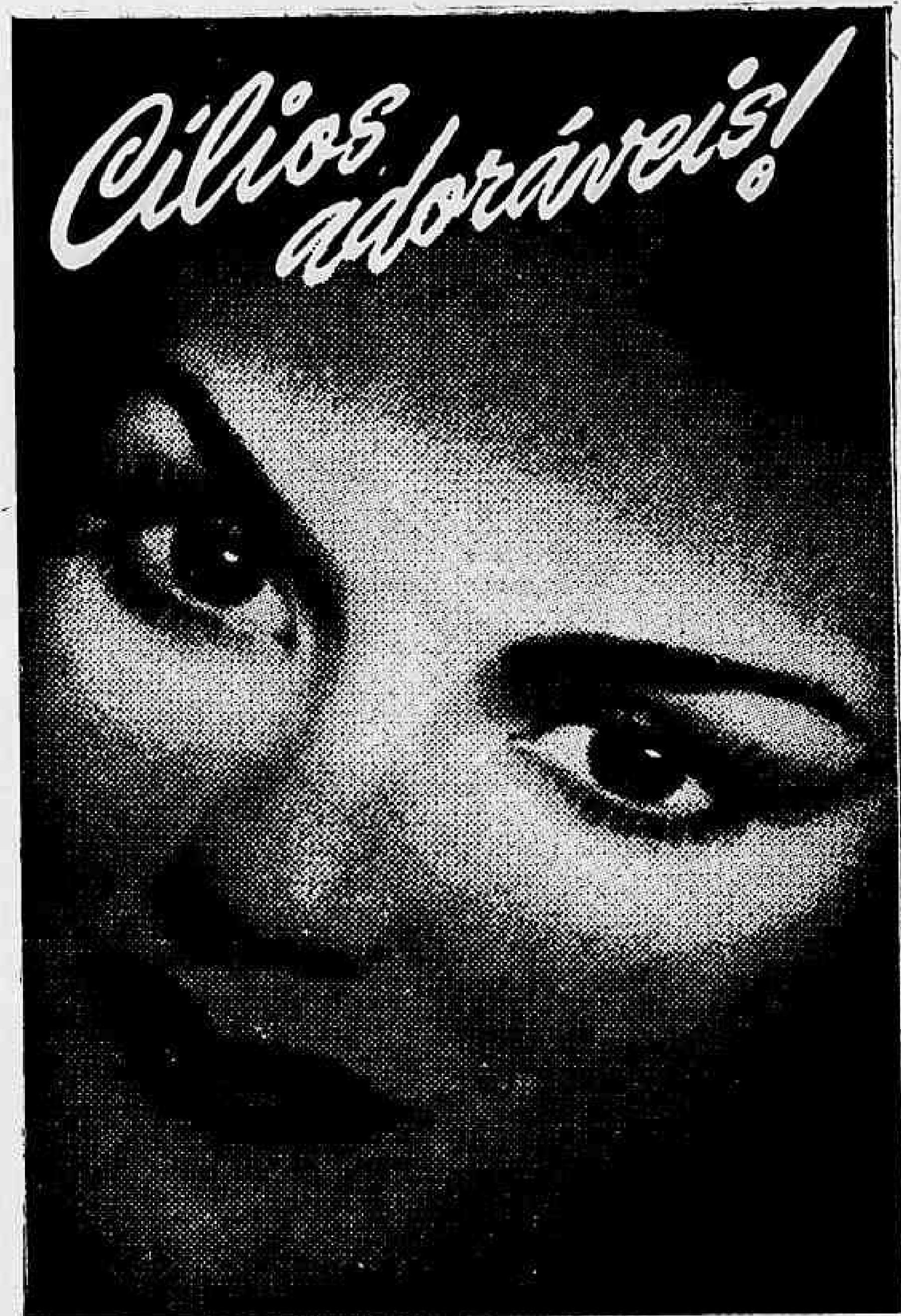
O quarto hóspede continuou a fechar a pasta, como se nada tivesse ouvido. E, sem responder, apontou para uma das malas empilhadas no quarto, na qual, em letras pretas numa tira de papel, como essas que os artistas em *tournée* usam, se lia um nome pomposo — Aldrovando Príncipe.

Notei que, como eu, meus companheiros ficaram inquietos. A carta de Maria, analfabeta, a tira com o nome do amante dela, a inclinação do moço por assuntos ofidicos, as cobras que êle dizia manter cativas, a identidade de profissão, o ódio com que se referia à cabocla, nos lançaram um báratro de confusão. Como podia êle conhecer tão bem a história de Maria Aparecida e carregar, ainda, aquela mala de propriedade do amante da assassinada? Não restava dúvida: a sertaneja fôra hàbilmente assassinada, em holocausto a uma vindita passional.

Pelo nosso silêncio o moço notou nossa inquietação.

— Boa-noite — cumprimentei, retirando-me.

(Cont. na pág. 48)



Use Cilion que escurece e recurva os cílios, embelezando-os

Cilion

evita caspas e terçóis

PREFIRA O TUBO GRANDE QUE RENDE MAIS

Como é fácil AGORA pintar com SINTEX!



SINTEX
ESMALTE SINTETICO BRILHANTE PARA TODOS OS FINS
PRETO 500/02

Não necessitando de habilidade profissional, a tinta SINTEX e, por isso mesmo, indicada para pequenos serviços no lar.

Aderindo firmemente na madeira ou em metais, sem deixar os riscos do pincel, conserva por muito tempo os objetos pintados, embelezando os com uma côr alegre e firme.

Moveis, portas, janelas, brinquedos, latas de mantimentos etc. poderão novamente brilhar em sua casa com uma demão de SINTEX.

LATAS
PEQUENAS
MEDIAS E
GRANDES

DESCONTOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

Distribuidores Exclusivos
MESBLA
FILIAL DE NITERÓI
RUA VISCONDE DO RIO BRANCO, 521

A SAÚDE DO BEBÊ

REGIME NAS DISPEPSIAS CONSTITUCIONAIS

DR. SABOIA RIBEIRO

ANTES de nada, como saber que a desordem intestinal, traduzida na diarréia verde, ou na exsudação entérica, ou catarro nas fezes, é de natureza constitucional? Em regra, é sempre suspeita disso a desordem que ocorre com o leite de peito ou o leite em pó, ministrados dentro das boas normas, não ocorrendo, por outro lado, febre. De fato, a existência de febre faz suspeitar da *infecção*; e o mau leite (e o de vaca comprado sem maiores cautelas, às mais das vêzes o é), e mamadeiras preparadas sem maior critério, o *êrro alimentar*, que tanto pode ser representado pelo leite aguado, como ausência de *farinhas* nas mamadeiras ou má escolha destas.

Já delineamos noutro artigo as normas da alimentação da criança neuropática e hoje apenas abordaremos a da criança exsudativa, cujas características já nos são conhecidas.

Dois tipos, do exsudativo, encontramos na prática:

1º o tipo *magro*.
2º o tipo *gordo*.

Os recém-nascidos do primeiro grupo mostram desde os primeiros dias flagrante contraste em confronto com as crianças normais, criadas nas mesmas condições, sendo menos desenvolvidos, magros e mirrados. A despeito de lhe serem proporcionadas rações alimentares bem equilibradas, do ponto de vista das necessidades da criança, seu pêso mantém-se estacionário. Modifica-se o alimento para mais, e êsse estado de coisas não se modifica. E' que a causa dos insucessos está na própria criança, com sua constituição peculiar. O segundo tipo mostra tendência exagerada a aumento rápido e anormal do pêso, mesmo que se lhe diminuam, consideràvelmente as rações alimentares, menos ricas de materiais plásticos do leite(albuminas, etc.).

"Tôdas as vêzes (escreve Chiaffarelli) que trouxerem à nossa presença um lactente com tendência exagerada a engordar devemos estudá-lo bem e esquadrinhá-lo, analisando-lhe minuciosamente todos os órgãos."

O alimento ideal do exsudativo magro é representado pela *mistura butiro-farinácea*, segundo os seguintes dados:

Leite — 1 1/10 do pêso da tabela.

Água — Outro tanto, até abaixo de 450 gramas de leite, ou para igualar 900 gramas, acima.

A isso juntar uma papinha com manteiga, farinha e açúcar, na porção de 5 gr cada para cada 200 gramas da mistura leite + água.

Assim, por exemplo, para uma criança com 4.000 gramas (2 meses):

Leite — 400
Água — 400
Manteiga, farinha, açúcar 20 gr de cada.

Preparar assim: Leva-se a manteiga, em uma panela, a fogo brando, mexendo sempre, até que espume e fique levemente corada; adicionar, em seguida, sem retirá-la do fogo, aos poucos, a farinha, mexendo-se o todo de forma a ficar bem homogêneo. Retirar então do fogo, e juntar o leite já preparado, como acima indicado.

Usando-se o leite em pó, êste é preparado com 4 colheres de chá bem cheias para 100 gramas de água, fazendo-se após as diluições (ao *têrço* até 3 meses, e ao *meio*, até 6 meses). Adoçar ao dar a mamadeira.

— Tratando-se de "exsudativo" *gordo*, dar-se-á o caldo de carne engrossado com gelatina ou caldo de legumes com gelatina, frutas amassadas (banana, maçã, etc.), feito *papinha*. O cozimento de cenouras passadas por peneira vai também muito bem, lucrando em ser engrossado com 2 a 3 colheres de chá de semolina, arrozina, aveia ou fécula de batata. Outro prato é o pudim de gelatina:

200 gramas de água; 2 colheres de chá de maisena ou aveia; idem de açúcar; 2 a 5 fôlhas de gelatina, e 1 colher de chá de caseinato de cálcio. Cozer 5 minutos e juntar 20 a 60 gôtas de suco de limão, uva, abacaxi.

Este alimento convém ser introduzido no regime daquelas crianças criadas ao seio e já tendo atingido ao quarto mês.

O esquema da alimentação pode ser:

Manhã e à noite — leite com farinhas e açúcar; ao meio-dia — sopinha; às 18 horas — caldo de carne engrossado.

Abaixo do quarto mês, a melhor conduta diante do exsudativo *gordo* é ainda manter a amamentação ao seio.

Uma ou duas mamadas, porém, deverão ser substituídas pelo leitelho, ao qual se associa um caseinato de cálcio a 2%, como na seguinte fórmula:

300 gramas de água
3 colheres de chá de farinha de arroz.

Coser 5 minutos e juntar 6 colheres de leitelho, misturando bem sem ferver. Dividir por 2 mamadeiras e dar com ½ colherinha de um caseinato de cálcio .Adoçar com um açúcar obstipante (tipo Soxhlet).

A administração de vitaminas não faltará nos cuidados com essa classe de bebês. Eles, como já dissemos,

Mães carinhosas... e previdentes

confirmam com orgulho:



para as crianças do Brasil só o TÔNICO INFANTIL



Tudo que o delicado organismo infantil exige no periodo de crescimento... cálcio, fósforo, sais minerais e vitaminas — está incluído na fórmula especial do TÔNICO INFANTIL! Para que seus filhos cresçam sempre fortes, alegres e sadios, dê-lhes o fortificante certo e eficaz: TÔNICO INFANTIL!

O único de fórmula especial para crianças



MÚSICA

ROSSI LEMENI

ROBERTO LYRA FILHO

UM velho advogado dizia que, em qualquer problema jurídico, sempre há bons argumentos a favor de soluções opostas e que não é difícil o descobrimento de apóio para posições antagônicas até nas mesmas obras dos mesmos doutrinadores... Reportando-se à gramática, o nosso grande Ruy Barbosa mostrou que, nêste terreno, não é impossível encontrar-se meia dúzia de exemplos, extraidos de clássicos da mais alta autoridade filológica, para abôno de qualquer extravagância em matéria de sintaxe...

No campo musical, há, também, desinteligência quanto a questões básicas, elementares e a favor de cada posição nas disputas dos musicólogos surgem nomes de indiscutível relêvo. Basta lembrar, aqui, a questão Tchaikovski: conforme o gôsto de quem o ouve e analisa a sua obra, êle tem tido classificação, em avaliações dispares, como gênio e como imbecil... E' desnecessário citar, a esta altura, alguns dos pomos da discórdia entre críticos. Se Bach colhe, hoje, quase a unanimidade dos sufrágios, para assumir um posto do máximo destaque no ról dos grandes compositores, já houve tempo em que andou esquecido. Por outro lado, a glória focalizou personalidades hoje obscuras e deslembradas.

Essa digressão vem a propósito do concêrto de Rossi Lemeni, oferecido pela Cultura Artística. Temos feito restrições muito sérias à administração dessa sociedade. Vamos, agora, ter a oportunidade de louvá-la, com a mesma franqueza. A estréia de Lemeni, entre nós, foi na ópera e a consagração de seu Boris Godunow, logo à primeira representação nos revelou não sòmente uma das grandes vozes contemporâneas como um cantor de boa escola e grande distinção, que, em vez de contentar-se com a exibição dos belos dons naturais de timbre e volume, esmerava-se na apresentação de interpretações burilladas, revelando a categoria superior de sua arte.

Tudo isso levara a crêr que, na música de câmera, êle mostraria um aspecto valiosíssimo e, para nós, inédito de sua personalidade. A Cultura Artística se encarregou de proporcionar ao público a oportunidade de ouví-lo num recital daquele gênero. Mas a verdade é que, enquanto no repertório operístico, Lemeni recebera consagração sem discrepâncias, a crítica encontrou reparos a fazer quanto à sua atuação na música de câmera.

E' curioso notar que, Jennie Tourel, unanimemente considerada grande cantora de câmera, estreando na ópera, sofreu uma série de restrições que só cederam após uma Mignon impecável e uma Norma brilhante, conseguindo ela, então, demonstrar que em ambos os gêneros — canção ou ópera — é igualmente proficiente. Com Lemeni foi o oposto que aconteceu. Digamos, logo, que inúmeros críticos elogiaram tanto o recital camerístico quanto as grandes criações músico-dramáticas do baixo, mas houve vozes representatives em franca discordância. Não negaremos que os gêneros ópera e música de câmera apresentam exigências diversas ao intérprete. Confundí-los seria dizer que nada distingue, por exemplo, o mural da miniatura. Na música de câmera, é necessária uma precisão técnica que, na ópera, pelas proporções mais amplas desta, que absorve minúcias e matizes, não é exigível, ou, pelo menos, pode ser compensada pelo simples calor e emoção com que é usada a voz. Mas vale a pena dizer que, no caso de Lemeni, o que sucede é singular: como cantor de ópera, êle impresionou, precisamente pelo rigôr e apuro vocais, o acabamento perfeito de um cantor de câmera — todas essas qualidades, sem prejuizo da generosidade da voz que a torna apta a enfrentar as proporções da ópera. Ora, se se admitiria que um cantor de câmera não possuisse a amplitude vocal necessária para a ópera, um cantor de ópera só poderia encontrar, na música de câmera, qualquer dificuldade, se, por acaso, não tivesse aquele controle vocal aquela maleabilidade que o habilitam a usar veículos mais sutís. E Rossi Lemeni, indiscutivelmente, possui tôdas essas qualidades, revelando, ainda, na dicção perfeita, uma vantagem adicional para o gênero camerístico. A transição de um repertório a outro não retira a Lemeni a menor parcela de seu talento: apenas, revela uma face nova dele, tendo o mesmo alto nível interpretativo. Isso ficou bem claro no recital oferecido pela Cultura Artística.

---

não possuem boas defesas orgânicas, o que explica seus constantes resfriados e as conhecidas lesões cutâneas.

"Tôdas as infecções, além de serem mais frequentes, decorrem com muito maior gravidade em tais lactentes. Elas são uma prêsa fácil de tôdas as doenças e, não por último, da infecção tuberculosa", escreve Chiaffarelli. E acrescenta que não poucas dessas crianças voltam, mais tarde, à consulta com uma *adenopatia grave* e *infiltrações tuberculosas parahilares*, com febre que já durava há meses.

Assim, o tratamento geral dêsses diatésicos deve sempre acompanhar os cuidados com sua alimentação adequada e vigiada.

Sol, ar e luz. Tratamento com injeções de cálcio, vitaminas C e B, óleo de fígado de bacalhau (rico em vitaminas D), raios ultra-violeta.

De resto, não esquecer que as lesões cutâneas do exsudativo (eczemas ou outras) não se tratam apenas com a *medicação local*, devendo ser acompanhada, esta, com as medidas outras, quer da alimentação, quer da vitaminação intensiva, e outras, sempre necessárias.

BANCO DO COMERCIO S. A.
FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO
Secão Especializada para Guarda de Títulos e Valores
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

MALZBIER da BRAHMA
enriquece qualquer refeição!
É verdade! Malzbier da Brahma duplica o valor nutritivo do seu lanche... enriquece o seu almoço... e valoriza o seu jantar... Rica em malte, Malzbier da Brahma tem alto valor energético. É uma cerveja preta, ligeiramente adocicada. Pelo seu baixo teôr alcoólico é a cerveja preferida de tôdas as famílias. Enriqueça suas refeições com a saborosa Malzbier da Brahma!
GARRAFAS OU ½ GARRAFAS
OUÇA as transmissões esportivas da Rádio Nacional, aos domingos, à tarde, em ondas curtas e médias.
Record 3223
PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A.

"Êle" depende da Sra...

e a Sra. deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

GRANADO

o tônico das lactantes



O AMIGO DAS COBRAS

(Cont. da pág. 45)

Os outros me imitaram, encaminhando-se para seus quartos.

Ao ver-nos deixá-lo, abruptamente, gracejou:

— Durmam tranquilos, meus amigos. Acho que os senhores são compreensivos, e não me obrigarão a soltar as cobras esta noite.

Que noite terrível! O mesmo aconteceu a meus companheiros, como vim a saber depois. Não me deitei; o temor de encontrar alguma jararaca na cama apavorava-me. As palavras daquele homem eram ameaçadoras! Sentei, encostado na porta, com os pés no ar, prendendo os calcanhares nas travessas da cadeira. Não havia dúvida, a história de Maria era com êle; matara-a, e não trepidaria em eliminar-nos se suspeitasse que o denunciaríamos. Aquêle indivíduo devia ser um criminoso calculista, ou um louco perigoso, pensamos! Do quarto dêle partiam ruídos a cada instante, e isso mais me assustava. Faltava-me coragem, porém, para deixar o quarto. O cansaço da estafante viagem daquele dia me derreou por fim, e caí no sono, já madrugada, sentado como estava. Veio despertar-me meu companheiro. Quase passara a noite em claro. O mesmo sucedera ao homem dos olhos azuis.

À hora do café constatamos que o homem das cobras sumira.

Cuidamos de nos comunicar com o subdelegado do distrito. Bem poderia averiguar se aquêle sujeito era um delinquente, um lunático, ou o que era. Mas o nosso mêdo às cobras treinadas, que êle dizia possuir, aconselhou-nos prudência. E anuímos em enterrar nosso segrêdo.

Nunca mais vi o moço dos olhos femininos, e ignoro até hoje se a história que nos contou era verídica, se de fato êle conduzia cobras na caixa perfurada, ou se era algum artista desabusado a divertir-se à nossa custa — quem era afinal.

O certo é que jamais passei uma noite tenebrosa como aquela. E, as poucas vêzes que depois disso tive de tocar no lugarejo onde encontrei o amigo das cobras, o fazia ràpidamente.

Parece-me, até hoje, que naquela pensão de tábuas, em tôdas as frestas, buracos e frinchas se aninham serpentes — tão profunda impressão me causaram as patranhas do fortuito companheiro de mesa.

A VIDA DE SARA...

(Cont. da pág. 34)

IV

Sarah se distinguiu na Escola; não por representar bem, mas por fazer bons amigos. Por meio da influência de alguns dêsses amigos foi contratada, após a conclusão do curso, pela Comédie Française, o mais notável teatro da Europa.

Seu primeiro aparecimento no palco foi um fracasso. A crítica foi-lhe extremamente desfavorável. Sarah tomou veneno e estêve por vários dias entre a vida e a morte. Quando se restabeleceu, explicou aos amigos atônitos:

— A vida era inútil; eu quis ver que tal era a morte.

Era uma grande atriz trágica em tôda a parte, ao que parecia, nesses primeiros anos, excepto no palco. Sua morbidez atingia as raias duma paixão artística. Apaixonou-se fortemente por um subempresário, mas recusou-se a desposá-lo quando êle não lhe permitiu assistir a um embalsamamento. Entre as horas dos seus ensaios, ela visitava os cemitérios de Paris e sentava-se no meio dos túmulos como uma irmã dos defuntos.

Uma jovem indomável com têmpera de tigre. Numa de suas querelas, esbofeteou a mais velha e mais respeitada atriz da Comédie Française. Demitiu-se em seguida, preferindo mandar sua carreira às favas do que pedir perdão. Desapareceu de Paris, e a primeira notícia que seus amigos tiveram dela foi que Sarah tinha sido vista na Espanha a assistir uma tourada e a namorar um matador de rosto rubicundo.

Nenhum dos que lhe queriam bem, ou que lhe queriam mal, póde acompanhar os passos que ela dava. Aos dezoito anos, brindavam à saúde dela em tôdas as mesas dos cafés. Teve um caso amoroso com um príncipe do Império Francês e lhe deu um filho. E ainda assim foi incapaz de se achar a si mesma.

Seu amante a repudiou juntamente com a criança. Sarah bateu às portas dos teatros, de uma a uma, com o nenê nos braços. Encontrou emprêgo no Gymnase. Demitiu-se num acesso de cólera. Prestou-se a namoros no Port St. Martin. Unira-se a um ator principal no Odéon, o teatro de maior importância depois da Comédie Française, e tivera oferta para um papel numa peça nova. Mais uma vez sua estréia foi um triste fracasso.

Nada de estranhar. "Ela tem a cabeça de uma virgem e o corpo de um cabo de vassoura", comentou Alexandre Dumas, que estava na platéia. Devia ter comentado com mais exatidão: "a cabeça de uma virgem e o corpo de um pára-raios"; um corpo que absorvia a eletricidade do universo.

Vinte e dois anos, e ainda um fracasso, mas que não mais a desconcertou. Ela tinha um filho e uma paixão a defender e também uma voz de ouro. Penosamente, escrupulosamente, aprendeu a técnica da sua arte e deu à sua voz a oportunidade que ela merecia. Retesou cada nervo e cada fibra do seu corpo, submetendo-o à sua vontade. E dentro de dois anos era famosa.

Obteve seu primeiro grande sucesso em "Le Passant" de François Coppée, uma peça que foi representada em Paris por mais de cem noites. Representou nas Tulhérias diante do imperador Napoleão III, por ordem dêle. Muitos dos críticos que se haviam colocado contra ela estavam agora ávidos por trombetear em unissono a rápida ascensão de Sarah. Descobriram que sua figura esbelta e seus cabelos dourados não eram mais um passivo a pesar sôbre ela, mas uma dádiva do céu. Declararam que as suas cadeiras estreitas eram divinamente indicadas para o papel masculino que ela representava. O jovem autor da peça teceu um hino de louvor a respeito da protagonista. "Que posso dizer de Sarah tão leve, tão diáfana... de Sarah felizmente desprovida das ancas e das coxas que tornam a costumeira representação dos papéis masculinos tão irreal, e, na verdade, tão prejudicial... de Sarah com tôda a flexibilidade, agilidade e graça de um rapaz!"

E os críticos, ao saberem dessas palavras, aprovaram com um fervoroso *Amém*. "Não a podemos elogiar por saber dizer versos", escreveu um dêles. "Ela é a encarnação da Musa da poesia. Nem a inteligência nem a arte têm que ver com o assunto; ela é guiada por um secreto instinto. Recita versos como o rouxinol gorjeia, como o vento zune, como a água murmura, como Lamartine costumava nos bons tempos declamar versos".

E quanto a suas pálidas feições? "Ela tem a aparência etérea da fumaça e da neblina; é uma visão fugaz de traços delicados sob uma chuva de cabelo e uma nuvem de fitas."

Um montão de lendas começou a surgir em tôrno da "Nossa Sarah" — assim a chamavam os poetas e artistas parisienses — embora mal tivesse idade para ser lendária. Ela não era de modo algum uma mulher, murmurava-se, era um rapaz disfarçado com roupas femininas. Um alto ministro de Estado fôra visitá-la e tinha sido recebido no "cabinet de toilette", onde acontecia que ela estava tomando um banho. Sarah dera quinhentos francos a um mendigo cego porque êle se parecia com um ex-amante dela. Percorria as ruas desafiando os homens para duelos. Fumava charutos e tomava bebidas fortes. Essas e outras invenções que tais a respeito dela circulavam pelos salões e pelas ruas.

Sarah divertia-se com essa publicidade, e procurava sobrepujar tais lendas. Na vida de uma atriz a fantasia é a realidade. Não contente por ser chamada anêmica, pintava o rosto com giz branco. Não contente por lhe dizerem os doutôres que ela tinha pouco tempo de vida, mandou fazer um ataúde de pau-rosa com alças de prata, e se fêz fotografar nêle com os olhos fechados e as mãos cruzadas. Foi o seu modo de provar à Morte que era capaz de a enfrentar. Colocou o ataúde junto ao leito de modo que êle fôsse a primeira coisa a lhe ferir os olhos quando ela despertasse; e o levava consigo aonde quer que fôsse. Muitas vêzes dormia nêle. Quando chegavam visitas, servia o chá em cima dêsse ataúde.

Uma criatura cheia de contrastes. Para contrabalançar a deficiência do seu aspecto, cercava-se de uma porção de animais ferozes. Um gato montês, dois filhotes de leão e um tigre acompanhavam-na seguidamente ao teatro e esbraveciam no seu camarim durante o espetáculo. Um imenso cachorro guardava seu apartamento, uivando como Cérbero nas portas do inferno.

FÁBRICA BANGÚ
TECIDOS PERFEITOS

Preferidos no Brasil



Grande sucesso em Buenos Aires

EXIJA NA OURELA
BANGÚ-INDÚSTRIA BRASILEIRA

A BELEZA DOS SEIOS — BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

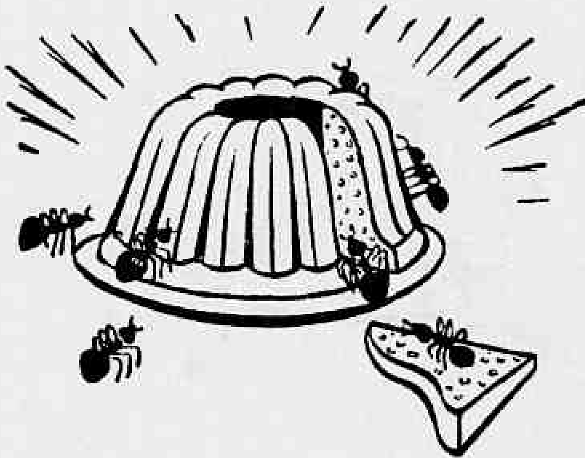
(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º
São Paulo
Remessa pelo Reembolso Postal

"Hóspedes indesejáveis"

...são baratas e formigas que invadem a cozinha para estragar e contaminar os alimentos.



Proteja armários e prateleiras com NEOCID em pó, que não transmite cheiro à comida e é inofensivo.

Prefira a lata grande — a embalagem mais econômica do NEOCID em pó

NEOCID

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Jasmin — Super	10,00	22,00	30,00
Violeta B — Super	13,00	22,00	30,00
Q. Fleurs — Super	15,00	25,00	35,00
F. Amor — Super	15,00	25,00	35,00
Mitziko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25.00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,00
Narciso N — Super ..	25,00	35,00	40,00
Pretx. Super	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super	35,00	45,00	55,00
Escândalo — Super ...	35,00	45.00	55,00
Tabul GR — Super.	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	90,00
Souppless LF	50,00	70,00	90,00
Biarritz LF	50,00	70,00	90,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	90,00
Arabesque LF	60,00	80,00	100,00
Heno del Campo LF ...	60,00	80,00	100,00
Casino LF	60,00	80,00	100,00
Violette Feuilles LF ...	85,00	105,00	125,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105.00	125.00
Champagne LF	60.00	80,00	100,00
Despesas Reembolso ..	9.00	9.00	9.00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A Feira das Essências

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

E pôsto que o povo a aplaudisse no palco, ela mostrou que também sabia pintar, e esculpir, e escrever novelas, quase com igual perícia. Executava retratos e bustos dos amigos, tendo seus trabalhos expostos nas Beaux Arts. Escreveu uma peça que alcançou largo sucesso, escreveu um romance que não foi um grande fracasso, estudou medicina, e se tornou exímia anatomista. Era um dêsses gênios para quem "a verdadeira recreação é uma mudança de trabalho".

(Cont. no próximo número)

UMA CAMPANHA...

(Cont. da pág. 15)

para a próxima legislatura constituiu, sem dúvida, novidade. Modificaram-se os costumes. Já não existe a linha observada durante os parlamentos do Império. Numa propaganda "a la volonté", nos moldes caricaturais norte-americanos, grotescamente se iniciou entre nós uma indústria eleitoral, baseada nos "jingles", nas frases de almanaque, nos nomes em chapa, na profusão de cartazes e nas passeatas carnavalescas, como se fôssemos eleger uma Rainha Momo qualquer. Os cabos eleitorais nunca foram tão ativos, mas e estas horas êsses cavalheiros espertos, empreiteiros de uma nova, rendosa e periódica profissão, devem ter duas dificuldades para explicar seus fracassos. Essa descida do conceito da vida política em nosso país é devida à má atuação do legislativo anterior, cujo exemplo não dignificou a democracia brasileira. Mas, enfim, alguma coisa sempre se salvou. Os meios e a maneira por que foi conduzida tôda a campanha evidenciam uma grande verdade: absoluta liberdade de opinião e expressão; não houve restrições nem censura de espécie alguma, isso é bom dizê-lo bem alto, especialmente no estrangeiro, para que saibam que no Brasil as eleições foram LIVRES. E os resultados até agora obtidos permitem-nos afirmar também que, apesar da campanha ridícula efetuada, o povo não se deixou impressionar. Tinha uma opinião formada e a manteve. Em que lugar do mundo o candidato do govêrno perde e a oposição ganha com tanta lisura? Na história brasileira é a primeira vez que isso acontece, e no mundo, raros são os exemplos! E' a vontade do povo que será mantida e respeitada. Se um dia êsse mesmo povo se arrepender da escolha feita, pelo menos terá a consolação de dizer que pelo voto secreto conseguiu uma grande vitória democrática, e que a sua opinião prevaleceu sôbre qualquer sugestão espúria. Como tudo o que é jovem e forte, também o Brasil realizou a campanha eleitoral de maneira estouvada, importando métodos na moda, adaptando-os ao clima quente do país, dando-lhe tôda a efervescência do sangue poli-racial, brincou como no carnaval. Foi, enfim, "uma campanha alegre", própria da mocidade, como diria Eça de Queiroz, ao lembrar suas façanhas ao lado de Ramalho Ortigão nas "Farpas". Como o grande estilista português, também o Brasil terá tempo de sobra para adotar novos métodos

TUDO KUABA!...

(Cont. da pág. 50)

ba! — exclamou. Exu... êêêh Exu! Tudo koaba!..." Veio a primeira galinha. Duas filhas de santo a seguraram. Tia Lúcia cortou a cabeça da ave. Depois mais um pedaço do pescoço. Arrancou penas do peito, das asas, e finalmente untou tudo com muito azeite de dendê, sal e pemba moida e colocou dentro de uma tijela de barro. Deixaram o sangue escorrer em cima dos papéis que eram pedidos.

Outro grito... outro sinal... e outras cânticos foram entoados.

— "Ogum!... Saravá Ogum..." — exclamou Tia Lúcia. Trouxeram a imagem de São Jorge e uma galinha preta. O mesmo processo; com a diferença apenas de que a cabeça da galinha foi torcida e arrancada; isto é, não foi usada a faca.

Para Yemanjá foi arrancada a cabeça de um pato. Para São Cosme e São Damião foram arrancadas as cabeças de duas galinhas ao mesmo tempo. Para Oxalá trouxeram dois pombos. Tia Lúcia colocou a cabeça de cada um entre os dedos grandes e médios de cada pé e puxou de uma vez.

As aves mortas são transformadas em farofa (farofa amarela) com muito azeite de dendê e posta nas encruzilhadas, por ordem dos Orixás. Cada santo tem a sua bebida predileta. Para Ogum, por exemplo, a bebida é cerveja; para Iansan, moscatel e mel de abelha; a para Omolu, cachaça. A tudo isso junta-se boa salada, vatapá, angu, acarajé, leite de côco e outras coisas gostosas. Dizem que o espírito dos alimentos é comido pelos santos.

A propósito, vem-nos à mente o que Alberto Freire escreveu em "Casa-Grande e Senzala": "...Sabe-se que os afros-brasileiros, principalmente na Bahia, preparam quitutes especiais, que reconhecem uma origem religiosa, e que tornaram tão afamada a culinária baiana."

Depois do "sacrifício" dos "bichos" de dois pés, tem começo o grande cerimonial para a matança do bode prêto em holocausto a Exu. Os grandes pedidos, os assuntos importantes, só Exu pode resolver. Só êle tem a fôrça necessária de "encruzar" espírito "trapalhão". Para êsse ato todos se levantam e cantam:

"Encruza, encruza
Êste filho de Umbanda
"Encruza, encruza
Na Lei de Umbanda."

Um garôto, puxando o bode, dá sete voltas ao redor do busto de Exu, que se acha no centro do terreiro. Depois leva o animal para a casa do Orixá que fica retirada. Mas cá, no terreiro, há um verdadeiro delírio. Muitos dos assistentes (principalmente as mulheres) caem em transe. Passados alguns minutos dois homens trazem o bode e ajoelham-se frente ao altar. E' o momento supremo. Tia Lúcia, em transe, com olhar espavorido, toma de uma faca especial e marca no pescoço do bode o lugar onde vai cortar. Antes, porém, pára, olha a assistência, como que para sondar o efeito do que faz. Há uma aflição e uma seriedade em todos os semblantes. Todos esperam por aquêle ato... donde há de vir, como um milagre, a solução dos seus problemas. Um dos homens segura a bôca do animal e Tia Lúcia decepa-lhe a cabeça e lava a estatueta do Orixá com o sangue do bode. Nesse momento(e precisamente nesse momento) todos cantam:

"Exu sete bandas que é um amor"...
"A volta do mundo é grande..."

O sangue que escorre na estatueta cai num recipiente em forma de gamela. Tia Lúcia põe dendê, mel de abelha e álcool; mistura tudo, risca o fósforo e exclama: — "Exu! Fogo! Fogo! O Fogo é sagrado!" O bode é recheado com as comidas que já estavam prèviamente preparadas. Depois de tudo, tal qual Pilatos, Tia Lúcia lava as mãos, ao passo que as filhas de santo cantam:

"Êle é... êle é filho de Aruanda
Êle vai... êle vai...
Vai para sua banda
Êle vai... êle vai...
Mas torna a voltar."

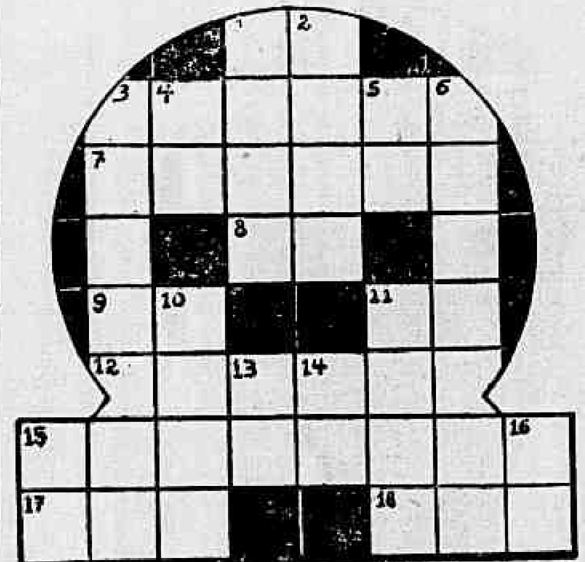
"O amálgama de concepção heterogênea é um fato" — escreveu João do Rio. A doutrina de Umbanda acha que os Orixás Maiores nunca baixam à terra, enviando sempre representantes. Pelo seu contacto cada vez maior com a Igreja, os padres, na Bahia, têm atuado com muita inteligência, trazendo para as cerimônias católicas os filhos e as filhas de santo. E' que os umbandistas vêem em Cristo, São Jorge, Santo Antônio, São Cosme e São Damião, etc., nada mais nada menos, que manifestações de seus Orixás. Mas o interessante é que as identificações variam de Estado para Estado, e até de localidade para localidade, dando bem conta como os sacerdotes de tôdas as crenças são entendidos nos negócios de Aruanda, ou do Céu.

Obatalá ou Oxalá, em Cuba, por exemplo, ora é a Virgem das Mercês, ora o Santíssimo Sacramento, ora Cristo Crucificado. Já na Bahia é o Senhor do Bonfim. Ogum, em Cuba, é São Pedro; na Bahia, Santo Antônio; no Distrito Federal, São Jorge. Na Bahia, Oxoce é que é São Jorge, enquanto que em Cuba o tomam por Santo Alberto. Xangô é, em Cuba, Santa Bárbara; na Bahia, ora Santa Bárbara, ora São Jerônimo. Ibegi, os gêmeos, correspondem a São Cosme e São Damião. Yemanjá a N. S. do Rosário e também a N. S. da Piedade. Omolu a São Bento. O Diabo a Exu.

Por êsse processo com o correr do tempo, a Igreja absorve a Umbanda. Daí os padres da Igreja do Bonfim, na Bahia, ficarem muito satisfeitos quando vêem no meio do rebanho católico os babalaôs, os ogans e os *mediuns*, de velas nas mãos, reverenciando nos santos dos altares os seus Orixás.

PARA NOVATOS

PROBLEMA N. 24

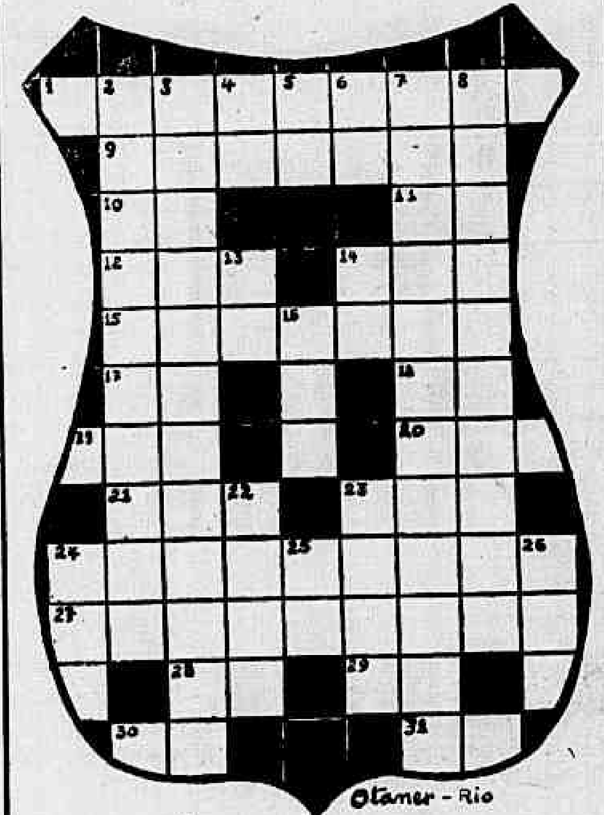


HORIZONTAIS: — 1 — Aqui — 3. Gradear com arame — 4. Abrigo para automóveis — 8. Atmosfera — 9. Artigo plural — 11. Instrumento agrícola — 12. Bater-se em duelo — 15. Telegrafaram pelo cabo submarino — 17. Argola — 18. Senhor.

VERTICAIS: — 1. Rosto — 2. Gostar — 3. Causar boa impressão, contentar — 4. Batráquio — 5. Símbolo químico da prata — 6. Oraram — 10. Trepo — 11. Estado do Brasil — 13. Forma arcaica do artigo o — 14. Alí — 15. Nêste lugar — 16. Pedra de moinho.

PARA VETERANOS

PROBLEMA N. 24



HORIZONTAIS: — 1. Democrata — 9. Fraudulento — 10. Prefixo que traz a idéia de falta, privação — 11. Espécie de flecha usada pelos antigos turcos — 12. Peça que entalha no contracadaste do navio — 14. Escolho — 15. Estranham — 17. Vila da Itália, na Liguria 18. — Vila de Portugal, freguesia do distrito de Bragança — 19. Vermelhidão — 20. Upa! — 21. Sem quebra nem defeito — 23. Espécie de maçã vermelha — 24. Vil — 27. Levianas — 28. Prefixo que traz a idéia de tendência — 29. Prefixo que indica direção — 30. Corifeu — 31. Epiglote.

VERTICAIS: — 2. Pantanosas — 3. — Que fazem guerra — 4. Instrumento de música chinês, semelhante ao tambor — 5. Prefixo que indica privação — 6. A mãe de todas as cousas, na mitologia amazônica — 7. Que imita o objeto significado — 8. Relativa à locomoção — 13. Cidade da Bélgica — 14. Feições — 16. Vila na ilha de Luçon (Filipinas) — 22. Orixá que preside às lutas e guerras — 23. Roedor, espécie de esquilo — 24. A ponta do cabo com que se vira a vela (pl.) — 25. Vapor — 26. Décima nona letra do alfabeto gótico.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NÚMERO ANTERIOR

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Pará — Tarugo — Mel — Iria — Chover — Laçada — Aça — Ir — Orar.

VERTICAIS: — Palhaço — Ar — Ruiva — Agredir — Tecla — Oirar — Ocar.

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Rim — Lemas — Acidentes — Cansara — Tor — Ebó — Ema — Seu.

VERTICAIS: — Retintos — Imenso — Mastaréu — Laca — Soer — Ácie — Sapa.

LUSTRES DE CRISTAL
de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência.

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FACILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nossa exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação.

EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS

DEPOSITO E EXPOSIÇÃO:

GALERIA SÃO PEDRO
AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428
JUNTO AO TÚNEL NOVO

TUDO KUABA!... SARAVÁ OGUM!

(Cont. da pág. 31)

mediuns, capazes de receber os Orixás. São os aparelhos, os cavalos, os moléques dos Orixás. Durante a manifestação dessas entidades ficam os irmãos em **estado de santo**, quer dizer: — em transe mediúnico.

H também os músicos com o seu chefe à frente — o **Alabê**.

xxx

— Na Umbanda há a crença num Deus supremo, num Pai dos Orixás, criador do Universo e que só se manifesta através dessas divindades. O seu nome varia com os povos e num mesmo povo com as religiões e a época.

Para os nagôs, êsse **Deus Maior**, êsse **Rei da Glória**, êsse **Senhor de Aruanda**, é **OLORUM**. Pelo Brasil a dentro, onde predominam os bantús, são comuns êstes nomes: — Zambi, Zambi — Ampungu, Zambiapungo, Zamuripunga, Zambi-pombo, Ganga, Ganga — Zamba, Gana-Zana ou Malungo.

Depois de Olorum, os principais Orixás do culto nagô são: **Xangô**, que é adorado como o Orixá do relâmpago e do trovão; **Ogum**, da guerra e do ferro; **Oxoce**, da caça; **Omolú**, da peste; **Nanan**, da chuva; **Yemanjá**, da água salgada; **Oxum**, da água doce; **Yansa**, do vento e da tempestade; **Oxun-Maurê**, do arco-iris e **Beji** (ou **Ibeji**) dos gêmeos.

Cada Orixá possui o seu próprio **fetiche**, a sua insígnia, o seu dia sagrado, os seus alimentos preferidos, as suas cores e vestes, inclusive contas e o seu grito próprio. Raramente os **fetiches** são imagens esculpidas; os umbandistas fazem questão das coisas da natureza. Êsses objetos em cada terreiro ficam no Pegi, isto é, no Santuário ou Altar. Um sacerdote auxiliar — o **Achogum**, de quando em quando leva-os, e nas ocasiões executa os sacrifícios de animais (os embés) e as **oferendas** ou **despachos** (ou obós), de animais e bebidas.

xxx

— As seitas mais antigas e mais respeitadas são tidas como de origem nagô (Yoruba), ou gêge (êwê), ou representam uma fusão no Brasil dêstes dois grupos de rituais e crenças africanas, que parecem ser intimamente apartadas.

Em particularidades de línguas, vestimentas sagradas, dansas, cantos, divindades, etc., êsses centros diferem dos condomblés conhecidos como **congo** ou **angola**, onde se fala um dialeto bantú. Loanda e benguela se tornaram lugares sagrados onde o chefe angola Kissimbe é objeto de culto. Diferem também dos **candomblés** de organização mais recente chamados de **caboclos**, cujo ritual, variando de seita para seita, é uma mistura de outros cultos de origem africana, juntamente com divindades e dansas de origem Tupí, incluindo Tupã a divindade Tupí, e Tupinambá, que parece ser uma personificação da tribo dêsse nome a qual habitava a costa baiana na época da chegada dos europeus.

AS ENTIDADES

— Para Umbanda existe um número sem conta de entidades menores — esclarece Tia Lúcia. São ao todo **sete legiões ou sete linhas** de espíritos, cada qual tendo o seu chefe ou regente. Cada legião dispõe de sete grandes falanges, como um chefe ou ministro.

1a.) — **Linha de Oxalá**, dirigida por Jesús Cristo. Integram-na os espíritos de padres, frades, freiras e quantos indivíduos que foram grandemente religiosos. Compreende as legiões de Santo Antônio, São Cosme e São Damião, Santa Rita, Santa Catarina, Santo Expedito, São Benedito e São Francisco de Assis.

2a.) — **Linha de Yemanjá**, dirigida pela Virgem Maria. Destina-se a proteger os marinheiros, encaminhar no espaço os irmãos que desejarem progredir, a amparar na terra as mulheres. Dispõe dessas legiões e das sereias, sob a chefia de Oxum; a das ondinas, de Nanã Burucú; e das caboclas do mar, de Indaiá; a dos marinheiros de Tarimá; a dos caboclos dos rios de Yara; e dos Calungas, Calunguinhas; e a da Estrêla Guia de Maria Madalena.

3a.) — **Linha do Oriente**, dirigida por São João Batista, formada com os mêstres do ocultismo (cartomantes, astrólogos, grafólogos, etc.). Manobra as legiões dos indios de Zartú; dos médicos e cientistas do espaço, de José Arimatéia; dos árabes, marroquinos e jimbaruê; de japonêses, chins, mongóis e esquimós; de Osi do Oriente; dos egipcianos, aztecas, incas e outros antigos povos; de Ynhoarairi; dos indios caraíbas; de itaraiaci; e dos gauleses, romanos e outros povos europeus, de Marco 1.

4a.) **Linha de Oxoce**, dirigida por São Sebastião e constituida pelos espíritos de caridade, que ampararam os sofredores, com passes como com ervas. Compreende as legiões de Urubatão, Arariboia, Caboclo das Sete Encruzilhadas, dos Peles Vermelhas, dos Tamoios, da Cabocla Jurema e dos Guaranís.

5a.) **Linha de Xangô**, dirigida por São Jerônimo. E' a linha da justiça, que recompensa e pune, que eleva os que se humilham e rebaixa os que se vangloriam. Dispõe das legiões de Inhansã, Caboclo do Sol e da Lua, Caboclo do Vento, Caboclo das Cachoeiras, Caboclo Treme-Terra e dos Pretos-Quenguelê.

6a.) — **Linha de Ogum**, dirigida por São Jorge. E' a linha das grandes demandas. As suas sete legiões têm por intermediários de **Ogum** — ó Beira-Mar, o Rompe-Mato, o Iára, o Mêge, o Naruê, o Malei e o nagô.

7a.) **Linha Africana**, dirigida por São Cipriano e composta dos espiritos de pretos de várias raças. Formaram-na as legiões do Povo da Costa; de Pai Cabinda; do Povo do Congo; de Rei do Congo; do Povo de Benguela; do Pai José; do Povo de Angola; do Pai Benguela; de Moçambique; do Pai Jerônimo; do Povo de Loanda; do Pai Francisco; e do Povo da Guiné e Zun-Guiné. São os grandes feiticeiros de Umbanda.

xxx

Tia Lúcia fez uma pausa... acende o cachimbo... manda dar o último sinal e acrescenta:

— Agora o sr. vai assistir aos nossos «trabalhos» que são feitos no verdadeiro ritual da Umbanda. Hoje haverá o sacrifício de bichos de 2 e de 4 pés; isto é, **para Exú** vamos matar um bode preto para que êle bebendo o seu sangue interceda junto ao seu Orixá por essa gente que está aí carecendo de ajuda.

INICIO DOS «TRABALHOS»

Entramos no terreiro. Lá já estava o fictício leitor que nos acompanhava. Pés descalços, sentado numa esteira, no meio dos homens; isto é, do lado direito do altar. Do outro lado estão as mulheres. A nós outros foram concedidos lugares de honra; isto é, junto a Tia Lúcia.

No chão do terreiro, coberto por uma longa toalha branca achavam-se todos os apetrechos para os «sacrifícios». A um sinal de Babá, roncaram os atabaques e ecoaram os cânticos de invocação. E os espíritos não se fizeram esperar. As mulheres (sempre em primeiro lugar as mulheres) entraram em transe. Tia Lúcia jogou os búslos. «Tudo kua-

(Cont. na pág. 49)

TRAGEDIA FEMININA

É tão delicada e sensível a saúde feminina, está ela sujeita a perturbações tão frequentes e torturantes que um célebre autor deu a uma obra sua a respeito este titulo sugestivo: «A TRAGÉDIA BIOLÓGICA DA MULHER». Sim, a tragédia feminina, os mesmos e dolorosos sofrimentos todos os meses do ano e todos os anos da vida. Perturbações de toda ordeb, dôres, mau estar, nervosismos, desânimo. E a triste perspectiva de males que se não forem bem cuidados se tornarão crônicos e incuráveis! Gentil leitora: não permita que a sua vida se transforme em tal tragédia! A ciência coloca ao seu alcance o seu grande remédio — o remédio capaz de afastar os seus males femininos, porque é fabricado de acôrdo com a natureza deles — Regulador Xavier. O Regulador Xavier Nº 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas consequências. O Regulador Xavier Nº 2 na falta ou diminuição de regras e suas consequências. O Regulador Xavier — o Nº 1 ou o Nº 2 de acôrdo com o seu caso — combaterá eficazmente os seus males e riscará do seu calendário os dias tristes e dolorosos. Faça do Regulador Xavier o guardião da sua saúde e vida alegre e feliz todos os dias do mês e todos os meses do ano.

BARÔMETRO HUMORÍSTICO

UM ADÔRNO CURIOSO, QUE ASSINALA AS MUDANÇAS DO TEMPO E PROPORCIONA GOSTOSOS MOMENTOS DE BOM HUMOR

ESCREVA-NOS PEDINDO UM E PAGUE AO CORREIO SOMENTE QUANDO RECEBER O VOLUME

★

Preço: Cr$ 25,00
sem mais despesas

★

PARA REVENDEDORES TEMOS PREÇO ESPECIAL PARA PEDIDOS DE DÚZIA



Fábrica "EGLY"

Caixa Postal, 1049
SANTOS (Est. São Paulo)

Para qualquer ponto do Brasil e a Buenos Aires

SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL LTDA.
Av. Rio Branco, 128
Informações - Tel. 42-6060

COMO OS RUSSOS CONSEGUIRAM O SEGRÊDO DA BOMBA ATÔMICA - III

CENTROS DE PESQUISAS DO BLÓCO OCIDENTAL E O RELATÓRIO BRITÂNICO SÔBRE AS EXPLOSÕES NO JAPÃO

Por JOHN WALSH

NÃO há nenhum segrêdo quanto à localização dos centros de pesquisas atômicas do blóco ocidental. Os Estados Unidos possuem dois importantes centros de produção atômica, um em Oak-Ridge, no Estado de Tenessee e outro em Hanford, próximo de Washington. Êste último ocupa a superfície de seiscentas milhas quadradas. Com a produção atômica estão ligadas também as cidades de Berkelley, na Califórnia, Los Alamos, no Novo México, Chicago, em Illinois, Camp Upton e Shenectady, em New York. Os Estados Unidos consomem mais ou menos 360 toneladas de urânio por ano. Em 1942 importaram 460 toneladas. Receberam as matérias primas das minas de Katanga, no Congo Belga e do Great Bear Lake, no Canadá. Este produto tem grande percentagem de urânio mais do que veiu das minas checoslovacas: uma tonelada de urânio produzida por duas toneladas de matéria prima vinda do Canadá ou do Congo Belga e de 33 toneladas de matéria procedente da Checoslováquia e da Alemanha.

Os Estados Unidos gastaram para a construção destas usinas, mais de três bilhões de dólares. Gastaram em 1947, 400 milhões para as armas atômicas, 500 milhões de dólares em 1948 e para êste ano prevê-se maior orçamento.

O Canadá têm suas usinas em Chalk River, que produbem plutônio, elemento indispensável para a produção de bombas atômicas.

Na Inglaterra, o centro de pesquisas encontra-se em Harwell, próximo de Oxford.

Na França existe há três anos o comissariado de energia atômica, dirigido pelo professor Frederic Joliot-Curi. O Orçamento do comissariado é de 4,5 milhões de dólares por ano.

A missão britânica que passou o mês de novembro de 1945 em ambas as cidades japonêsas atingidas pela bomba atômica, anunciou seu relatório em Stationery Office.

Se a bomba atômica explodisse sôbre uma das cidades britânicas — com amédia de casas e de moradores — sendo do mesmo tamanho que as bombas americanas lançadas sôbre Hiroshima e Nagasaki, seriam 30.000 casas destruidas completamente, 35.000 muito danificadas e 100.000 menos danificadas, 400.000 habitantes ficariam sem têto, dos quais sòmente a metade poderia voltar futuramente às casas reparadas. Cerca de 50.000 habitantes morreriam no momento da explosão da bomba ou dentro de oito semanas após à explosão. 50.000 habitantes teriam que ir para os hospitais restabelecerem-se.

E' conveniente notar que durante a guerra de 1939-1945 morreram em Londres 30.000 pessoas e em toda a Grã-Bretanha, 60.000.

O centro da explosão da bomba pôde ser fixada em ambas as cidades japonêsas com exatidão.

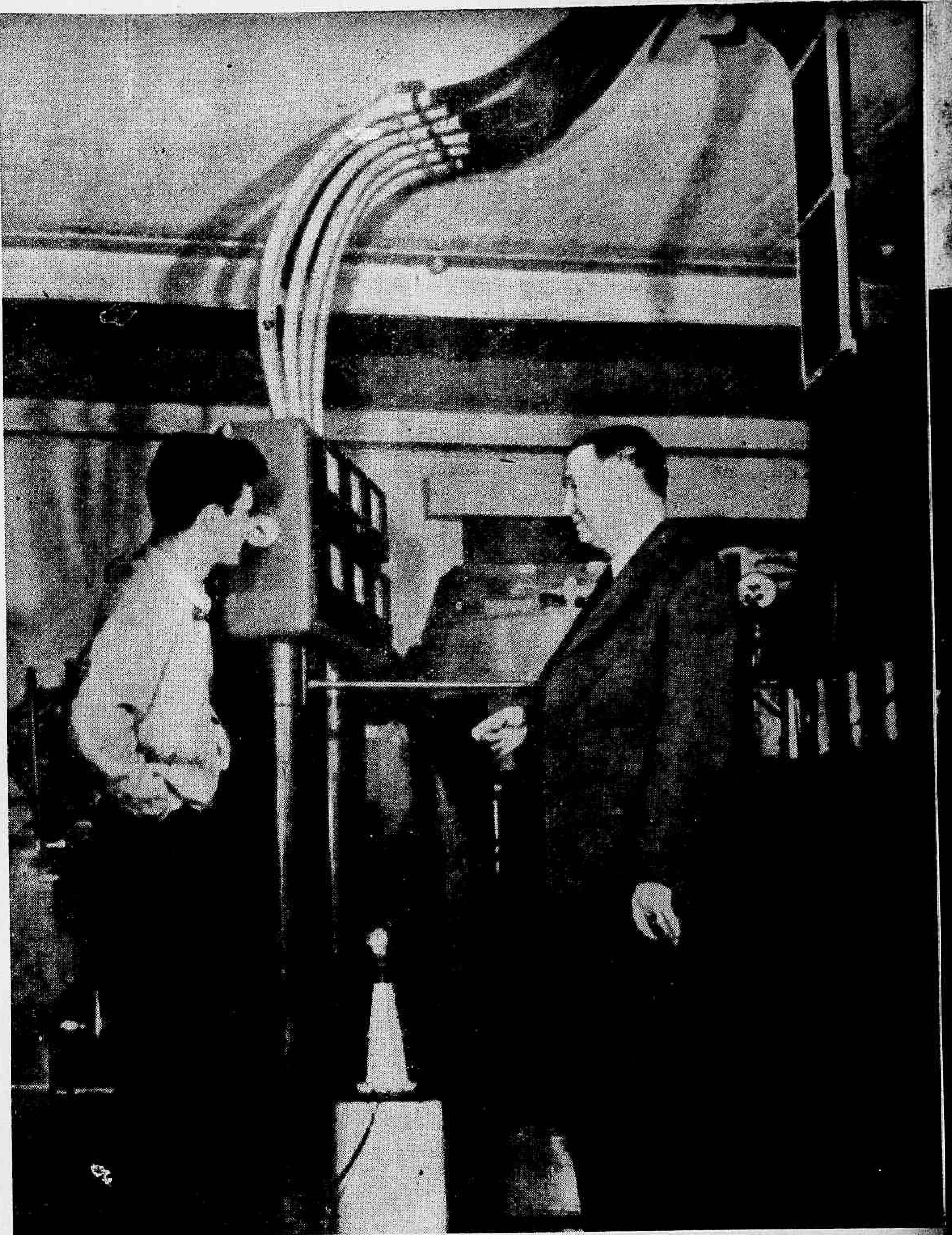
No raio de 1/4 de milha do centro morreram 95% da população. De 1/4 a 1/2 de milha morreram 85%. De 3/4 de milha do centro morreram 58% e no raio de uma milha 35%. No raio de 1 a 1/2 a 2 milhas de 13 a 0,5%.

A altura da explosão da bomba, em ambas as cidades, não foi anunciada. O relatório britânico diz que, se a bomba explodisse mais baixo, o raio de morte seria menor, porém mais forte.

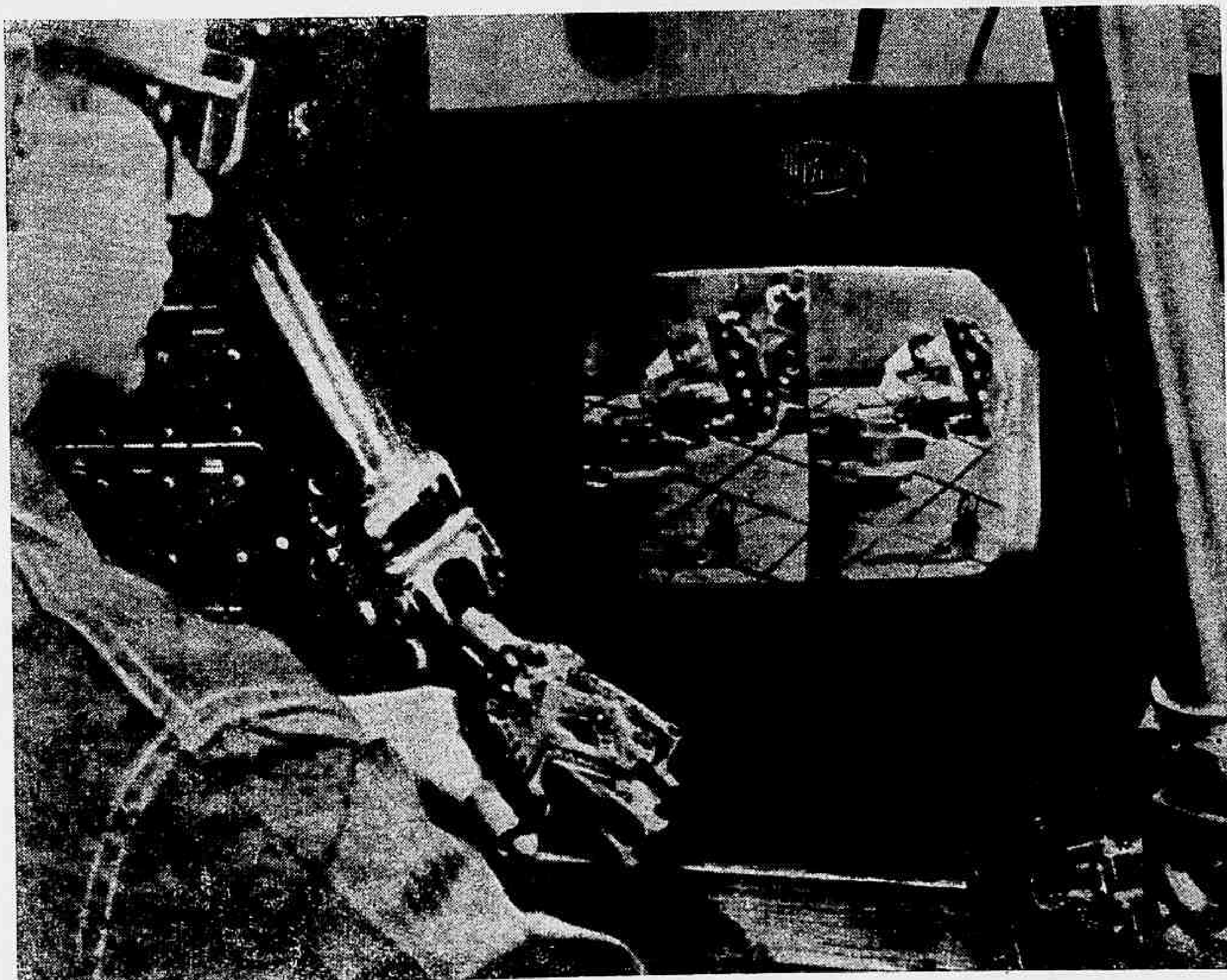
Já é conhecido o resultado das explosões em Hiroshima e Nagasaki, isto é: Hiroshima 80.000 mortos e 70.000 feridos. Nagasaki 40.000 mortos e 40.000 feridos.

No livro «One World or None» (London, 1947) seu autor friza que no caso de uma explosão de bomba atômica num bairro de New York, o número de mortos é calculado em 300.000, se a bomba tiver a mesma força explosiva das usadas contra o Japão.

Por sua vez, Bertrand Russel acha que se a guera começasse com um ataque inesperado contra Londres ou Glasgow, em dois dias estas cidades seriam completamente destruidas, devido ao grande número de habitantes em pequeno território. Nêste ponto-de-vista, a situação dos Estados Unidos é um pouco melhor. (I.P.A.) — FIM.



GRANDES ESTUDOS estão sendo realizados na Suécia, sôbre o emprego da energia atômica para fins pacíficos. Vê-se na fotografia o Prof. M. Siegbhan, do Inst. Nobel de Estocolmo, e seu assistente, controlando um separador isotópico.



EM LOS LANOS, Estados Unidos, êste engenheiro especializado em energia atômica, trabalha «à distância», por meio de aparelhagem de televisão tridimensional. Esta fotografia foi tomada nos estabelecimentos onde se fabrica a bomba atômica.

FÓRA DA TELA





BELO "CLOSE-UP" da formosa Maria Montez, jovem que foi educada num convento das C nárias e que se tornou uma das mais festejadas artistas do cinema. Maria Montez é ho espôsa do astro francês Jean Pierre Aumont e está se transformando numa parisien



MARIA MONTEZ há mais de dois anos que deixou a capital do Cinema, Hollywood e morar em Paris, com o espôso, Jean Pierre Aumont e sua filhinha de 5 anos. Simpátic atraente, a estrêla de S. Domingos gosta de saír a compras pelos mercados livres de Pa



QUEM DIRA' que essa dama elegantíssima e bela, numa atitude de oradora em comício político, é a veterana do cinema Gloria Swanson? Ao lado, outro gênio da "camera", Cecil B. de Mille, um dos mais famosos produtores e a quem devemos filmes inesquecíveis.



ELIZABETH TAYLOR embora estivesse em lua-de-mel, em Roma, ficou tão interessada com a filmagem de "Quo Vadis?" que convenceu Marvyn Le Roy a dar-lhe uma ponta como uma das mártires cristãs. E aqui a vemos na cena em que foge de um soldado de Nero.



TAMBÉM EM HOLLYWOOD há mães exemplares, espôsas que não trocam de maridos. Aqui está Maureen O'Sullivan (à esquerda). E' casada há 14 anos e tem seis filhos. A outra, espôsa de Reginald Gardiner, recusou o cinema para cuidar da educação do filho.



CONHECE, LEITOR, êsse belo cão? E' Lassie, o famoso pastor escocês. Como celebridade cinematográfica, tem regalias de príncipe: dispõe de palácios, criadagem, médicos, "aias" e de maravilhoso jardim onde pode brincar e correr. Mas tudo, dentro de horários...

QUAL SERÁ O RESULTADO DESSA ATITUDE DE ELLEN?

Na manhã seguinte...
Bom dia, Kent! Lindo dia o de hoje!
Desça essas venezianas!

Tenho que fazer algo de útil! Também moro aqui e tenho dispendido meu tempo aqui em seu quarto! E' parte do meu contrato. Mas já me sinto doente de estar vivendo numa masmorra. Quem está vivo precisa de ar e sol!
Como se atreve! Retire-se! Mande Crisfield imediatamente!

Sinto muito! Crisfield saiu para um mandado meu. Palmer estará aqui dentro em pouco com o rádio. E quando eu tiver tempo irei à cidade comprar um aparelho de televisão!

Enlouqueceu? Não ouço rádio desde... — Oh! se me pudesse mover! — ...desde que fui àquela cerimônia, porque era a vontade de minha mãe. Mas agora nada mais interessa...
Se nada mais interessa por que está você aí a vociferar? E, já que não lhe interessa mais nada vou agora desfrutar um pouco mais de vida aqui!

Leve isto para fora antes que eu lhe meta uma bala!
Oh! Mrs. Garvin, está vendo? O meu jovem senhor quer atirar em mim. Êle não tem feito nada desde...
Deixa! Êle está-se portando como uma criança! Não ligue. Traga o rádio e o ponha na mesa, Palmer.

Oh! Se ao menos eu me pudesse mover! Como se ainda não fôsse pouco encontrar-me assim, ainda tenho que suportar o demônio de uma mulher! Pobre mãe! Imagino como não foi iludida por você!

5

Não sei se ajudei a Kent ou se o tornei pior. Mas reconheci que ficou a odiar-me! Quando Crisfield voltou com um cãozinho que eu pedira que me comprasse, seria isso a última impertinência, pois Kent me chamou intrometida e extravagante!
Talvez que eu seja tudo aquilo que, de ruim, disse Kent! Errei ao casar-me com êle! Fui louca ao pensar que o curava! Entretanto... eu o amo!

E' Crisfield, Mrs. Garvin! Mr. Garvin está muito agitado. Parece febril e não posso tranquilizá-lo! Chamo o dr. Vernon?
Êle sente falta de mim!
Irei já até aí, Crisfield!

Preciso continuar a mostrar-me superior! Êle não poderá saber como me sinto.
Que se passa com você Kent?
Eu... eu me sinto com vontade de viver!! Não devia estar assim! Não posso viver sem Claire, sem minha mãe! Devo morrer!

Que covardia essa sua! Então tem vontade de morrer ou está incapaz de enfrentar a vida! Apenas porque houve um acidente que não pôde evitar, quer agora o caminho mais repelente!
Você é mesmo um duro coração! Talvez eu precise mesmo de uma criatura como você!

Sùbitamente me lembrei de todos os meus sonhos acêrca de Kent, quando ainda estava eu muito longe da realidade de agora. E me mostrei selvagem!
Sem dúvida! Sou áspera! E você precisa de mim! Por isso sua mãe comprou uma espôsa como eu! Isso o despertará mais um pouco, Kent Garvin!

Ellen, venha cá!
Boa noite, meu espôso!

Oh! Como pude fazer aquilo? Estou envergonhada! Agora é que êle vai ficar furioso comigo! Mas, vamos ver o resultado. Talvez dê certo!

6

ENTRE A PIEDADE E O AMOR

TUDO ISTO ACONTECEU

NASCEU AOS 9 ANOS



QUEM nasce cego e assim vive e assim morre depois de peregrinar nesta vida, é quase o mesmo que não ter nascido. E' verdade que, segundo inquérito entre cegos de nascença, estes não se julgam infelizes. Vivem conformados na escuridão de sua existência, e, como Deus tudo faz com as suas compensações, têm os cegos certos sentidos muito mais desenvolvidos do que os que têm a luz dos olhos. Assim, o sentido da audição é, nos cegos de nascença, de uma perfeição admirável. Basta falarmos uma vez com um cego para êle gravar a «imagem auditiva» em seu cérebro e saber quem lhe fala novamente. O tato é também outro privilégio dos que não vêem, nem jámais viram. E o conceito de Beleza, de cores, do mundo exterior que têm os cegos? Já conversou o leitor com uma dessas pessoas sôbre o amor? Que idéia maravilhosa faz um adulto cego a respeito do perfil, do rosto, da simpatia de sua amada! Vivem em perpetuo sonho. Os devaneios dos cegos são uma cousa notável. Mas, é evidente, não há cego que não deseje vêr. Por mais belo que seja o seu mundo de sombras, se os olhos vissem, seria maior a felicidade. Vejamos o que acaba de suceder com uma criança do sexo feminino no hospital de Varese, na Itália. Era ela cega de nascença. Mas, a conselho de pessoas da família, foram submetê-la à intervenção cirúrgica pelo famoso oculista Prof. Grancini. O médico, depois de longos exames, aceitou a incumbência e operou-a. No dia da retirada dos pensos, a menina gritou para sua mãe: «Mamãe! Estou enxergando!». A emoção foi geral; mas, especialmente da criança, que desfaleceu diante do mundo completamente novo que seus olhos via. Nascera aos nove anos de idade...

OS DECOTES DE DENISE



DENISE Darcel, a criaturinha encantadora que trabalhava numa loja de Paris, de tanto ouvir dizer que era uma jovem de lindas formas e de irresistível simpatia, convenceu-se mesmo e passou a achar que deveria vencer o primeiro concurso de beleza que se lhe deparasse. E assim foi. Promoveram na capital da França um concurso de Beleza entre as «vendeuses» e coube a «demoiselle» Darcel o primeiro lugar. Entre os numerosos prêmios, um se contava que muito lhe agradou: estada de oito dias na Riviera. Lá, entre o que havia de granfinismo, estavam os duques de Windsor e a jovem empregadinha foi muito fotografada, tendo conversado muitas vezes com o famoso par. Ao regressar a Paris, já não era Denise Darcel uma «vendeuse». Subira muito. Empresários de «night-clubs» lhe ofereceram tentadores contratos; mas a garota preferiu o cinema. Em 1946 casou-se com o norte-americano William Crosby Shaw e, em 1947, partiu casadinha para os Estados Unidos, país de seus sonhos triunfais. E, logo após sua chegada, conseguiu pequenos papeis em filmes ianques, chamando a atenção de todos por sua plástica e sotaque francês. De pulo em pulo, desempenhou melhor papel em «Battle Ground». No ano passado, representou outro papel; mas êste na vida real: divorciou-se de Mr. Shaw... Tendo lindo busto, a estrelinha francesa gosta muito de usar decotes algo exagerados. Foi assim que enfeitiçou um jovem que, segundo lhe disseram, era milionário e rei do petroleo. Iam casar, mas a data do enlace era adiada constantemente. E' que o moço era mais pronto do que um condutor de bondes. Mas, para mostrar que não era por isso que o casamento não ia, Denise jurou que, se êle pedisse, ela deixaria até de usar grandes decotes...



A SRA. MEI-LIN SOONG, ou seja Mme. Chiank-Kai-Chek, embora já um tanto exausta pela luta sem tréguas que vem mantendo junto ao esposo na defesa dos nacionalistas em face da China vermelha continua firme na ilha Formosa, último reduto de sua pátria ainda livre do domínio de Mau-Tse-Tung. Aqui a vemos, quando visitava em certa parte da ilha um posto militar feminino. Mme. Chiang-Kai-Chek é filha de rico banqueiro, ex-secretário de Sun-Yat-Sen, o proclamador da República chinesa. A família Soong, muito cedo se tornou potentíssima. As irmãs de Mei-Lin (a atual esposa de Chiang-Kai-Chek) casaram-se muito bem; mas, a mais afortunada foi Mme. Chiang, que se educou na América e, com sua inteligência, fez do esposo, simples oficial republicano, o generalíssimo chefe da China por vinte anos.



ÊSTE CIDADÃO RISONHO e simpático entre crianças é o ex-soberano Umberto di Savoia, da família real da Itália. Em recente excursão à Costa de Azzurra, aonde foi em visita à sua real mãe saiu a passear pelas vizinhanças e tomou uma avenida que ia à praia, levando em sua companhia os filhos Maria Pia e Vitório Emmanuele. Embora deseja conservar seu incógnito, foi reconhecido por um grupo de crianças italianas e não pôde deixar de aderir à alacridade da meninada que brincava à beiramar. E, naqueles instantes, o homem que perdeu um trôno e a chefia de uma grande nação, esqueceu por instantes a crueldade do exílio e saboreou as delícias da juventude.



Parece um bailado de boogie-woogie, mas não é. Trata-se de ligeiro conflito em Union Square, na cidade de Nova York, entre populares e a polícia. Um grupo de simpatizantes com os coreanos do norte promoveu um comício naquele local e falavam aos circunstantes pedindo ao govêrno americano «a paz para a Coréia». Sucedeu, porém, que outro grupo não concordou com a sugestão e se deu o chóque inevitável. Os socos e sopapos amiudaram. Compareceu a polícia procurando restabelecer a ordem. Os mais fracos, pegados de jeito, foram ao chão. Os policiais tiveram árduo trabalho para acalmar os ânimos exaltados. Enquanto isso, um cartaz ao fundo, lá na vitrina, diz ironicamente: «It's a Picnic». Sim. E' um piquenique... do barulho!

CURIOSA BRIGA



ASSIM como sucede entre os indivíduos, isoladamente, também, entre as nações, se verificam certos casos de briguinhas mais ou menos inocentes. Os vizinhos de um bairro, às vêzes, cortam relações ou se mostram indiferentes, zangadinhos, com alguma falseta pregada pelos ex-amigos íntimos. A falta de um convite para festas caseiras, o passar e não cumprimentar afetuosamente, etc., tôdas essas coisinhas de nada podem trazer desavenças que se transmitem através de gerações. Assim também entre os povos. Vejam o que nos dizem telegramas do Cairo. Há meses, entre os governos do Egito e do Brasil, ficou acertado um tratado cultural entre ambas as nações. A Universidade do Brasil criaria, em seus cursos, uma cadeira de literatura árabe-egípcia, e, em troca, seria instituída na Universidade do Cairo, uma cadeira de literatura portuguêsa. Assim dizem os jornais; mas achamos que a cadeira cultural do Cairo deveria ser de literatura brasileira, ou talvez, luso-brasileira. Mas isso não vem ao caso. O que desejamos comentar é a indisposição cultural entre as duas nações sempre tão amigas, apenas porque houve algo que não agradou aos turcos no Conselho de Segurança, quando o Brasil teve de tomar atitudes entre a pretensão turca e a do Libano. Por causa, pois, de uma cadeira no Conselho de Segurança, o Egito denunciou o tratado cultural com o Brasil. Vamos, pois, vence a outra e as tropas ocupam o terrificar privados de saber a história e o desenvolvimento da literatura árabe-egípcia, e êles lá, de conhecer melhor os poetas e escritores luso-brasileiros. Mas não há de ser nada. Continuamos com o melhor tratado: o Malba Tahan...

QUE FRIO!



DIZEM os físicos que o frio contrai os corpos. E isso é verdade verdadeira. Vejam os leitores o que sucede quando, aqui mesmo no Rio, a temperatura baixa para menos de 20 graus centígrados. A gente anda todo encolhido, mãos nos bolsos, e, na cama, cada um se enrola mais apertadamente do que embuá com mêdo de ser devorado. Nos anúncios dos bondes também observamos a ação do frio. As fôlhas bem pintadinhas, com desenhos belos e sugestivos, não cabem mais nos caixilhos. Encolhem e, muitas vêzes, caem na careca dos passageiros. Na verdade, o frio contrai os corpos. Mas, até agora, não ouviramos falar de um frio tão terrível que partisse trilhos... na Inglaterra. Que partisse trilhos noutros países de indústria siderúrgica mais frágil e menos aperfeiçoada, vá lá. Mas na Inglaterra? Francamente, é de matar de susto a um leão. Pois foi mesmo o que sucedeu agora a 9 de outubro. Ao voltar de umas férias em sua propriedade escocesa de Balmoral, ia o Rei Jorge VI para Londres, quando, antes de passar o trem real pelo tunel de Watford, aproximadamente a uns dez quilômetros da capital inglêsa, o ferroviário John Kirk, descobriu, providencialmente, um trilho quebrado. Correu o operário cêrca de um quilômetro a fim de telefonar no pôsto mais próximo, ordenando que detivessem o trem e fechassem a linha, pois havia perigo. Voltou, em seguida, e pessoalmente consertou o trilho Por êsse motivo o trem do rei foi desviado e chegou a Euston com 16 minutos de atraso. Dizem que a quebradura do trilho foi obra do frio dêstes últimos dias. Um frio de quebrar trilhos... na Inglaterra, leitor!







TOSCANINI PODERÁ SER PRESO

em Nova York! Foi êste o telegrama que, a 10 de outubro saiu estampado em jornais do Rio, nos serviços da United Press procedentes daquela cidade norte-americana. Mas, por que motivo o velho maestro seria preso? A novidade se explicava: Arturo Toscanini, que deveria chegar aos Estados Unidos pelo «Vulcânia» estava correndo o risco de ser detido pelas autoridades fiscalizadoras dos serviços de imigração pelo fato de já ter sido o maestro italiano «filiado» ao partido de Mussolini. E' curioso notar que Toscanini, que está agora com 83 anos, reside nos Estados Unidos há décadas. Já se recusou a reger para nazistas e, certa vez, na Itália, foi apedrejado porque se negou a executar o hino fascista. Preso por ter cão, preso por não ter...

A GUERRA E O AMOR

O fenômeno não é novo. Sempre que há guerras entre nações, mesmo as mais distantes entre si, logo que uma vence a outra e as tropas ocupam o território dominado, surgem certos casos de amor entre nacionais e soldados das tropas invasoras. A questão está apenas no fator tempo. Se um exército dominasse um país vencido e não o ocupasse por muito tempo, os ódios de parte a parte eram tão grandes que o amor não encontraria terreno para desenvolver-se. Mas, nas modernas concepções da guerra, os soldados dominadores ficam "morando" no país vencido e tal fato cria casos curiosos. Vejam o que sucedeu com o sargento Demetrius Yachanich, de



Nova York. Serviu êle na expedição contra o Japão, e, após a vitória das armas norte-americanas, foi ficando ali pelo país do Sol Nascente. Como já não houvesse mais guerra entre nipônicos e norte-americanos, surgiu uma linda japonezinha de nome Yukie Yabe, que dominou por completo o coração do rapaz. Resultado: uniram-se pelo amor. Dessa união nasceu um garotinho que recebeu o nome de Gabriel Eugene. Mas, como o sargento não obteve licença para legalizar o casamento com Yabe e registrar o filho, foi ficando pelo Japão, enquanto procurava, pelos meios legais, normalizar a situação e voltar para sua pátria acompanhado da mulher e do filho. Mas, as leis americanas não permitiam sua volta. Era uma situação embaraçosa. Mas agora tudo se resolveu. Estava o casal a festejar o segundo aniversário de Gabriel Eugene, e, quando êste soprava as duas velinhas, chegou um telegrama dos Estados Unidos que lhes trazia a notícia alvissareira: Truman assinara a permissão para a mulher de Demetrius entrar nos Estados Unidos. E a festa foi maior ainda!

LAMA SÔBRE O TRONO

DOIS grandes e sisudos jornais de Londres estão atacando, rijamente, o ex-rei da Inglaterra, o Duque de Windsor, por causa da publicação de suas "Memórias" na imprensa norte-americana. O famoso Duque conta a história de sua vida e se demora no episódio do seu casamento com Mrs. Simpson. Dois jornais britânicos se mostram indignados com essa divulgação e chegam a dizer que o Duque jogou lama sôbre o trono inglês. O "Sunday Pictorial" vai além em seus reparos e declara que a versão do Duque sôbre sua renúncia ao trono pela sra. Wallace Simpson, constitui a mais embaraçosa série de confidências reais já reveladas por um ex-monarca da Inglaterra ou de qualquer outro país. Nas "Memórias", vendidas a bom preço à imprensa norte-americana, mostra-se o autor um inimigo do finado primeiro-ministro Stanley Baldwin, bem como do dr. Cosmo Lang, falecido arcebispo de Canterbury. E' que, ambos, se portaram contra o casamento do Duque com a "plabéia"... Outro jornal, "The People", censura o ex-rei e diz que nenhuma atitude mais errada poderia ser tomada por um homem na posição do Duque de Windsor. E termina: "Ao procurar limpar-se, conspurcou nossa família real perante os preconcebidos olhos norte-americanos". Acha a imprensa anti-Mrs.



Simpson que o Duque praticou uma calamidade por ter vendido uma história cujo sentido é o de atirar pedras à realeza britânica. E pedem os jornais que se adotem medidas para impedir que continue a jogar lama sôbre o trono. Mas, francamente, por que o Duque vendeu sua história? Não foi para poder viver? E por que não mora na Inglaterra? Não é por que foi proibido de viver ali, em paz, com sua espôsa?

TERRÍVEL CONFISSÃO

NÃO é de hoje que poetas, escritores e cronistas satirizam as mulheres por causa dêsse negócio de idade. **Com efeito, não é sòmente** *a mulher que procura sempre parecer mais jovem. Os senhores homens também, sempre que podem, tentam ocultar as idades que lhes assentam nas lombadas. Vejam os artifícios de que lançam mão para parecer mais moços: pintam o bigode, ou os raspam cuidadosamente tôdas as manhãs, juntamente com a barba; vão a salões de beleza para a batalha das rugas indiscretas; por vêzes, para ocultar a devastação do crânio, usam perucas sempre que as mesmas exibem um bom aspecto de cabeleira atraente e sempre de uma côr à vontade do cliente. E vão além, os senhores velhinhos: suas roupas são admiràvelmente bem talhadas, corte juvenil, elegante... Recorrem ainda aos perfumes, como se estivessem na flor da idade. Quanto às mulheres, é justo que façam muito mais e neguem já ter passado dos trinta-e-cinco. Só mesmo quando não podem, de maneira alguma, ocultar os sessenta janeiros, fazem um arranjo e declaram, heròicamente, que estão com quarenta-e-cinco. E isso é mesmo grande coragem, especialmente se estão em reuniões chiques e em presença de outras concorrentes à mocidade perpétua. Tudo isso, leitor, vem a propósito*



do momentoso caso que envolveu, em Londres, a famosa estrêla do cinema Marlene Dietrich. Como sabemos, está ela (ou estêve) na capital inglêsa, fazendo filmes. Os jornais de lá, ao se referirem à sua idade, disseram que ela estava com quarenta-e-sete anos! Marlene indignou-se. Quarenta-e-sete, não! Quarenta-e-quatro! Mas, para amenizar a confissão comprometedora, acrescentou: "Sim, porém me sinto como se estivesse com trinta-e-três..." E foi pedir perdão a Deus.

QUE BEIJO!

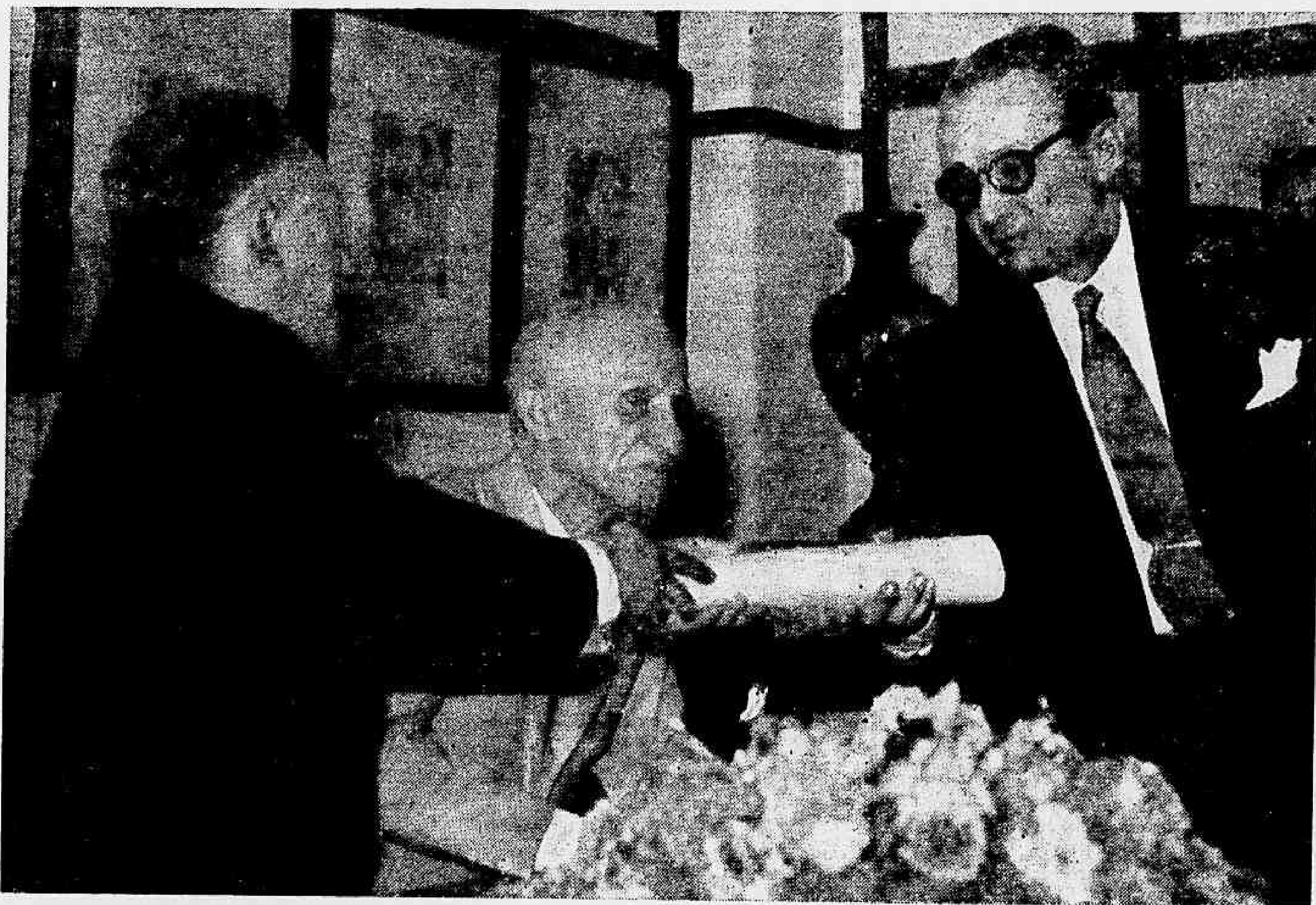
TERESA Maguire, de 34 anos, casada com James Maguire Jr., não era uma espôsa de costumes muito recomendáveis. Gostava de deixar o lar e sair pelos botequins do seu bairro a bebericar com amigas e, por vêzes, com amiguinhos. Agora, em princípios dêste mês, apareceu o seu corpo despido e escondido numa moita em Ozone Park, na cidade de Nova York. A polícia entrou em investigações e, com muita rapidez identificou-a. Era a tal Mrs. Maguire. Continuando as investigações, chegaram a outro resultado: ela, na noite anterior, andara a beber em vários bares, em companhia de uma amiga, residente na rua 101. Bateram à porta. A mulher confessou que, em verdade, fôra companheira da morta até certa hora; depois convidara para se retirarem, mas a outra não concordara, alegando que ainda era muito cedo. E ficou a beber, enquanto ela voltava para casa. Era tudo o que sabia. Sem alardes nem escândalos, a polícia prosseguiu nas buscas e descobriu que, de-



pois da companhia daquela mulher, Mrs. Maguire fôra companheira de vários amigos. De indagação em indagação, ficou provado que o último companheiro da mesma nessas libações fôra um tal Albert Steven, jovem de aparência tranquila, estudante do Instituto de Televisão da RCA, morando na rua 109, da cidade de Nova York. Convidado a comparecer à polícia, não pôs nenhuma resistência, embora se mostrasse inocente. Mas, com jeito, terminou confessando. Matara aquela mulher porque ela lhe dera um beijo tão danado que lhe ferira dolorosa e perigosamente a língua. Para livrar-se da dentada amorosa, deu-lhe um sôco, e, logo depois, matou-a com pedradas na cabeça. Em seguida, deixou-a despida.. Agora... a cadeira elétrica, como epílogo de tão estranho beijo.



ASSIM COMO HÁ CADEIRA ELÉTRICA destinada a punir com a morte os criminosos condenados á pena capital, também a ciência humana construiu uma outra «Cadeira Elétrica» destinada a prolongar a vida entre os homens. El-la aqui. Funciona em Cambridge, Massachusetts, nos Estados Unidos. O dr. Hugh F. Hare, da clínica Lahey, de Boston, (à esquerda) e John G. Trump, docente de eletro-técnica do Massachusetts Institute of Technology, experimentam o novo sistema rotatório para aplicação do Raio X na cura dos tumores profundos. O paciente é o prof. E.W. Webster, colega de Trump. O gerador elétrico produz 2 milhões de volts. Nos últimos seis meses o processo foi aplicado com sucesso em 56 casos de tumores profundos.



A "REVISTA" SÓCIA HONORÁRIA DA S. B. A. T.

POR ocasião das festividades comemorativas do 33.º aniversário da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, transcorrida no dia 27 de setembro último, expressiva homenagem foi dispensada a esta publicação. Pela constante e desinteressada dedicação à causa do teatro brasileiro nas páginas da mais antiga revista ilustrada do Brasil, tarefa a que nos entregamos desde os primeiros números, há meio século, resolveu a SBAT conferir-lhe o honroso título de Sócia Honorária. Homenagem que sobremaneira nos sensibiliza, pelo sentimento de fraternidade e justiça que os autores teatrais patrícios nos concederam ela tem alto significado: cumpre a REVISTA DA SEMANA uma tradição que se cultiva nesta casa desde o seu aparecimento, e através das várias direções que já teve. Não faz a direção atual mais que alimentar êsse culto pelas coisas da arte dramática em nossa terra. E' bastante lembrar que por ocasião das primeiras representações da famosa peça sacra de Eduardo Garrido, "O Mártir do Calvário", no Teatro Recreio Dramático, pela Companhia Dias Braga, já os seus primeiros aspectos fotográficos — e fotografia em revista era luxo naquele tempo — incluíndo o saudoso ator Olímpio Nogueira no papel de Jesus, em que se consagrou, foram aqui publicados. Isto no alvorecer do século. As gravuras desta página registram o acontecimento: ao alto, o escritor R. Magalhães Jr., vice-presidente em exercício, entrega ao nosso redator-chefe, Celestino Silveira — também sócio daquela entidade — o diploma de Sócia Honorária conferido à REVISTA DA SEMANA, vendo-se ao centro, o dramaturgo Viriato Correia, fundador da sociedade aniversariante. Em baixo, a reprodução do diploma. Vários oradores fizeram uso da palavra na solenidade: Bandeira Duarte, saudando Viriato Correia; Genolino Amado, saudando Gastão Tojeiro; Geysa de Bôscoli, saudando Antônio Quintiliano; Paulo Orlando, saudando Bastos Tigre; Paulo de Magalhães, saudando Fábio de Aarão Reis; Armando Gonzaga, saudando Raul Pederneiras, e, por fim, R. Magalhães Jr., saudando Oduvaldo Viana.



NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Coréia — um "test" para a Democracia 4/5
Uma campanha alegre (Sabino Canalini) 10/15
Ecos da Votação 16/17
O drama da apuração 19/21
Nos domínios da Umbanda (Abdias Rodrigues) 26/31

LITERATURA

Espirituosidade Matuta (Rogaciano Leite) 3
Semana Literária (Edmundo Lys) 6/7
Já vai Aruana (Ingrid Mueller) 24/25
Êle era triste por dentro (Afonso Celso de Oliveira) 32
A vida de Sarah Bernhardt (H. Dana — Lee Thomas) 34

ATUALIDADES

A TV em ação (Al Neto) 22/23
Como os russos conseguiram o segrêdo da bomba-atômica (John Walsh) 51

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 8
Personagem da Semana 8
Puxe pelo cérebro 9
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 46
Música (Roberto Lyra Fº) 47
Palavras-Cruzadas 49
Tudo isto aconteceu 55/57

HUMORISMO

Ilusões Perdidas (Théo) .. 18
Por favor (Nicodemus) 33

CINEMA

Fora da Tela 52/53

FOLHETIM

Entre a piedade e o amor . 54

FEMININAS

Na Praia 35
Copas modernas 36
Tôdas as horas 37
Noites de gala 38
Modelos exóticos 39
Quadriculados 40
Blusas e casacos 41
Week-End na Cozinha 42/43
Modelos Variados 42
Modelinhos 43

ILUSTRAÇÃO

Armando Pacheco

BONECOS

Rafael

FOTOS

Sabino Canalini — Nodge — Walter Morgado — Avulsas.

★

NA CAPA:

Wanda Bendrix

(Foto Universal-International)

Respostas ao teste

1—Jean Baptiste Debret
2—Servente de armas (Latim: servientes armorum)
3—Jupiter e Saturno
4—Vara
5—Gaeta do Rio de Janeiro .... (10.9.1808)
6—Principe Regente
7—À França (D. João VI a Napoleão)
8—Fundar um Império com toda a América do Sul
9—31.7.1821
10—Provincia Cisplatina
11—José de Barros Lima
12—Fuzilado (18.10.1817)
13—A permanência do Principe D. Pedro no Rio
14—Tenente-Coronel
15—José Bonifácio
16—Agosto de 1822
17—Um (D. Damaso)
18—Jeanne Antoinette Poisson
19—1789 (Assembléia Constituinte da Rev. Francesa, na Declaração dos Direitos do Homem)
20—A carnaubeira (Da qual tudo se aproveita).

Móveis — Tapetes — Cortinas



GRUPOS ESTOFADOS

ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS

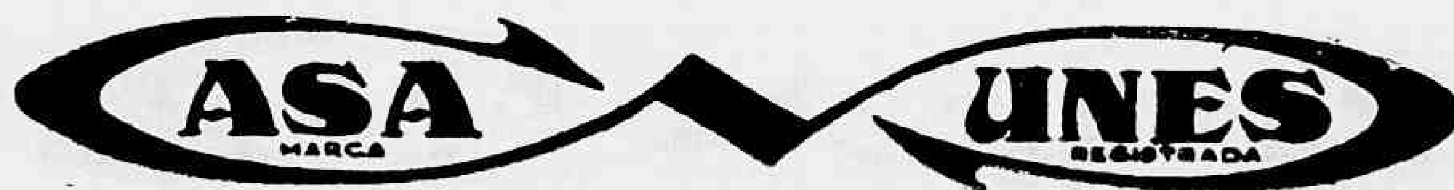
PRONTOS PARA ENTREGA IMEDIATA

GRANDE SORTIMENTO DE

TAPETES E PASSADEIRAS

LISOS COM FLORES

EM TODOS OS TAMANHOS



65 — RUA DA CARIOCA — 67 — RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

No Grande Hotel, em Guarujá, paraiso de férias da sociedade paulista.

Fugindo do borborinho da Capital, a sociedade paulista encontra em Guarujá a atmosfera ideal para as férias ou para um week-end... Em Guarujá, e onde quer que se reunam pessoas de bom gosto, V. encontrará Hollywood, o cigarro que é uma tradição da sociedade brasileira. Fumos escolhidos e hàbilmente combinados deram a Hollywood esta extraordinária reputação — e V. simplesmente não pode deixar de pertencer ao grupo elegante dos que fumam Hollywood.

cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto



Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

H-88.059